

LUCAS A. BOITEUX

CAPM. DE CORVETA



HISTORIA
DE
CATHARINA

MO DIDACTICO

ADA OFFICIALMENTE)



AVENIDA PAULISTA 820 TEL. 289.210 SAO PAULO

820

Itália

Parthenon

LUCAS A. BOITEUX

CAPM. DE CORVETA

••

HISTORIA

DE

SANTA CATHARINA

RESUMO DIDACTICO

(ADOPTADA OFFICIALMENTE)



Editora-Proprietaria

COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO

(Weiszflog Irmãos incorporada)

S. PAULO - CAYEIRAS - RIO

1913

MEC UFRJ BIBLIOTECA CENTRAL

981(816.4)

22811/79

No de ch de

KLING

OP 8 685 n

Fornecedor

Wixaua Parthenon Ltda

Forma de pagamento

compra

21/7/78

90,00

empenho

preço

União 18944

PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Como prologo desejo, apenas, tomar dois trechos d'outra de Emilio Faguet. Nada mais.

Diz elle: «... o amor da pequena Patria é a propria essencia do patriotismo, porque a pequena Patria é a que amamos instinctivamente e que não precisa de ser admiravel para ser admirada nem de ser amavel para ser amada».

E: «Póde o historiador não ser um patriota, mas, em que lhe peze, será um semeador de patriotas».

Foi assim pensando que me animei a escrever o presente livrinho. Que a sagrada semente, que procuro diffundir, caia em campo feraz é o meu maior anhelô.

Florianopolis, 2 de Maio de 1919

Lucas Alexandre Boiteux

DUAS PALAVRAS

A Companhia Melhoramentos de S. Paulo (Weiszflog Irmãos incorporada) com empenho digno dos maiores encomios e um fito dos mais alevantados, vem editando uma collecção, muito interessante e de grande utilidade, de pequenos manuaes, profusamente illustrados, de Historia regional de diferentes Estados brasileiros.

Desejando incluir agora na preciosa serie um resumo didactico da Historia catharinense, teve a gentileza extrema de bater á minha porta, a do seu mais apagado cultor, quando, com certeza, outras pennas mais aparadas e eruditas encontraria para versal-a.

Sobremodo honrado com o convite, tenho duvidas se soube corresponder á diligencia dos esforçados editores.

Não procurei fazer obra nova, mesmo porque o presente trabalho, approved pela Inspectoria geral do Ensino e adoptado pelo Governo, já se encontra incorporado á litteratura escolar do Estado.

Nessas condições procurei, apenas, expungil-o de pequenos erros e senões, corrigir-lhe falhas e demasias e, finalmente, actualizal-o, e assim pudesse receber as novas roupagens com que as primorosas officinas graphicas da casa editora sabe, com apurado gosto, envolver todas as obras que dellas promanam.

Meus desejos são que este desalaviado manual continue a prestar os mesmos serviços á mocidade estudiosa da minha terra e aos seus avisados e dignos Mestres como até agora tem acontecido, e que a sua divulgação seja o premio da bella e patriotica iniciativa dos Srs. Weiszflog Irmãos.

Rio de Janeiro, 11 de Fevereiro de 1930.

Lucas A. Boiteux
Capm. de Caveta

Decreto n. 1.267, de 21 de Julho de 1919

O ENGENHEIRO CIVIL HERCILIO PEDRO DA LUZ, VICE-GoVERNADOR,
NO EXERCICIO DO CARGO DE GoVERNADOR DO ESTADO
DE SANTA CATHARINA,

considerando que na Escola Normal ha necessidade de um compendio de Historia de Santa Catharina e que, segundo o parecer da Directoria da Instrucção Publica, a « PEQUENA HISTORIA DE SANTA CATHARINA », escripta pelo Capitão-tenente Lucas Alexandre Boiteux, satisfaz plenamente ás exigencias do programma da mesma Escola,

DECRETA:

Art. 1.º — Fica adoptada na Escola Normal Catharinense a « PEQUENA HISTORIA DE SANTA CATHARINA » do Capitão-tenente Lucas Alexandre Boiteux.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Hercilio Pedro da Luz

Palacio do Governo, em Florianopolis, 21 de Julho de 1919.

PARECER

« Florianópolis, 19 de Julho de 1919.

Exmo. sr. dr. Secretario do Interior e Justiça.

O nome do autor da « Pequena Historia de Santa Catharina », que por V. Exa. me foi apresentada para estudo, dispensa qualquer encomio sobre o valor da mesma obra considerada quanto ao assumpto.

Direi, pois, só do merecimento pedagogico da mesma: é escripta em linguagem bôa, clara e fluente, sendo a materia bem dividida e dosada.

E', a meu ver, um livro não só instructivo e util, senão tambem necessario, merecendo ser adoptado como livro de estudos dos alumnos da Escola Normal, cujo programma consigna, com especial desenvolvimento, pontos da historia de Santa Catharina.

Henrique da Silva Fontes

Director »

PARECER

« Inspectoria Geral do Ensino, Florianópolis, 25 de Setembro de 1918.

N. 2637 — Illmo. Sr. Secretario Geral.

Junto tenho a honra de apresentar a V. Exa. um trabalho didactico — « *Pequena Historia Catharinense* », organizada pelo Sr. Lucas Alexandre Boileux. Ha tempos, li, com a mais escripturlosa attenção esse trabalho, cujo assumpto, methodo expositivo e concatenação, a meu ver, constituem serios motivos, para que me lembre de pedir a V. Exa. a approvação e adopção da alludida Historia para uso dos alumnos dos quartos annos dos Grupos Escolares, das Escolas Complementares e da Escola Normal, nesta de accordo com o regulamento em vigor.

Para os primeiros estabelecimentos essa Historia irá prestar relevantes serviços, contribuindo poderosamente para facilitar a aprendizagem dos alumnos e o trabalho dos srs. Professores, que se limitarão, uma vez publicada a dita Historia, a amoldar aos respectivos programmas (dos Grupos e das Escolas Complementares) os assumptos enteixados na « *Pequena Historia Catharinense* ».

Saúde e Fraternidade.

O Inspector Geral do Ensino

Orestes Guimarães. »

O Descobrimento

1 — No ultimo quartel da Idade Média uma porfiada contenda, no perlustrar dos mares, vinha agitando as duas nações da Península Iberica.

Portugal, berço de marujos audazes, após promissores ensaios sobre as ondas várias, obtivêra do Summo Pontifice Romano o dominio absoluto de todas as terras de infieis, descobertas e por descobrir.

Amparados pela carta apostolica, os nautas lusitanos se foram distanciando dos seus rivaes em aventurosos cruzeiros sobre o *Mar tenebroso*; e, do seu seio, forrado de mysterios e lendas, arrancaram uma a uma as maravilhosas perolas, que se chamam Madeira, Açores, Cabo-Verde, Cabo da Bôa-Esperança, etc., com as quaes formariam o mais bello florão da sua coroa.

Em meio das grandes victorias maritimas, eis que apparece um homem propondo-se a alcançar pelo occidente um mais curto caminho para as Indias, do que o procurado pelos portuguezes ao sul da Africa.

Era o genovez Christovam Colombo, cujos serviços Portugal regeitára.

A Espanha, bem avisada, precisando enfrentar o crescente desenvolvimento maritimo e colonial do seu



Christovam Colombo

vizinho, abriu os braços ao genial piloto e, a 12 de Outubro de 1492, praticando o seu projecto, descobria Colombo a America, julgando ter alcançado a cubiçada India.

Conhecido na península o descobrimento do Novo Mundo, apresou-se o governo portuguez em levar o seu protesto á cõrte d'Es-panha e ao sólio pontificio.



Papa Alexandre VI

2 — O papa Alexandre VI (Borgia), para não desgostar as duas nações rivaes, ambas filhas amantissimas da Igreja, resolveu,

pela bulla de 4 de Maio de 1493, dividir entre ellas o mundo desconhecido por meio de um meridiano que passasse a 100 leguas de distancia a oeste das ilhas dos Açores.

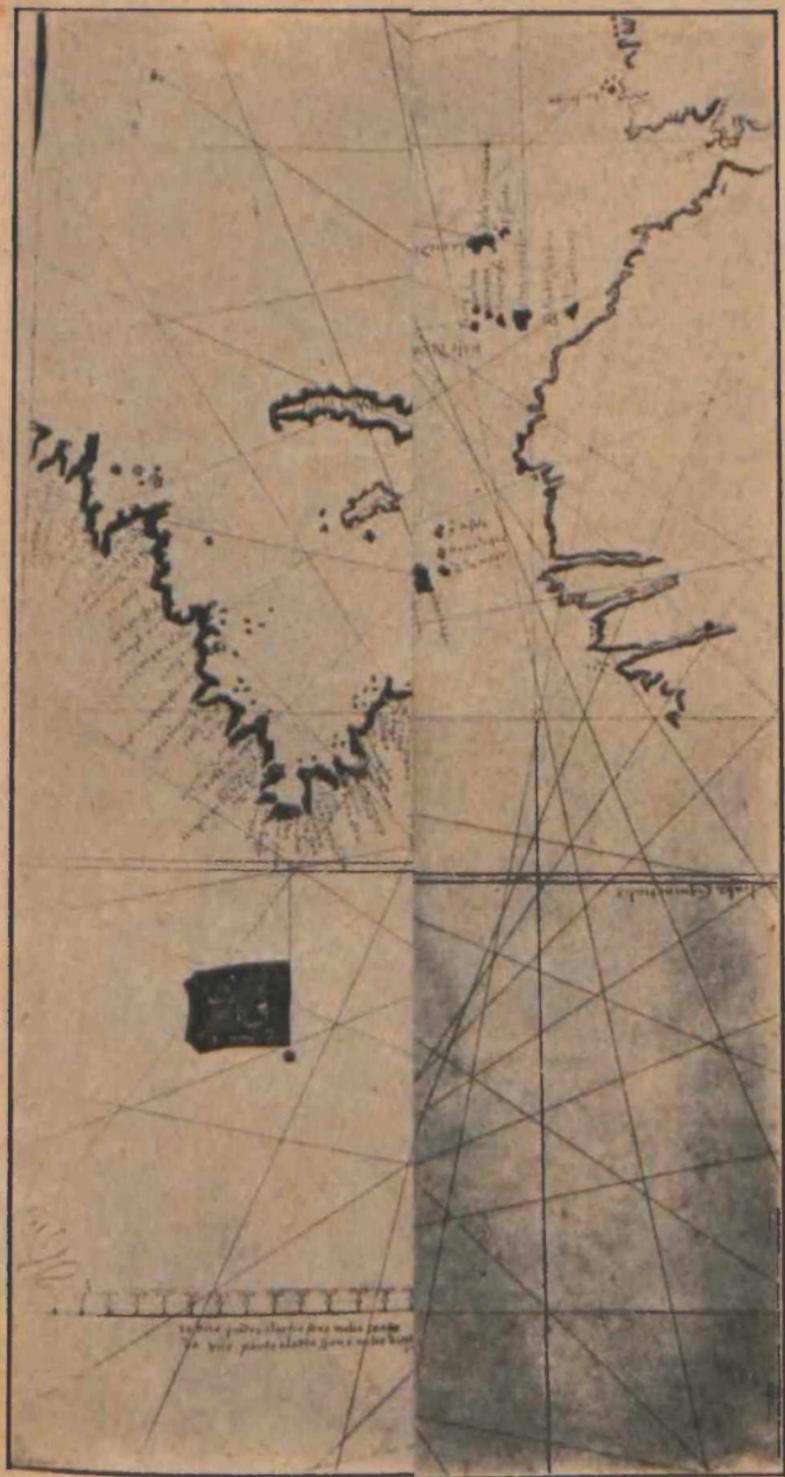
As terras ao occidente dessa linha caberiam á Es-panha; as do nascente a Portugal.

No anno seguinte, essa demarcação foi modificada pelo celebre Tratado de Tordesillas, de 7 de Junho, passando então a linha divisoria a ser fixada a 370 leguas ao poente da ilha mais occidental do archipelago do Cabo-Verde. Devido á sua pouca clareza, falta de precisão e muitas outras falhas na redacção, esse tratado nunca chegou a ser cumprido. Entretanto, em torno d'elle girou a politica expansionista das nações sul-americanas, herdeiras naturaes do imperio colonial luso-espanhol.

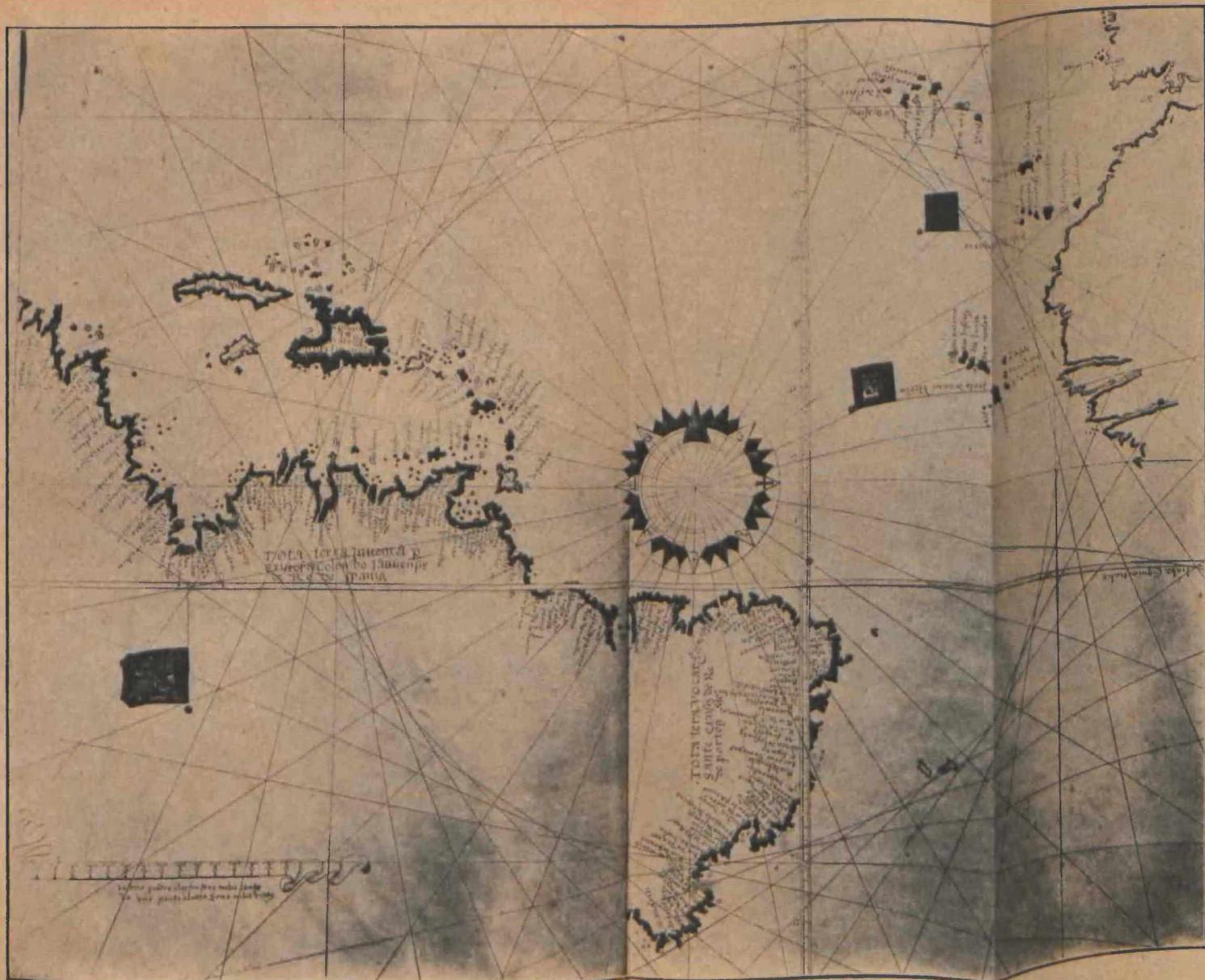


Vasco da Gama

3 — Afinal, após innumeradas e desalentadoras tentativas, em 1498, o grande almirante Vasco da Gama, á testa de cinco navios, conseguia realizar o sonho portuguez dobrando o cabo das Tormentas, hoje Boa-Es-



Mappa da 1495



Mapa dos limites das terras conquistadas por Portugal e Espanha, conforme o tratado de Tordesillas em 1495

perança, e alcançar as Indias, onde estabeleceu as bases do imperio colonial do seu paiz.

4 — Descoberta a America, intrepidos nautas atiraram-se ás ondas tredas do oceano em demanda de novas terras, de novas conquistas.

Aos 20 de Maio de 1499 partiam do porto de Santa Maria, na Espanha, os pilotos castelhanos Alonso de Ojéda, Juan de la Cosa e o cosmographo florentino Amerigo Vespucci, então mais conhecido como mercador do que como navegador. Em fins de Junho avistaram terras brasileiras aos 5 graus de latitude sul. Seis mezes após, a 26 de Janeiro de 1500, Vicente Yanez Pinzon reconhecia o cabo de Santo Agostinho.



Amerigo Vespucci

Pouco depois, nas mesmas paragens aportava uma expedição chefiada pelo piloto espanhol Diego de Lépe.

5 — Juan de la Cosa, ao regressar de sua viagem, desenhou um mappa (1500) da região visitada, prolongando muito para o sul o perfil da costa, carta marítima essa que, ainda hoje, se conserva como preciosa reliquia.

Em um *fac-simile* desse monumento cartographico, encontramos, proximamente na nossa latitude, um ponto assinalado com o nome de *Terra de Sant'Anna*, denominação que, por longo tempo, se manteve ligada á costa catharinense. Essa expedição, entretanto, não ultrapassou os 5º de latitude sul. Provavelmente tal denominação não é mais do que uma interpolação posterior e, talvez, de autoria de A. Vespucci.

6 — Aberto o caminho para as Indias, mandou el-rei d. Manuel, o *Venturoso*, uma forte armada, sob o commando do Almirante Pedro Alvares Cabral, assegurar o dominio portuguez sobre aquellas riquissimas paragens.

D. Manuel, o *Venturoso*

Pedro Alvares Cabral

Partiu a frota de Lisboa a 9 de Março de 1500. Depois de refrescar em Cabo-Verde, onde refez a aguada e tomou vitualhas, levantou de novo ancoras, já desfalcada de um navio, seguindo o rumo de sudoeste, afim de evitar as calmarias malsans do golpho de Guiné. Pela tarde de 22 de Abril o gageiro da capitanea lobrigou terra, já prenunciada pela approximação de passaros e troncos de arvores arrastados pelas aguas. O cimo arredondado de um monte — então denominado *Paschoal* — esbatia-se no horizonte, emergindo da planura ondulante. E pouco a pouco os recortes das montanhas, a vegetação exuberante, o colorido forte das florestas densas, as praias recurvas e alvadias, um *Porto-Seguro* afinal, se foram destacando esplendentes de belleza, abrindo-se como braços hospitaleiros ao encontro de um amigo. A terra descoberta foi julgada uma ilha e chamada *Vera-Cruz*, depois *Santa-Cruz*; denominação que, com o tempo, foi substituída pela de BRASIL, em razão da abundancia de certa madeira de tinturaria, cuja coloração muito se approxima á de uma brasa viva. Essa preciosa madeira era conhecida entre os selvicolas pelo nome de *Ibira-pitang*, que significa — madeira vermelha, e a ella devemos, nos primeiros tempos, o nosso crescente desenvolvimento commercial.



Porto Seguro

7 — No dia seguinte, pela manhã, um piloto foi mandado reconhecer a terra. Dias depois baixavam a ella o Almirante e sua comitiva e, em pequeno e escalvado ilhote, denominado *Corôa Vermelha*, foi rezada a primeira missa no Brasil.



Arvore do Pau-brasil

Mais tarde, após terem levantado uma robusta cruz e os padrões de posse em nome d'el-rei, foi cantada uma missa solemne pelo Capelão da frota, Frei Henrique de Coimbra, cerimonia que teve a assistencia curiosa dos tanados brasis.

Lembrarei que a representação desse imponente acto religioso em bellissima tela, onde a gamma do colorido se casa á perfeição do desenho, cabe ao pincel do grande pintor catharinense Victor Meirelles de Lima.



A segunda missa Quadro de Victor Meirelles

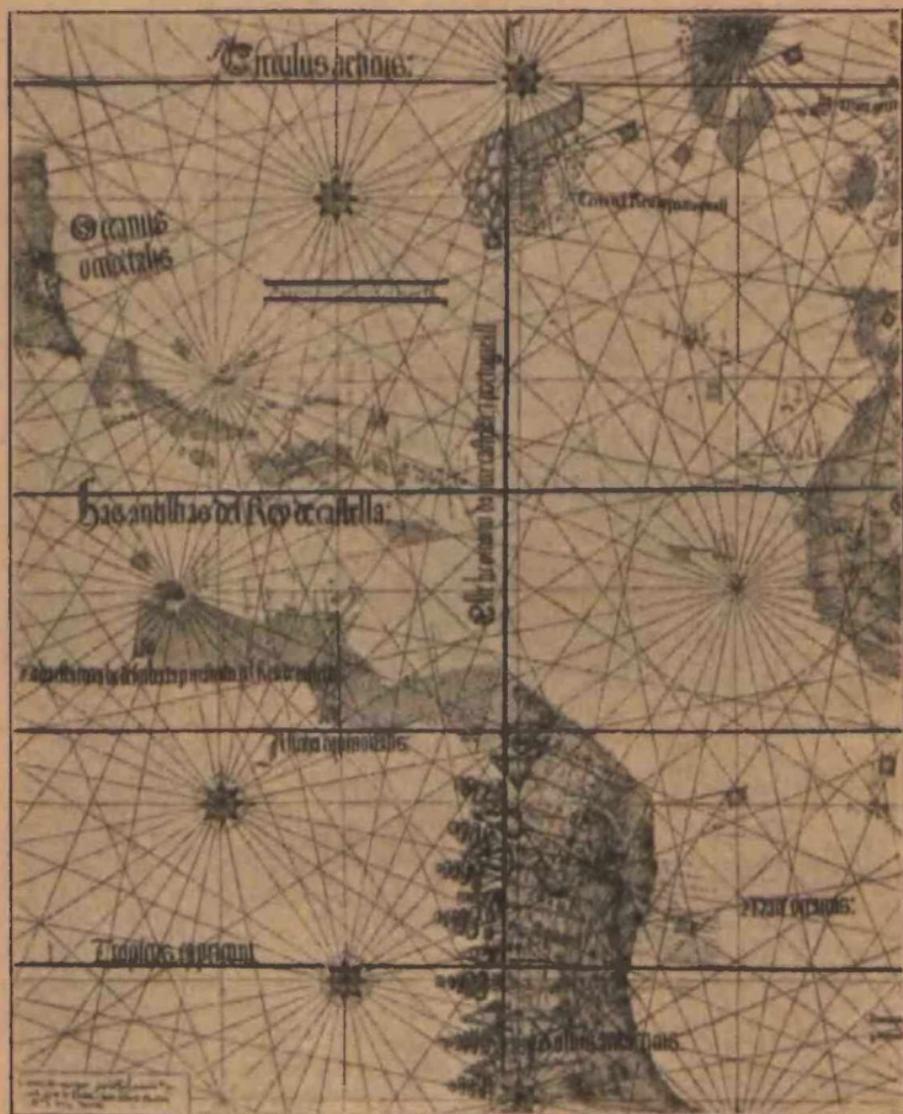
Após curta demora, a frota de Cabral velejou para o seu destino, deixando em terra dous degradados e dous grumetes desertores.

8 — Logo que a Lisboa chegou o navio despachado pelo Almirante, com a noticia do encontro de novas terras, d. Manuel mandou aprestar uma expedição afim de reconhecê-las. A 10 de Maio de 1501 zarpavam tres naus sob a chefia de André Gonçalves, trazendo como cosmographo Amerigo Vespucci, cujo nome, por uma irrisão da sorte, veio ligar-se indevidamente ao Novo-Mundo.

Aleçaram terras brasileiras



Victor Meirelles



A America do Planispherio de Cantino, 1502

a 7 de Agosto e, fazendo escala pelos seus portos, surgiram em Janeiro do anno seguinte em Cananéa.

Ahi demoraram-se cerca de um mez. Continuaram a velejar para o sul até a latitude de 32°, de onde

regressaram. A 4 de Setembro do mesmo anno fundeavam no Tejo.

O resultado dessa viagem está assignalado no planispherio de A. Cantino (1502) onde figura o nome de *Santa Martha* (29 de Julho) em nossa costa.

Admittida a interpolação posterior (*Terra de Sant'Anna* — 26 de Julho) no mappa de La Cosa (talvez mesmo feita pelos pilotos da frota de que nos occupamos), vemos que o descobrimento da costa de Santa Catharina foi realizado pelos navios de André Gonçalves e Amerigo Vespucci em Julho de 1502.

9 — Os navios da epocha do descobrimento constavam de naus, galeões, galés e caravellas.

As *naus* e *galeões* eram navios pesados, solidos, bojudos, de alto bordo, armados de dons ou tres mastros, com velas redondas e latinas.

Carregavam alguma artilharia. As *galés* e *caravellas* eram embarcações mais razas, pequenas, leves e elegantes, com velas latinas, de bom andar e facil manobra. Singravam 6 a 7 milhas por hora.

Deslocavam de 100 a 230 toneladas e eram artilhadas de canhões ligeiros.



Caravella



II

A Terra Catharinense

1 — Sendo a Geographia a mais dedicada collaboradora da Historia, temos necessidade de mostrar, em traços geraes, a constituição physica e politica deste privilegiado rincão, campo de actividade de uma parte





ESCALA 1:2.800.000

224 Kilometros

do povo brasileiro, antes de entrarmos na narrativa singular dos factos historicos dentro de suas raias desenrolados.

2 — O Estado de Santa Catharina, situado na zona temperada da America Meridional, é parte integrante da grande Republica dos Estados Unidos do Brasil, como um dos seus 21 estados confederados.

3 — Todo o seu territorio é constituido por uma massa continua e compacta de terras uteis e feraces, de fórma irregular. A sua largura média é quasi um terço do seu comprimento mediano. Acha-se o Estado comprehendido, no littoral, entre as latitudes austraes de 25° 50' e de 29° 20'.

Seus confins a oeste se encerram entre as latitudes meridionaes de 26° 07' 53" e de 27° 09' 56", 40.

Delimitam o seu maior comprimento lés-oeste os meridianos extremos de 48° 27' 30" e de 53° 59' oeste de Greenwich.

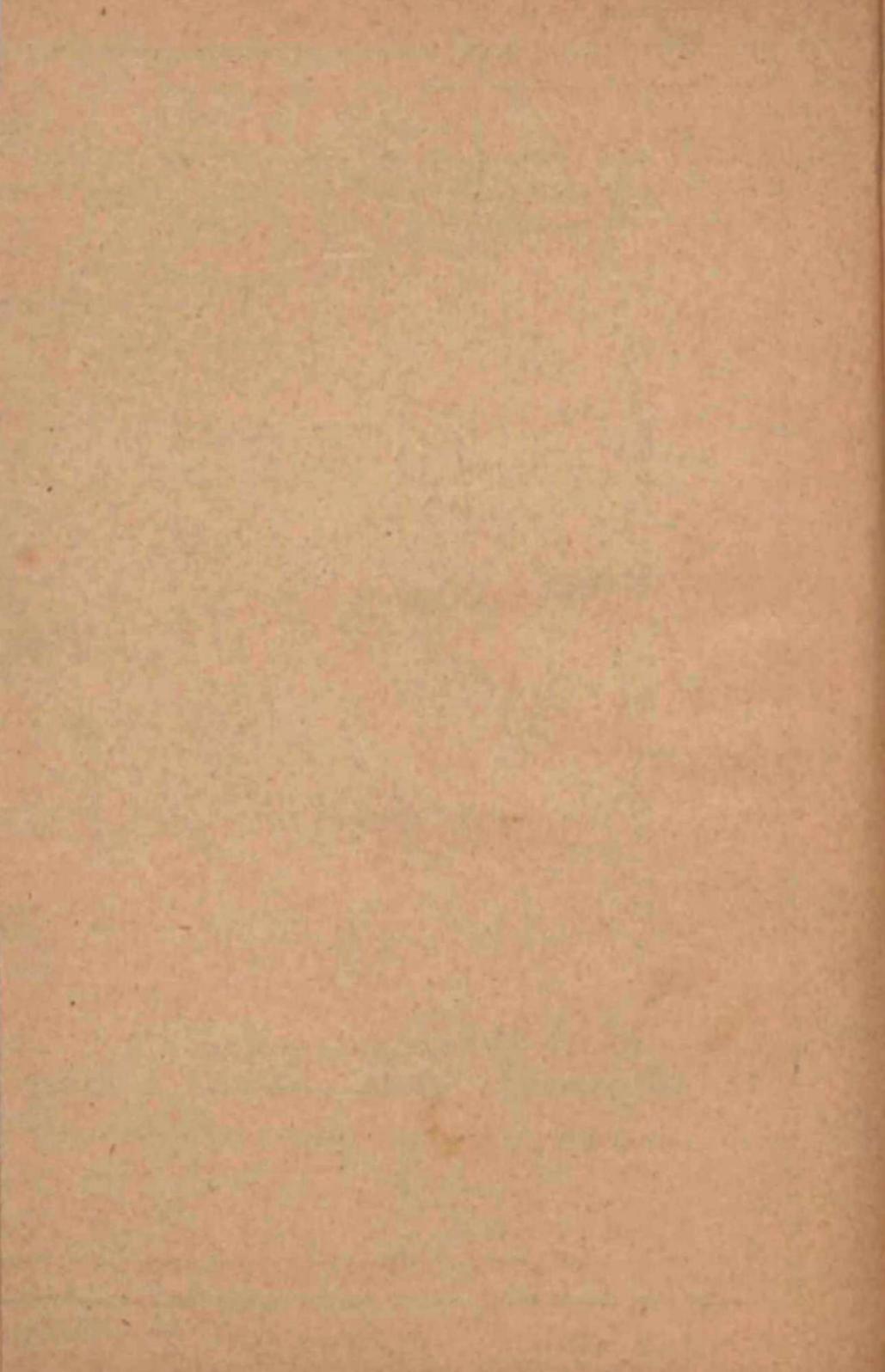
Theodoro Sampaio, no seu «Atlas do Brasil», dá para maior largura do nosso Estado 350 kilometros, e para comprimento extremo 562 kilometros.

4 — A área do Estado, até os nossos dias, não foi cabalmente determinada. Aceitamos aqui o calculo do professor dr. Henrique Fontes, que a avalia em 92.610 kilometros quadrados. Em superficie territorial, pois, occupa o Estado o 16° lugar entre os demais da União; e é 92 vezes menor do que o Brasil. Tem maior área que varias nações: Belgica, Hollanda, Portugal, Suissa, Grecia, Costa-Bica, S. Salvador, Panamá, S. Domingos, Haiti.



Dr. Henrique Fontes

5 — Os limites de Santa Catharina sempre foram assignalados



por accidentes naturaes notaveis, fixados em documentos historicos de alto valor.

Apezar disso, até bem pouco tempo um terço do territorio do Estado foi tenazmente disputado pelo Paraná, muito embora luminosos accordãos do Supremo Tribunal Federal tivessem proclamado o nosso direito.

Esse territorio contestado havia sido accrescido de 30.108 kilometros quadrados, reivindicados á Argentina na questão das Missões, graças aos luminosos estudos de Rio Branco.

A nossa contenda foi resolvida, afinal, pelo accordo de 20 de Outubro de 1916.

O Rio Grande do Sul tambem contesta um trecho de nossas rajas meridionaes. Ulfimamente, porém, um entendimento entre os presidentes Adolpho Konder e Getulio



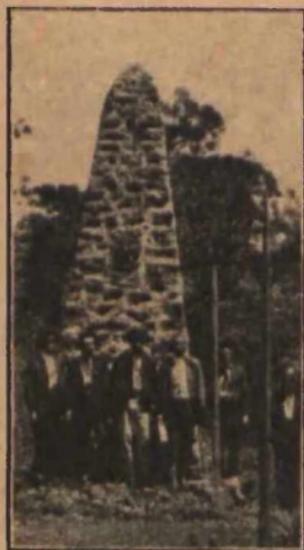
Barão do Rio Branco



Ponte da E. F. São Paulo - Rio Grande em Porto União

Vargas nos dá a esperança de vêr definitivamente solucionada a questão.

6 — Confronta o Estado: — Pelo Norte, com o Paraná, começando a extrema, no littoral, á foz do rio Sahy-guassú, subindo pelo seu álveo 16.453 ms.; d'ahi por uma recta a alcançar a cabeceira mais alta do rio Cachoeira; desce por esle até a sua embocadura no rio Negro e pelo caneiro deste continúa até encontrar o rio Iguassú; segue pelo álveo deste até alcançar, em Porto-União, a ponte metallica da Estrada de ferro S.



Marco divisorio
Brasil-Argentina
em Barracão

Paulo-Rio Grande; prosegue pelos eixos da dita ponte e da linha ferrea até a sua intercepção com o eixo da estrada de rodagem, que liga Porto-União a Palmas; avança pelo eixo dessa estrada até encontrar o rio Jangada e pelo álveo deste até as suas cabeceiras do campo e d'ahi em linha recta na direcção do meridiano até sua intercepção com a linha divisoria das aguas dos rios Iguassú e Uruguay, e por este divisor de aguas, na direcção geral de oeste, até encontrar a linha que liga as cabeceiras dos rios Santo Antonio e Peperi-guassú, na fronteira argentina. (Art. II do Acordo de 20/X/1916).

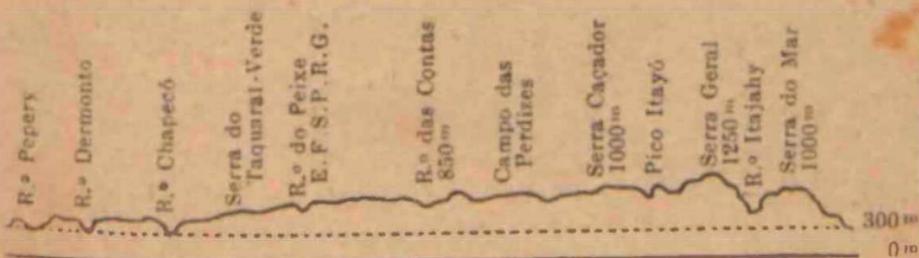
A Léste limita-se com o Oceano Atlantico. Ao austro confina com o Estado do Rio Grande do Sul, correndo a linha fronteiraça pelo caneiro dos seguintes rios, a partir do littoral: Mampetuba, Verde ou Gloria (que é o prolongamento do proprio Mampetuba); das nascentes deste segue pelo cubatão da Serra do Mar até encontrar as cabeceiras do rio Barrocas; continúa por este até o rio dos Touros; acompanha o álveo deste até o Cerquinha ou Contas; toma o Pelotas, depois o Uruguay até a foz do Peperi-guassú.

A Oêste, com a Republica Argentina pelo rio Peperi-guassú e pela linha que liga suas vertentes ás do Santo Antonio.

7 — «O Estado de Santa Catharina — diz Vieira da Rosa — é muito accidentado e podemos assegurar que, a não serem os pequenos valles de nossos rios e esses diminutos campestres de alluvião marinha, todo o territorio offerece ladeiras ingremes». Póde ser elle perfeitamente dividido em tres zonas distinctas: insular, littoranea e serrana. A primeira comprehendendo a ilha de Santa Catharina e todas as outras que bordam a costa, na sua maioria de base granitica ou basaltica e cobertas de vegetação luxuriante. A segunda comprehendida entre o Oceano e a Serra do Mar, faixa relativamente estreita composta de varzedos, campestres, praias, banhados e uma successão de montes nemorosos, que se vão elevando á proporção que se afastam do ribamar.

A terceira, finalmente, enquadrada entre a Serra do Mar e as nossas lindes occidentaes, compõe-se de uma «serie de montanhas, mamelões e collinas, pequenos divisores de aguas ou simples morros isolados, arborizados na sua maioria, pelo menos nos valles e canha-das» — descreve o autor citado.

8 — O relevo catharinense é caracterizado por duas notaveis cadeias de montanhas, que atravessam o Estado e são a Serra do Mar e a Serra Geral, com seus inumeros contrafortes e ramificações.



Perfil do Estado nos 27º lat. sul

(apud. C. Marcial — Campanha do Contestado)

As maiores altitudes de seus picos mal alcançam 2.000 metros (Campo dos Frades) sobre o nível do mar.

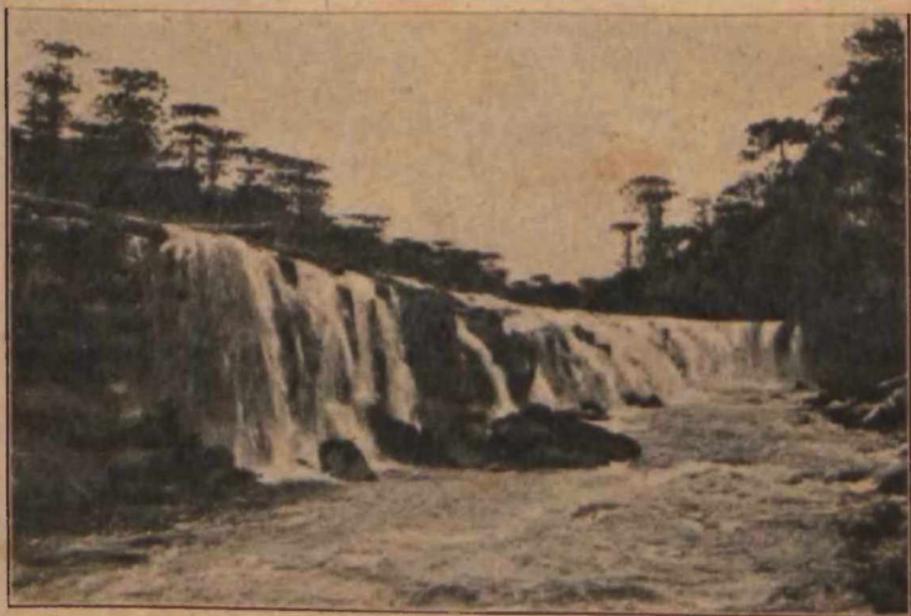
Entre outras notáveis montanhas do Estado, destacam-se as serras do Oratorio, Pulpito, Tijucas, Inaruby, Mãe-Luzia, Cambirella (900 ms.), Ribeirão (600 ms.), Taboleiro, Bahu, Sant'Anna, Ajurapéa, Fartura, Iquiriri, etc.

9 — O Estado não possui verdadeiramente planícies; entretanto, dispõe em muitos pontos de apreciáveis campos, tanto no littoral como na região serrana.

Temos os campos: Erê, Boa-Vista, de Lages, Pinheiros, Una, Araçatuba, Ressacada, etc.

10 — O seu territorio é profusamente regado. A Serra Geral divide o Estado em duas vertentes.

Os rios principaes encontram-se na vertente occi-dental, como o Iguassú, o Negro, o Pelotas, o Canoás, o Uruguay, o Canoinhas, o Chapecó, o Peperi-guassú.



Salto do Rio do Peixe

OS PRINCIPAES MORROS DO ESTADO DE SANTA CATHARINA



Nivel do Mar

A vertente oriental é mais modesta em rios volumosos e de mais longo curso; destacam-se os seguintes: Cubatão, Itapocú, Itajahy, Tijucas, Biguassú, Inaruhy, Embahu, Una, Tubarão, Urussanga, Araranguá e Mampetuba.

11 — E' pobre o Estado em lagos, mesmo assim apresenta um bom grupo de lagoas de grande belleza e assaz piscosas.

A mais importante é a conhecida por Laguna e se communica com outras proximas, como a de Maruhy, Santa Martha, Camacho.

Na zona littoranea do sul figuram as lagoas dos Armazens, Manteiga, Jaguaruna, Estevam, Caverá e Sombrio.

Na ilha de Santa Catharina destacam-se tres: Lagoa, Pery e de Léste; em S. Francisco encontram-se as lagoas de Saguassú e de Acarahú.

12 — Poucos dos nossos estados têm sua marinha povoada de tantas e tão risonhas ilhas como o nosso.

As principaes são: Santa Catharina, S. Francisco, Arvoredo, Galé, Macucos, Paz, Graça, Tamborettes, Remedios, Mel, Deserta, Coral, Lobos, Francez, Anhatomirim, Ratonés, etc.

13 — Conta a sua pinturesca e entretalhada costa quarenta e tantas articulações capazes de receber e abrigar grandes embarcações.

A começar do norte, salientam-se: S. Francisco, Itapocuroy, Itajahy, Camboriu, Porto-Bello, Caixa d'Aço, Zimbros, Tijucas, Ganchos, Armação da Piedade, Canasvieira, as duas bahias de Florianopolis, Pinheira, Garopaba, Imbétuba e Laguna.

14 — O clima do Estado é muito benigno e assaz saudavel. As estações são relativamente caracterizadas. As terras baixas do littoral apresentam-se, no geral, quentes e humidas, o que não acontece em maiores altitudes. A salubridade da terra é proverbial.



Gauchos — Vista actual

15 — O solo e o sub-solo catharinenses são assaz privilegiados; grandes riquezas, infelizmente ainda não exploradas, se accumulam como futuras reservas.

Encontram-se minas abundantes de carvão de pedra, de ferro, manganez, antimónio, ouro, prata, chumbo, e ricas jazidas de marmore.

Suas florestas encerram innumeras especies de preciosas madeiras, como: cedro, jacarandá, cabiuna, garuva, sassafras, ipê, pinho, imbuya, bracatinga, caáporoca, pindábuna, peroba, louro, garapuvú, lucurana, canella, aroeira, subrajú, angelim, angico, oleo, guatambú, genipapo, olandim, figueira, caxeta, guamirim, etc., proprias, em sua maioria, para a construcção civil e naval.

A herva mate viceja com assombrosa pujança e a sua extracção é hoje uma das fontes de renda do Estado. A flora cosmopolita encontra entre nós os



Floresta de Santa Catharina — Viagem de Lesson, 1822

elementos indispensaveis ao seu propicio desenvolvimento.

16 — A sua fauna, do mesmo modo, quer terrestre quer maritima é bem notavel. Destacaremos: o bugio, o macaco, o morcego, o tigre, a onça, o guará, o aguara-chain, a irara, a lontra, o quali, lobo marinho, paca, anta, capivara, gambá, latú, preá, veado, ouriço, cutia, tamanduá, lagarto, jacaré, etc. Entre as aves: gavião, urubú, coruja, andorinha, araponga, urú, inhambú, colhereiro, garça, jacú, jacutinga, gralha, sabiá, tangará, picuman, sanhassú, tiê, canario, gaturamo, gaipava, curruira, tico-tico, bem-te-vi, jurity, gaivota, coleiro, papagaio, periquito, maitaca, etc.

Em aguas catharinenses figuram a baleia, o tubarão, os cações, o espadarte, o mero, a garoupa, pescada, anchova, tainha, sororoca, robalo, abrote, boto, sargo, espada, e muitos outros.



Ilha de Santa Catharina, 1837. F. Denis

17 — Innumeras fontes thermaes, possuindo propriedades therapeuticas assaz preconizadas, brotam em varios pontos do Estado.

18 — A população do Estado é, presentemente, (1930) computada em 760.000 almas. O professor Henrique Fontes, em consciencioso trabalho que publicou dá para razão média do crescimento annual 272 por 10.000.

19 — Politicamente é o territorio do Estado repartido em trinta e cinco municipios, assim denominados: Araranguá, Bom-Retiro, Biguassú, Blumenau, Brusque, Camboriú, Campo-Alegre, Campos-Novos, Chapecó, Crescuma, Cruzeiro, Curytibanos, Florianopolis, Imaruhy, Imbétuba, Itajahy, Itayopolis, Joinville, Lages, Laguna, Mafra, Nova-Trento, Orleans, Ouro-Verde, Palhoça, Paraty, Porto-Bello, Porto-União, S. Bento, S. Francisco, S. Joaquim, S. José, Tijucas, Tubarão e Urussanga.



III

Os Aborigenes

1 — Vimos já o ribamar catharinense desvendado ao mundo por destemidos nautas.

As terras, todavia, não eram ermas nem deshabitadas. Uma raça de homens fortes, tanados e selvagens povoava não só a orla maritima como tambem o sertão ignoto e aspero.

Quando as prôas das galés e caravellas lusas e castelhanas alcançaram as plagas do Brasil meridional, no tracto comprehendido entre os rios Sahy-guassú e Mampetuba, que delimitam hodiernamente a zona littorea do

Estado, encontraram-nas, como todo o resto da costa continental, povoadas por uma raça estranha.

A pergunta natural, espontanea, que affluiria aos labios de Colombo, de Cabral e dos nautas e conquistadores primitivos, ao contemplarem aquellas creaturas aselvajadas, foi certamente: — «De onde proviriam taes homens?» A mesma pergunta fazemos hoje, quatro seculos decorridos, sem obtermos uma resposta cabal, satisfactoria, definitiva.

Não nos deteremos em examinar as hypotheses formuladas por espiritos superiores sobre assumpto tão vasto e controverso. Faremos, apenas, um apanhado geral sobre a origem, os caracteres geraes da raça, que da nossa terra foi senhora, dos seus usos, costumes, crenças e destino.

2 — A anthropologia classifica o genero humano em quatro grandes ramos: 1) Caucásico ou Branco, o mais moderno e contemporaneo dos primeiros gelos; 2) Mongol ou Amarello; 3) Americano ou Vermelho; e, finalmente, o 4) Africano ou Negro, o mais antigo.

3 — Ao terceiro ramo citado pertencia o povo que habitava o Brasil.

Pelos vestigios até hoje encontrados, suppõe-se ter elle apparecido no principio da epocha quaternaria nos elevados planaltos da cordilheira andina ou no mesmo macisso central do Brasil, a terra emersa mais antiga do globo, e no seu lento evoluir se foi espraiando pelas planicies circumvizinhas.

Essa raça primitiva, autochtone, é, ao parecer de varios scientistas, a conhecida pelo nome de *abá-una*, que significa gente preta. Em determinados pontos conservou-se pura: mas em outros, encontrando correntes migratórias de outros povos, provindos do nascente e do poente, com elles se foi mesclando.

Do caldeamento com povos brancos e amarellos se originaram duas sub-raças: a dos *Tupis* e a dos *Gés* ou *Crans*.



Dansa religiosa dos Tupinambás

Na epocha do descobrimento a primeira era representada pelas tribus: *Tupinambá*, *Tupinhaên*, *Tupinakin*, etc.

A familia *Tupi*, ao sul do Brasil, tomou o nome de *Karani*, *Guayani* ou *Guarani*, que significa o guerreiro, o luctador.

4 --- Uma esmaecente tradição desses selvicolas nos conta que, em tempos remotos, aportara ás plagas brasileiras, uma embarcação trazendo os dous irmãos *Tupi* e *Guarani* em companhia de suas mulheres. A embarcação procedia do ribamar opposto.

Assenhorearam-se os dois das novas terras e nellas por longos annos viveram em bôa paz e abastança, rodeados de immensa prole. Os *Gés* ou *Crans*, representados pelos *Guayanãs*, *Caingangas*, *Coroados*, *Xocrens*, etc., seus inimigos ferozes, iam sendo impellidos para o sertão.

Certo dia, devido á bella plumagem e aos encantos de um papagaio assaz palrador, funda discordia se cavou entre as duas cunhadas pela posse da formosa ave.

Não chegando a um accordo, resolveram, então, os dous velhos chefes separar-se: *Guarani* com os seus caminhou para o sul, a começar de Cananéa, estendendo-se *Tupî* e sua gente para o septentrião.

5 — Segundo o dr. Theodoro Sampaio «os Tupi dominavam além do littoral o valle do Paraná-Paraguay na sua média zona onde se limitavam com outras nações de procedencia andina e lançavam colonias atravez dos valles do Araguaya, Tapajoz e Madeira, alcançando o Amazonas cujo curso disputavam e partilhavam com outros povos desde a foz até grande extensão em direcção às cabeceiras, e ainda para além das Guyanas, no vale do Orinoco, e nas Antilhas entre os *Carahibas*, se encontravam representantes delles». Denominavam seus contrarios — *Tapuyas*, isto é, barbaros, estrangeiros.



Signes de ataque dos coroados



Índio Guarani

6 — A raça *Tupî-Guarani* apresentava uma estatura mediana, tendendo mais para a baixa. A coloração do pigmento era a de canella. Tinham os membros vigorosos e bem proporcionados, os pés e mãos pequenos, o peito largo, a face um tanto quadrada, apresentando um rosto largo e angular, accentuado pelas saliencias das zygomas. A fronte era

baixa, as orbitas e os mollaes salientes; olhos pretos, vivos, penetrantes e ligeiramente obliquos; nariz levemente achatado; cabellos negros, lisos e bastos. A barba era escassa. As mulheres externavam fôrmas bem regulares e delicadas e, no conceito de Pero Vaz Caminha, escrivão da frota de Cabral, muitas dellas faziam até inveja ás moças de Lisboa.

7 — Povo profundamente guerreiro, amava immenso a liberdade. Os *Tupis-Guaranis* apresentavam o ca-



Ataque a uma taba

racter taciturno, conversavam em voz baixa e sorriam apenas. A gargalhada franca, estrondosa, despejada do africano, nunca abalou a taba dos nossos aborigenes.

Ageis, desconfiados, astutos, generosos e hospitaleiros. Provocados, porém, a desforra, a vingança feroz era certa. Preferiam quasi sempre a morte á escravidão. As mais terriveis vicissitudes da existencia, o proprio sacrificio da vida, supportavam com imperturbavel gallardia.

Inmolavam bastas vezes o inimigo, manifestando então instinctos canibaes: devoravam as victimas com um ritual apavorante, em que tomava parte toda a tribu.

8 — Falavam uma lingua agglutinante, harmoniosa e de rico vocabulario. Chamavam-na *Abá-nhênga* ou *Nhêen-gatu*, isto é, lingua de gente ou lingua boa, em contraposição á dos seus inimigos, por elles denominada *Nhêen-gaíb* ou lingua má.

O idioma guarani, conhecido entre os conquistadores por *Lingua-geral*, alcançou grande voga entre os colonos portuguezes e a sua acceitação foi tal que, se não fôra a Provisão de 12 de Outubro de 1727, elle eliminaria por completo de nossas plagas a lingua da metropole.

9 — Tinham rudimentos de um regimen social. Cada tribu era governada por um maioral — *mirubi-chaba* — com grande prestigio em tempo de paz e com autoridade absoluta na guerra.

A dignidade do chefe nem sempre era hereditaria; quando electiva, recahia geralmente no mais denodado e vigoroso. O maioral distinguia-se dos demais por um diadema de pennas de uma só cor, vivia a parte e tomava as refeições em separado.

Castigava certos crimes com pena de morte. Antes de tomar qualquer deliberação, costumava reunir um conselho. Os tupis-guaranis adoptavam, em regra geral, a polygamia. O homem destinava-se á guerra, á caça e á pesca; a mulher applicava sua actividade nos serviços domesticos, no plantio e colheita das roças, na fabricação de utensilios e instrumentos indispensaveis á *ôca*. Era, afinal, a mulher mais uma escrava do que uma companheira carinhosa. Os casamentos se faziam muito cedo.



Chefe de uma tribu.



Indios caçando

10 — Andavam desnudos, usando, apenas, um cinto de penas ou de pelles; no inverno ou nos climas mais frios do sul cobriam-se com uma especie de manto de pelles e penas.

As mulheres vestiam uma camisa sem mangas, tecida de algodão, chamada *tipoy*.

Viviam em ranchos ou cabanas, *óca*, agglomeradas em aldeias, *tabas*, á beira de algum rio, protegidas por fortes estacadas, *caizára*. Alimentavam-se de caça, peixe, raízes, fructos e mel silvestre. A sua incipiente agricultura constava do plantio de mandioca, aipim, abóbora, amendoim, inhame, cará, milho, feijão e algodão. Na caça e na pesca empregavam o arco e a flexa, toscos anzóes, *pindá*, redes, *puçá*, còvos ou *munjuás* e outros engenhos originaes como o *mundé*, a *arapuca*, a *arataca*, etc.

Conheciam o uso do fogo, *talá*, e a ceramica; comiam os alimentos mal cozidos ou assados.

Do mel silvestre e do milho preparavam uma



Preparação do cauim

beberagem alcoólica, chamada *abatí*, e do cajú o *cauim*.

Com a gordura de certos peixes fabricavam uma espécie de manteiga e com a massa da mandioca faziam farinha, *cui*, e bolos, *beijú*. Não usavam o sal como condimento.

Eram os guaranis habéis e valentes canoieiros e nadadores. As suas embarcações, *igára*, ou *ubá*, eram feitas de casca de certas arvores, ou excavando grossos madeiros com seus machados de pedra e por meio do fogo. Usavam remos curtos e de pá.

11 — Não possuíam os nossos selvicolas verdadeiramente uma religião. Supersticiosos em extremo, tinham a crença aferrada a dous principios oppostos. *Tupá*, espirito benefico, e *Anhangá*, entidade maligna; a esta attribuiam sempre todas as suas enfermidades e desgraças. Acreditavam ter sido o sol, *Guaraci*, o creador de todos os viventes; *Jaci*, a lua, a creadora dos vegetaes; *Rudá* ou *Perudá*, o deus do amor, da reprodução da especie.

Entre elles existiam certos adivinhos, mixto de sacerdote, medico, conselheiro e bardo. Eram os *Pajés*. Dictavam presagios, propinavam medicamentos, faziam ensalmos, davam conselhos, guardavam as lendas e a historia da tribu, cantavam, emfim, seus feitos guerreiros.



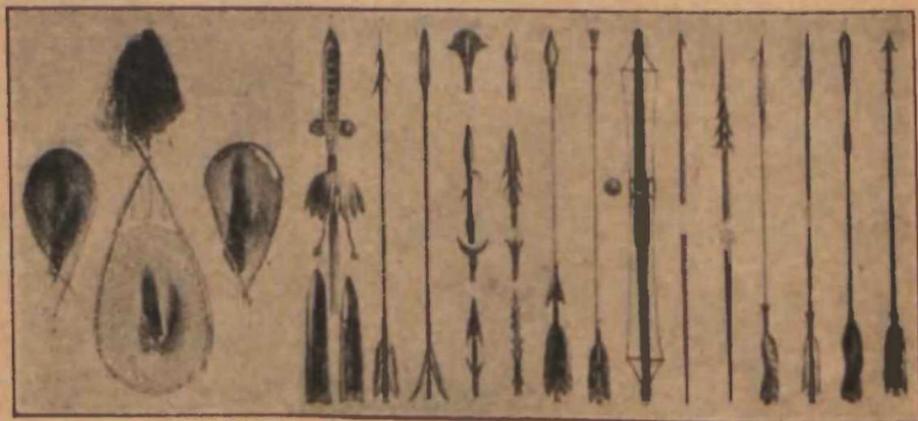
Urna

Os mortos eram enterrados com suas armas ou inhumados em grandes urnas de barro, *camocim*. Acreditavam na vida futura, suppondo que uma nova existencia se desenrolava para além das *Montanhas azues*.

Guardavam a tradição do diluvio e do salvamento de um seu Noé, que chamavam *Tamandaré*.

Tinham rudimentar conhecimento do curso de certos astros, das phases da lua, pelas quaes contavam o tempo, e de outros phenomenos atmosphericos e meteorologicos.

Mostravam grande temor e respeito por certas divindades beneficas ou maleficas, como o *Boi-tatá*, o *Caipora*, o *Sacy-cerêre*, o *Yurupiára*, etc.



Instrumentos de pesca; arcos e flechas

12 — As armas usadas eram o arco, a flecha, o tacape, as bolas, as setas inflammadas e até... os gases asphixiantes. E' verdade. Quando pretendiam desalojar o inimigo de qualquer sitio, esperavam que o vento soprasse contra a posição adversa e, ateando grandes fogueiras, lançavam nellas folhas de principios acres, como a pimenteira, etc. A fumarada densa, atacando olhos e pulmões dos contrarios, obrigava-os á retirada. Como nas almenaras arabes, usavam o fogo na troca de signaes. De certas pedras duras, de ossos e dentes de animaes fabricavam armas, machados, facas, cunhas, pontas de flechas e anzoes, etc., etc.

13 — Tinham especial predilecção pelas folganças, para o que se reuniam com frequencia. Cantavam, dançavam, executando exercicios guerreiros. Nessas occasiões fervia o *cauim* ou o *abati*, bebidas embriagantes. Os seus instrumentos musicaes constavam de chochalhos, *maracá*, flautas, *inubia*, e assobios. Possuiam um grupo



Dança guerreira dos indios



Indio Botocudo

de lendas bem interessantes e até de grande originalidade.

14 — Os Guaranis catharinenses limitavam-se com outras tribus, umas amigas outras adversas. Confinavam, ao norte, com os *Guayanãs*; ao nordeste, com os *Tapinakins*; ao noroeste, com os *Caingangos*; a oeste com os *Guanaós*; e ao sul, com os *Tapes*, *Pinarés* e *Minuanos*.

15 — Além dos Guaranis outras tribus indígenas por estes denominadas *tapuyas*, isto é, barbaras, campeavam em territorio catharinense, como os *Caingangos*, os *Coroados*, os *Cayurucrés*, os *Camés*, os *Botocudos* ou *Bugres* (*Arés*), os *Xocrens*, os *Pinarés*, e os *Guanaós*.

16 — Chamam-se *sambaquis* os enormes amontoamentos de conchas, ostras, terra e outros muitos detritos, encontrados ao longo de nosso ribamar, na embocadura de varios rios e á margem de certas lagoas



Sambaquis

e, desde muito, aproveitados para a fabricação da cal. O povo chama-os *Casqueiros*. Em excavações nelles praticadas, têm-se encontrado innumeros vestígios do homem primitivo, como pedras trabalhadas, carvão, fragmentos de ceramica e, até, esqueletos completos, fossilizados. Não se chegou ainda a uma conclusão: se taes amontoamentos de conchas foram feitos pelo homem com determinado fim ou se formados naturalmente.

17 — Parece ter sido muito numerosa a tribu guarani povoadora das nossas plagas. A Camara de S. Paulo, em 1606, calculava-a em «200 mil homens de arco» (guerreiros).

Outro documento, de 1612, estimava a população guarani da Laguna em 10.000 almas.

Por esse mesmo tempo ou pouco antes, o governador do Paraguay computava os selvicolas do nosso sertão em 100.000.



IV

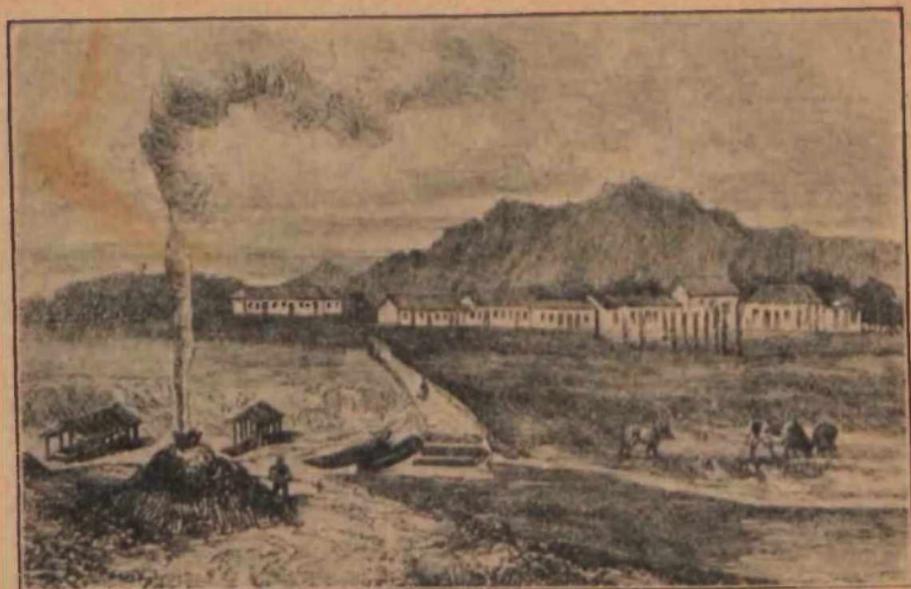
Primeiros reconhecimentos

1 — O resultado da missão de André Gonçalves e Amerigo Vespucci não satisfez a el-rei d. Manuel.

Em Maio de 1503 fez partir nova armada sob a chefia de Gonçalo Coelho, acompanhado ainda pelo cosmographo florentino.

Esses navegadores não passaram além do porto de Cananéa, segundo uns; alcançaram (pelo menos Gonçalo Coelho) os 50° de latitude, fazendo explorações minuciosas, na opinião de outros.

2 — Deante das brilhantes e extraordinarias façanhas maritimas portuguezas e castelhanas, os francezes



Cananéia em 1868

não quizeram desmerecer da raça e do genio empreendedor e aventureiro dos seus afortunados vizinhos.

A cubiça e o estímulo os impelleram para o mar. Assim é que, entre muitas expedições bretãs e dieppenses, que procuraram a costa brasileira, uma dellas alcançou as nossas plagas. O capitão Binot Pauhmier de Gonneville, a bordo do *Espoir*, pequeno navio de 120 toneladas e tripulado por 60 homens, se fez ao mar do porto de Honfleur, a 24 de Junho de 1503, em demanda das novas terras das Indias Occidentaes.

Entre os da equipagem vinham dons portuguezes, Sebastião de Moura e Diogo Couto, talvez já conhecedores e praticos dessas viagens. Segundo o estudo critico de varios historiadores, o *Espoir* alcançou o ribamar catharinense, desembarcando a sua gente a 6 ou 7 de Janeiro de 1504, no porto de São Francisco. Ali demoraram-se os francezes alguns mezes empregados no reconhecimento da terra e no commercio com os incolos. Grande amizade se estabeleceu entre os marujos e os naturaes da terra, então governados por um ve-

nerando mirubichaba chamado *Arosca*, homem de porte grave, estatura mediana, nédio e de olhar bondoso.

Preparado o navio para o regresso, resolveram os francezes assignalar o ponto de arribada, levantando grande cruz de madeira com uma inscripção em latim.

Imponente cerimonia religiosa, acompanhada de descargas de artilharia e escopetaria, foi organizada, o que causou grande gaudio e deslumbramento aos indigenas.

Terminada a funcção, houve banquete e distribuição de prendas. Em Julho do mesmo anno o navio suspendeu ancoras, levando a bordo, voluntariamente, um filho do maioral, chamado *Içá-mirim* (chefe pequeno) e um outro de nome *Namôa*, que falleceu em viagem. Já nas costas de França, foi o navio atacado e saqueado por um pirata, perdendo-se, pouco depois, em naufragio.

Desappareceram com elle preciosos detalhes, informações e desenhos referentes á nossa terra, organizados pelo letrado Nicole Lefebre.

O catharineta *Içá-mirim* nunca mais volveu ao torrão natal; casou em França com uma sobrinha do capitão Binot, de nome Suzana, e falleceu em 1583 com cerca de 96 annos de idade.

Um seu bisneto, de nome Binot, seguiu a carreira ecclesiastica, publicando em 1663 um interessante livro sobre *Missões christans*, nas quaes se refere ás viagens do seu antepassado.

3 — Existe hoje na ilha de S. Francisco, no interior da bahia, proxima á cidade, uma ponta de terra conhecida pela denominação de — *Ponta da Cruz*.

Supponho que tal nome se originou do encontro naquelle lugar, por alguma expedição posterior, da cruz levantada por Gonnevillle, em 1504.

4 — Descoberto o Brasil, reconheceram os portuguezes que elle não apresentava as riquezas faceis da Índia e por isso o governo da metropole pouco se in-



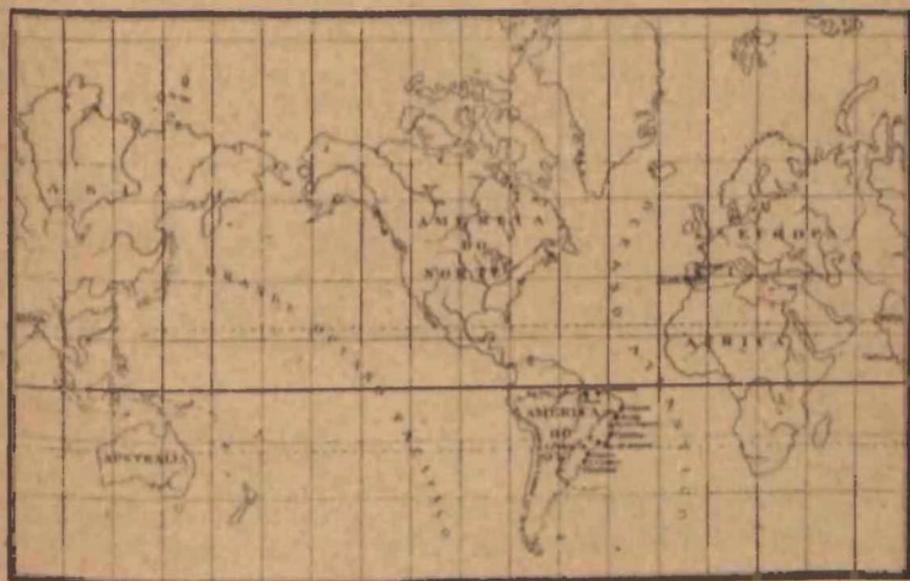
Ilha de São Francisco (apud Vieira da Rosa)

têressou com as novas terras, deixando-as quasi em completo abandono.

Criminosamente desamparado, o novo paiz chamou sobre si os olhares cupidos de estranhos. Preoccupava-se, então, o governo portuguez com o encontro de um

caminho que o levasse á Malacca, um dos mais importantes e cubiçados emporios do oriente.

A Espanha, por seu turno, não descansava, afa-digando-se em neutralizar os planos e projectos do rival, adiantando-se mesmo aos seus empreendimentos.



Perfil da America

5 — O Tratado de Tordesillas não fôra executado. Segundo o criterio castelhano o meridiano demarcador cortava o Brasil, ao norte, na hahia do Maranhão, e, ao sul, na altura de S. Vicente. Diz Th. Sampaio: — «Calculando-se pelas leguas portuguezas de 3.000 braças, ou pelas de 16 ao grau, no paralelo da ilha do Sal (uma das do Cabo Verde), a meridiana assim determinada, correria a 23° 07' 30" ao poente daquella ilha.

«Se porém, em vez da ilha do Sal fosse a de Santo Antão, a meridiana viria cortar a ilha de Marajó na foz do Amazonas em frente á ilha das Flechas e ao sul viria cahir nas immediações da Laguna».

Os portuguezes, no entretanto, baseados em seus trabalhos geographicos, que deslocaavam o continente cerca de 15° (900 milhas maritimas) para lèste, sustentavam que a linha demarcadora passava ao nascente da foz do Amazonas e falhava, ao sul, as terras do rio da Prata.

Vemos, d'ahi, que as terras catharinenses se encontravam dentro das raias contestadas pelas duas corôas.

6 — Observando o empenho de Portugal em explorar as Indias, deixando ao desamparo as terras brasileiras, resolveu a Espanha organizar uma expedição que realizasse não só a posse real e definitiva das nossas plagas meridionaes, sobre as quaes se achava com direito, como tambem uma passagem para o Pacifico, pelo sul.

Para isso, debaixo do maior segredo, foi apparelhada uma frotilha de tres navios sob o commando do experimentado nauta portuguez João Dias de Solis.

A 8 de Outubro de 1515 levantaram ancoras do porto de Lepe e, após exhaustiva viagem alcançaram as costas brasileiras, que perlongaram até Cananéa.

D'ahi fizeram rumo ao sudoeste e toparam aos 27° uma ilha, que foi chamada da *Prata*. Proseguindo para o sul, entraram em uma bahia a que deram o nome dos *Perdidos*, naturalmente por terem ali desertado ou se extraviado alguns dos tripulantes. Julga-se, com fundamento, ser essa bahia a do norte da capital. Continuando para o sul descobriu Solis o rio da Prata e, ao fazer um reconhecimento em terra, foi assassinado com alguns companheiros pelos selvícolas.

Em vista do irreparavel desastre os seus camaradas, desanimados, procuraram regressar á patria sem mais demora.



João de Dias Solis



Morte de Solís

7 — Quando voltavam, um galeão, ao demandar a barra do sul do porto de Florianópolis, foi arrojado pelo mar contra os penhascos da costa.

Salvaram-se do terrível naufrágio onze homens, dos quinze que tripulavam o navio.

A mór parte desses christãos radicou-se á ilha de *Meyembipe* (Santa Catharina) ou nas suas redondezas, casando com indias guaranis e dando origem a uma nova sub-raça conhecida entre os selvicolas pelo appellido de *Carijó* (*Carai-yoc*), que significa, arrancado do branco, mestiço. Desses homens a historia nos guardou, apenas, os nomes de Henrique Montes, marujo portuguez, nascido em 1499, Melchor Ramirez, castelhano e Alferes na frotilha de Solís, Francisco Pacheco, negro ou mulato,

Henrique Montes — Fac-simile

Aleixo Garcia e Francisco Fernandez. Grandes serviços prestaram esses naufragos á civilização em nossa terra como a todos os demais nautas que demandavam estas solitarias paragens.

8 — Aleixo Garcia foi o primeiro europeu que tentou desvendar os segredos do nosso serlão.

Sabedor das grandes riquezas existentes no Perú, reuniu alguns companheiros e indios catharinenses amigos e atirou-se á selva bravia (1524). Regressava, carregado de preciosos despojos, quando foi salteado e trucidado pelos selvagens do Paraguay. •

9 — Um pouco antes da partida de Solís, uma frota portugueza perlustrou nossos mares, mais com o fito commercial, assim parece, do que politico. Os barcos haviam sido armados á custa de d. Nuno Manuel e do rico mercador Christovam de Haro. «Os navios passaram os limites do até então explorado, que não devia demorar muito ao sul do cabo da Laguna, em Santa Catharina». Parece que o nome — *S. Francisco*, ligado á formosa bahia de *Babitonga*, ao norte do Estado, se deve a essa expedição.

10 — Em 1521 o governo portuguez enviou ás costas brasileiras dous navios sob o commando de Christovam Jacques.

Depois de tocar em Pernambuco, rumou para o sul o experimentado nauta. Alcançando as nossas plagas deparou com os naufragos da frotilha de Solís. Nesse tempo só existiam nove, estavam já casados e lhe pediram que os recolhesse.

Tomou C. Jacques a um delles, Melchor Ramirez, como interprete e pratico do rio da Prata, que pretendia visitar.



Primeira entrada

De volta, arribou novamente ao *Porto dos Patos* (tradução do nome guarani — *Mbê-açaba-upéca-u*) hoje *Massiambú*, onde deixou o turgimão. Data desse tempo a generalização do nome *Patos*, pelo qual foi por longo tempo conhecida a nossa terra.

11 — A Espanha não desanimou com o mallogro da expedição de J. D. Solís.

Pouco depois fazia partir a frota de Magalhães, que teve a ventura de circumnavegar o globo.

Em 1525 nova esquadilha chefiada por Jofré de Loaisa navegava em demanda das Moluccas.

Uma das naus, sob o commando de d. Rodrigo de Acuna, á falta de agua e lenha, arribou a Garopaba, em nosso ribamar, a 1 de Março de 1526, e, pouco depois, a convite dos superstités da frota de Solís, fundeava no porto dos Patos. Na ocasião só se encontravam presentes quatro daquelles christãos, pois os outros haviam acompanhado os guaranis á guerra. Refeito o navio do necessario, o capellão de bordo baptizou os primeiros



Baptismo do primeiro carijó

voadores brancos e *carijós*,

Carijós, isto é, os primeiros mestiços, filhos das autochtones com os europeus.

Em uma das vezes que o escaler voltava de terra, trazendo ricas amostras de ouro e prata, emborcou, perecendo quinze homens.

Afinal, d. Rodrigo fez de vela para o norte do Brasil, deixando em nossas plagas hospitaleiras dezesepte desertores, que vieram augmentar o nucleo de ponnella existentes desde 1516.

12 — A 3 de Abril de 1526 fazia-se de vela da Espanha o veneziano Sebastião Caboto á testa de quatro navios, em demanda das Moluccas. Ao tocar em Pernambuco soube das grandes riquezas do rio da Prata e da existencia no *Porto dos Patos* dos sobrevivivos da armada de Solís, grandes conhecedores daquellas regiões. Ambicioso em extremo, resolveu por conta propria mudar o itinerario da viagem. Rumou para o dito porto, alcançando-o a 19 de Outubro.

Ali recebeu a visita dos christãos e teve a confirmação dos esfonteadores informes.

Deliberou então entrar no porto afim de construir uma galeota de pouco calado, que lhe permittisse a exploração do rio.

Ao invésir a barra do sul, a capitanea naufragou desastradamente, perdendo todo o carregamento. Entraram os outros navios e foram fundear, assim supponho,



Sebastião Caboto



Construção da primeira embarcação em Santa Catharina — 1527

em frente á actual enseada das Caieiras. Caboto mandou fazer um acampamento em terra; foram levantados uma igreja, a casa da pólvora, varios paíões e dispensas, alojamento para o pessoal e uma terçena para a construção da galeota. Os selvicolas que viviam espalhados pelas redondezas, nos aldeamentos chamados *Riberacó* (roça d'agua limpa), *Tiguá* (poço) *Tameubre* (ostra comida), *Trinoga* (casa do morro) e *Aboçápecuí* (porto do rio dos patos), convidados por H. Montes e M. Ramirez e, á troca de anzoes, facas, tesouras e avellorios, passaram a auxiliar os espanhóes na construção das casas e da embarcação e a fornecer-lhes os viveres e os materiaes necessarios.

Algum tempo depois uma epidemia palustre, ao que parece, atacou os europeus, fazendo algumas victimas. Prompta a galeota, Caboto reuniu a sua gente e quasi todos os brancos existentes, entrando neste numero Montes e Ramirez com suas familias, e zarpuu para o Rio da Prata, onde o esperavam maiores contrariedades e decepções.

13 — Vimos que a ilha e porto eram conhecidos

pela denominação — *Patos*. Sabemos hoje que o nome — *Santa Catharina* — foi imposto por Sebastião Caboto, em homenagem á sua mulher Catharina Medrano, ao porto em que estabeleceu o acampamento na ilha.

O mesmo nome teve a galeota, primeiro navio construido entre nós. D'ahi generalizou-se a todo o Estado.

14 -- A ambição, a inveja e a prepotencia eram os maiores defeitos de Caboto.

Durante toda a viagem só soube fazer inimigos. Para vingar-se e, ao mesmo tempo, libertar-se de tres companheiros, que não commungavam do seu modo de pensar e agir, accusou-os de rebellião e os deixou a cumprir desterro na ilha de Santa Catharina, entregues a um cacique guarani chamado *Tupaverá* (o relampago). Dous delles, quando pretendiam fugir em uma canoa, auxiliados pelos selvicolas, pereceram afogados. O outro voltou á Espanha com Diego Garcia.

15 — Pouco depois de Caboto, fundeava no mesmo porto o navegador ao serviço castelhano Diego Garcia de Moguér, sendo muito bem recebido pelos indios, que lhe abasteceram os navios. O fito dessa expedição era todo commercial, tendo, entretanto, alcançado do rei alguns favores.

Foi Garcia o primeiro navegante a fazer referencia aos *Carijós*, indios guaranis habitantes do littoral catharinense.



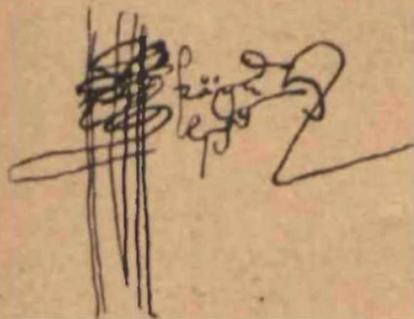
V

Portuguezes e castelhanos

1 — Caboto e Garcia encontraram-se no Rio da Prata e, desde logo, entraram em questão, o que motivou o regresso do segundo para S. Vicente, tendo tocado antes na ilha de Santa Catharina, onde recolheu o capitão

Francisco de Rojas, o unico sobrevivente dos desterrados por S. Caboto.

Este, depois de dous annos de luctas e fadigas, resolveu voltar á Espanha com o pessoal e material reduzi-dissimos.



Francisco Garcia -- Fac-simile

Arribou a um porto da ilha de Santa Catharina, provavelmente á bahia do norte, para abastecer-se, dando-lhe o nome de *S. Sebastião*, por ter nelle aportado nas vespervas do santo desse nome (1530).

Ali desertaram o clerigo portuguez Francisco Garcia e um marujo. Indignado roubou Caboto quatro guaranis, filhos dos maioraes da terra, levando-os como escravos para a Espanha. Este infame proceder deu azo a que os selvicolas até então hospitaleiros e relativamente cordatos, começassem a hostilizar os brancos.



D. João III



Martin Alfonso

2 — Inquieto com os avanços que fazia a Espanha na conquista e exploração das terras sul-brasileiras, resolveu el-rei d. João III mandar uma forte armada re-

correl-as e examinal-as convenientemente, afim de vèr se se prestariam a uma colonização systematica. Foi escolhido para encabeçal-a o fidalgo Martim Affonso de Souza. A 3 de Dezembro de 1530 fez-se de vela a frota. Depois de alcançar Cananéa, proseguiu para o sul á vista da costa e subiu o rio da Prata. Nessa região foram plantados varios marcos-padrões com as quinas portuguezas. Na altura da costa cathariueta naufragou um dos bergantins. O nome do chefe da expedição ficou por algum tempo ligado ao rio Mampetuba, no nosso littoral.

De volta do rio da Prata, Martim Affonso fundou o povoado de S. Vicente, a 21 de Janeiro de 1532.

Henrique Montes, um dos patriarchas dos *Carijós*, veio como Almojarife-mór da armada e obteve de M. Affonso uma sesmaria em S. Vicente e, afinal, morreu frechado pelos selvicolas antes de 1536.

3 — Das informações fornecidas por Martim Affonso, el-rei d. João III comprehendeu a necessidade



Fundação da Capitania de S. Vicente — Quadro de B. Calixto

imperiosa de firmar o seu dominio definitivo sobre as terras sul-brasileiras. Só com o povoamento systematico tal posse seria uma realidade.

Distribuiu, então, ao longo da costa, largos tractos de terras a varios fidalgos da corte e a outros vassallos de sua estima. Essas porções chamadas *Donatarias* ou *Capitanias*, eram hereditarias e deviam ser povoadas e exploradas pelos seus proprietarios.

4 — Pero Lopes de Souza, irmão de Martim Affonso, e um dos commandantes dos navios da armada, obteve terras em tres quinhões: um, de 40 leguas, ao norte; outro, de 10, entre os rios Curupacé e S. Vicente; e o ultimo, de 40, a contar de doze leguas ao sul de Cananéa, terminando nas *Terras de Sant'Anna*, aos 28º e um terço (altura da Laguna).

Como vemos, a maior parte da moderna costa do nosso Estado ficou comprehendida na doação feita ao referido fidalgo, em 1 de Setembro de 1534.

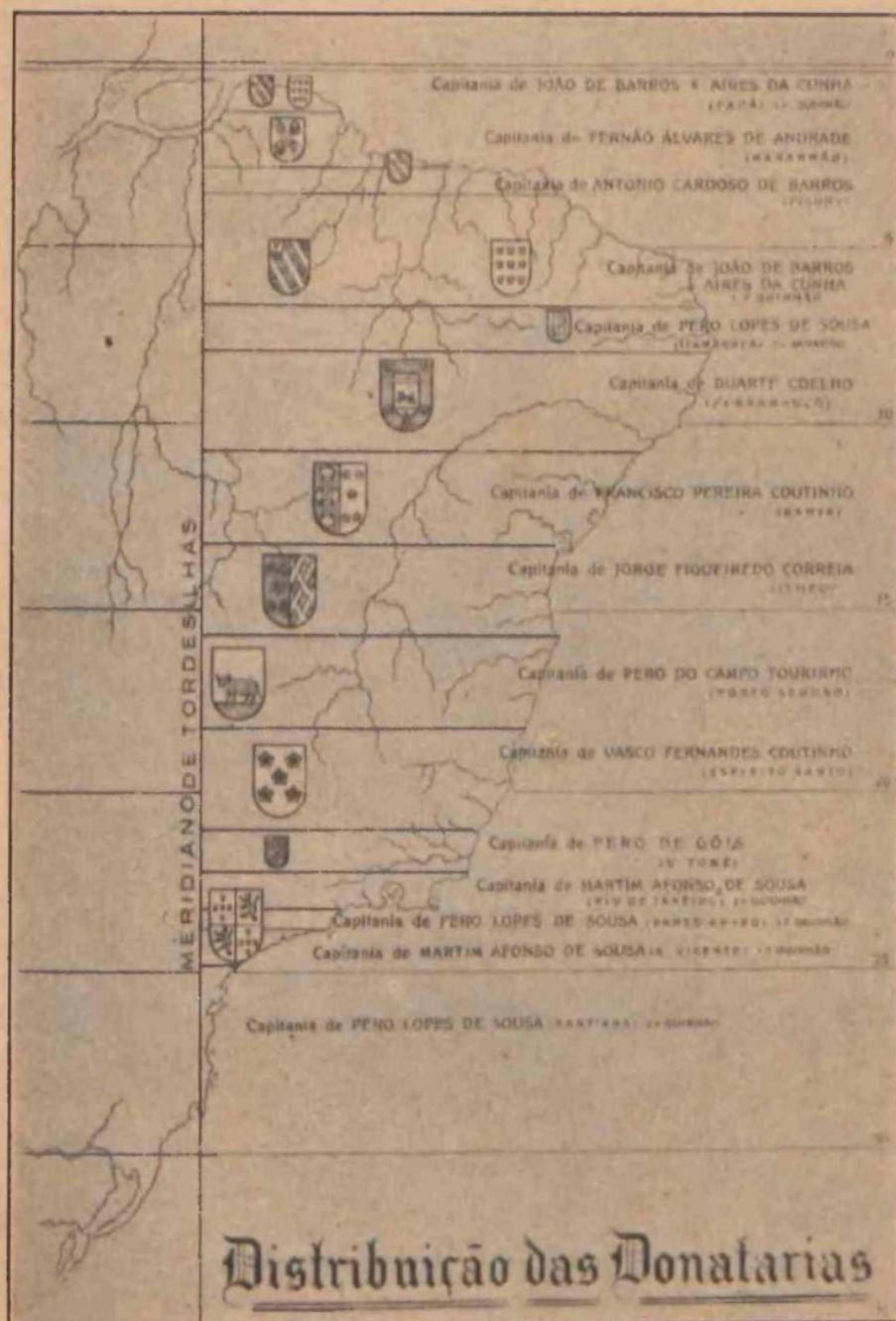
A donataria formada com os dous quinhões do sul, foi por longo tempo conhecida pelo nome de *Santo Amaro* e *Terras de Sant'Anna*.

5 — Pero Lopes não foi feliz com seus latifundios. Começou o primeiro estabelecimento na ilha de Santo Amaro, á entrada de Santos. Pouco depois, desejando colonizar as terras do norte, encontrou séria resistencia da parte dos indios.

Volveu ao reino deixando como seu loco-tenente, em Santo Amaro, a Gonçalo Affonso, que installou o povoado.

O trecho da costa que se estendia até a Laguna ficou descurado, vivendo nelle um ou outro homem branco, portuguez ou espanhol, casado com indias, passando a existencia a contrabandear, pilotar navios ou servir de interprete ás esquadras que demandavam o rio da Prata ou o Pacifico.

De Lisboa partiu Pero Lopes para a India, mas ao regressar pereceu em um naufragio. Sua viuva, d. Isabel de Gambôa, nomeou, então, logar-tenente de seu filho na capitania de Santo Amaro a Christovam de Aguiar



Altero. Outros seguiram-se a este, sem nunca os donatarios terem vindo visitar suas terras.

6 — Chamava-se outr'ora em Portugal e Espanha *Adiantado* ao governador civil e militar de uma provincia ou ao homem posto á testa ou *adiante* de alguma expedição a mandado d'el-rei. A Espanha, tenazmente procurando conquistar e colonizar as terras do sul do continente, enviava expedições chefiadas por *adiantados*.

O primeiro desses foi d. Pedro de Mendoza, que partiu de Sanlúcar (1534) com 11 navios, reforçados por mais tres nas Canarias, 1,500 pessoas, 100 cavallos, etc.

Essa armada passou ao largo da costa catharinense e, parece, trazia como interpretes os filhos dos *tuchauas* da ilha, roubados por Sebastião Caboto.

Em Fevereiro do anno seguinte fundava Mendoza a cidade de Buenos-Aires, á entrada do Rio da Prata.

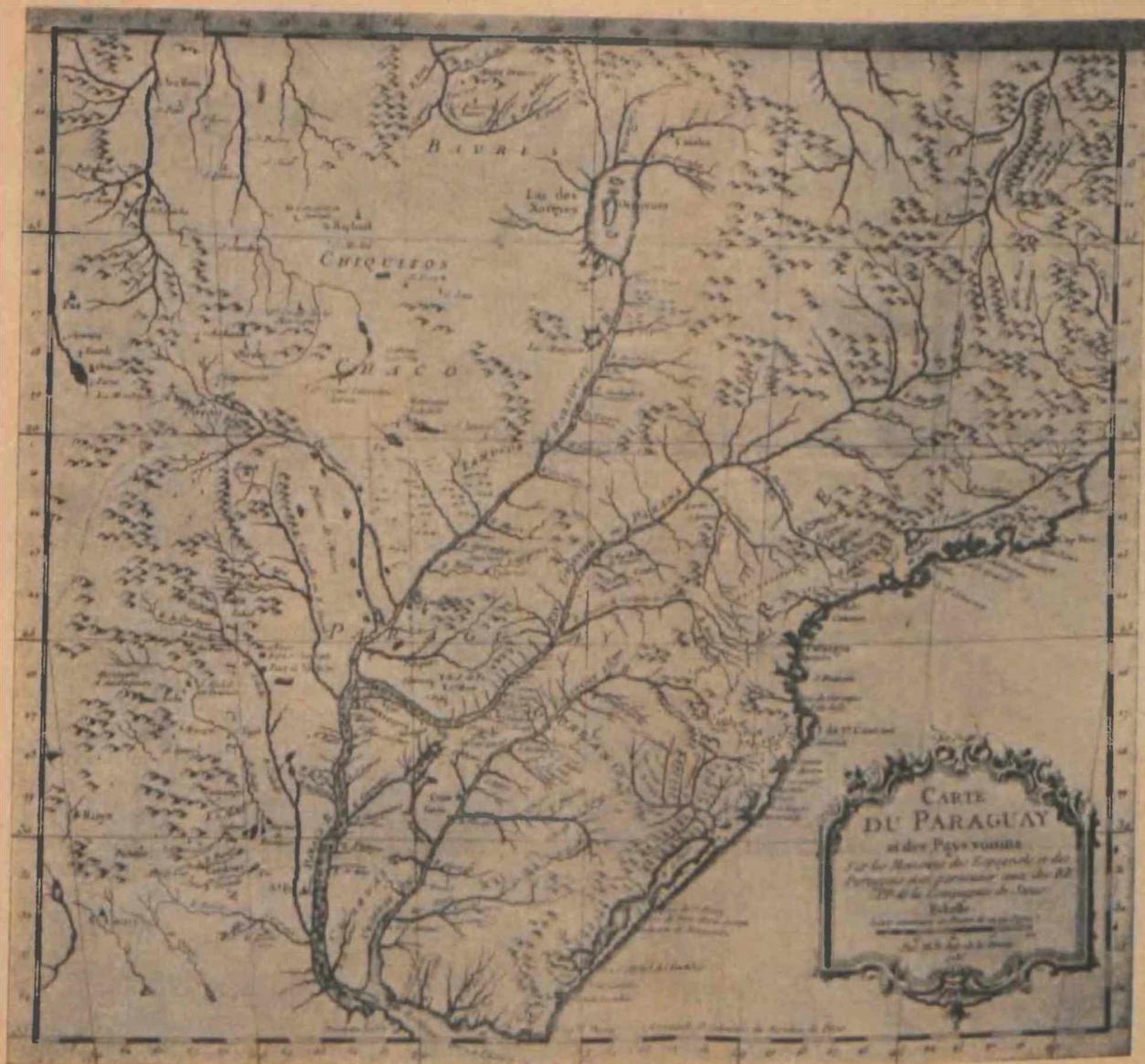
7 — «Por aquelle tempo — diz-nos d. F. Bauzá — possuia a Espanha, quando menos entre 24 e 35 graus, uma jurisdicção não disputada das costas atlanticas.

«Seu estabelecimento principal na dita latitude era a ilha de Santa Catharina, povoada por naufragos e desertores espanhóes que tendo-se unido a mulheres indigenas deram começo a uma colonização *sui generis* naquella ilha e suas adjacencias.

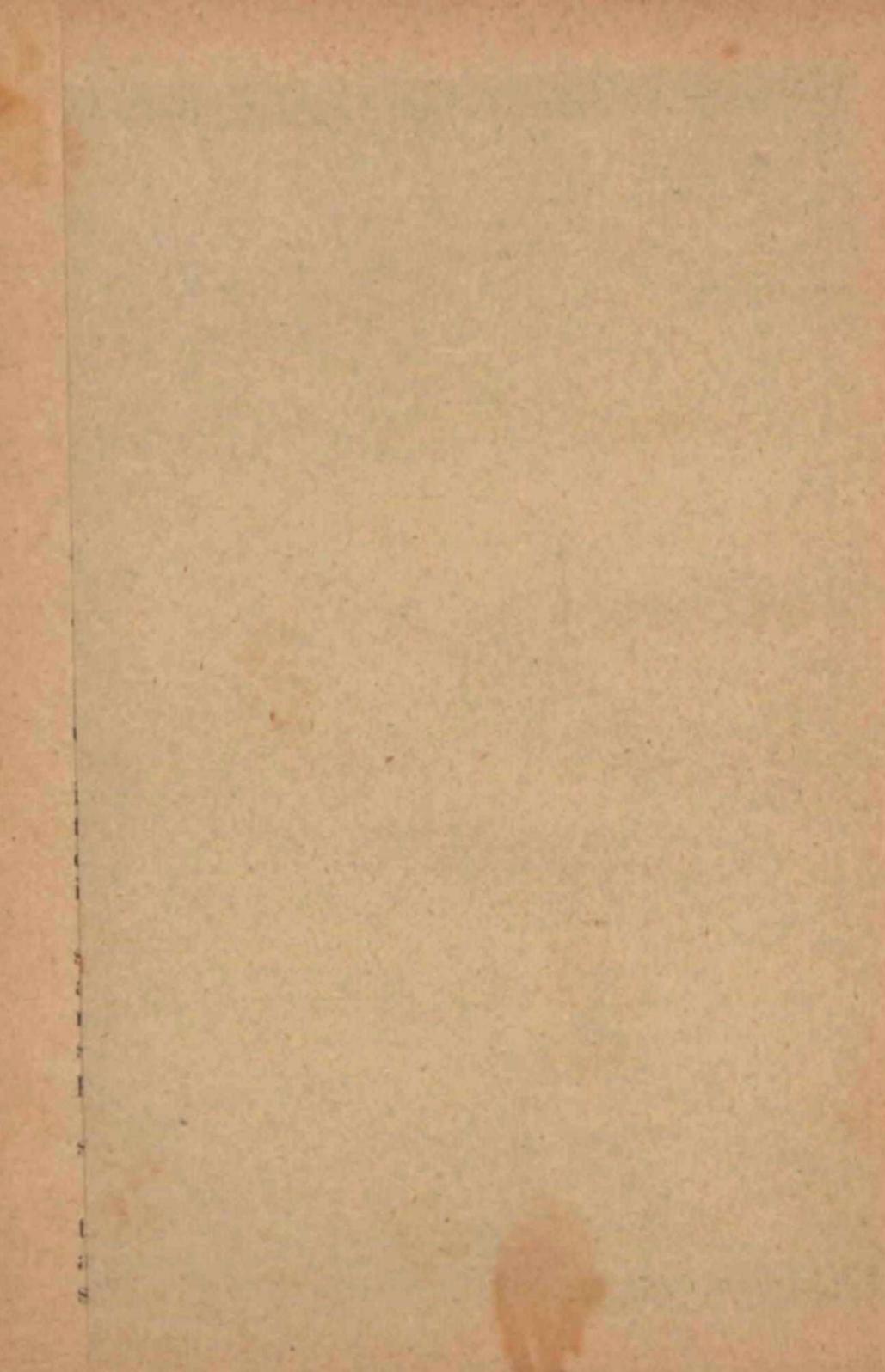
«Eram os ditos colonos, além de cultivadores do solo, pilotos das esquadras que transitavam na ida e volta ao Prata, promovendo assim uma irradiação de communicações, que com o tempo devia espanbolizar, não só o local de sua ubicação preferida, como tambem os portos de S. Francisco e Cananéa.

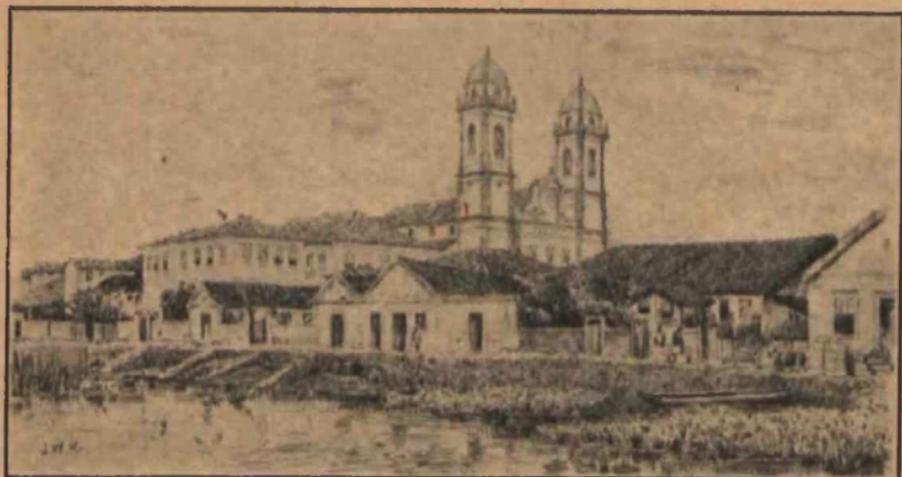
«Entretanto, porém, carecia a Espanha de representante official permanente naquelles dominios».

8 — Destruído que foi o estabelecimento de Caboto no rio da Prata, alguns espanhóes extraviados, unidos a desertores de Mendoza, soffrendo crua guerra dos selvagens, emigraram sob a chefia de Ruy de Moschéra



Mapa do Paraguai, do jesuita P. Pedro Francisco Xavier de Charlevoix — 1756 (Museu Paulista)





Iguape, vista actual

para o Brasil (1534), estabelecendo-se nas cercanias de Iguape.

O Capitão-mór de S. Vicente mandou logo desalojar-os. Moschéra á frente dos seus e alliado aos *Carijós*, repeliu os portuguezes até aquella villa, que saqueou.

Reunindo os vicentistas novas forças derrotaram os espanhões, que vieram, então, estabelecer-se em Santa Catharina.

9 — Como viessem a faltar viveres em Buenos-Aires, o adiantado Mendoza mandou seu sobrinho Gonçalo abastecer-se em Santa Catharina, onde já existiam plantações regulares.

Gonçalo Mendoza, depois de carregar os navios, obrigou insensatamente aos espanhões que ali se achavam radicados a acompanhal-o ao rio da Prata. Dessa maneira, Moschéra partiu para Buenos-Aires com toda a sua colonia «e muitas familias de indios, que se lhe haviam unido» (1537).

Poucos conseguiram fugir a tal imposição.

10 — Aggravando-se suas molestias, d. Pedro de Mendoza partiu para a Espanha, fallecendo, porém, em viagem.

Nesse interim, fazia-se de vela uma expedição em seu auxilio sob o commando do vedor (inspector) Alonso Cabrera (1537).

Um dos navios, com cem homens, arribou á ilha de Santa Catharina, ficando nella dous frades, Frei Affonso de Lebron e Fr. Bernardo de Armenta, a catequizar os selvicolas. Alcançaram baptizar e casar muitos. Ali encontraram tres castelhanos da expedição de Caboto, que já falavam muito bem a lingua indigena. Devido ás suas vestes exoticas aquelles sacerdotes ficaram conhecidos entre os guaranis pelo appellido de *Pay-tucura*, isto é, padre gafanhoto.



D. Alvar Nunez
Cabeza de Vaca

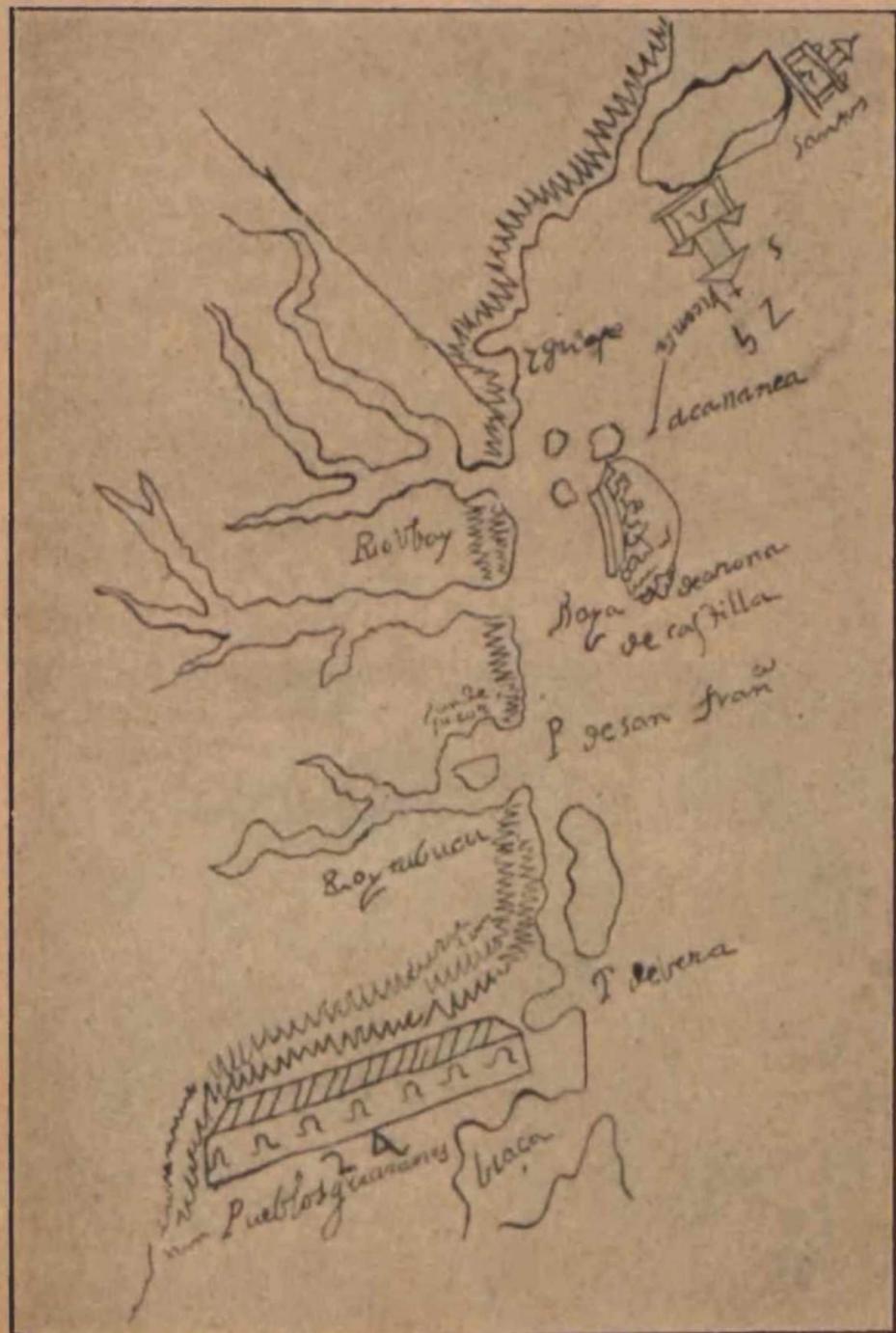
11 — Com a morte de d. Pedro de Mendoza foi nomeado para substituil-o o bravo soldado d. Alvar Nunez Cabeza de Vaca, como segundo adiantado. No contrato que firmou, concedia-lhe el-rei por doze annos o governo de Santa Catharina.

A 2 de Novembro de 1540 zarpava elle com 4 navios, 400 homens e 46 cavallos.

Depois de penosa viagem, passando pelo rio S. Francisco, chegou á ilha de Santa Catharina em 29 de Março do anno seguinte. Fundeou á bahia do norte, que denominou de *Ramos*. Toda a gente desembarcou para refrescar e bem assim os 46 cavallos, que resistiram á travessia.

Algum tempo depois o acampamento foi mudado por ordem do chefe para o continente fronteiro, sendo o ponto escolhido as proximidades do actual Estreito, que os indigenas denominavam *Yurú-mirim*, e significa: bocca ou passagem pequena, estreita.

O novo arraial foi denominado por Cabeza de Vaca — *Porto de Vera*, em honra de um seu illustre parente.



Fragmento do mappa attribuido a Rui Diaz de Gusman (1600?)

Por informações que obtive soube que os frades Lebron e Armenta se encontravam em *Ibiaçá* (hoje Massambu) e com muito medo dos indigenas por lhes terem mandado os frades destruir algumas cabanas. Devido a isso já haviam os selvicolas assassinado dons christãos, que habitavam o paiz. O adiantado os harmonizou.

Esses frades tinham vindo de uma provincia de indios chamada *S. Luiz* — diz-nos Oviedo — que ficava a quatorze leguas da dita ilha para o rio da Prata, cujo ponto se chama *Biaçá*.

12 — Pondo-se de accordo com seus capitães, resolveu o atrevido adiantado pôr em pratica o audacioso plano de alcançar por terra o Paraguay, já que o tempo de invernia muito difficultava a navegação para o tormentoso rio da Prata.

Enquanto se faziam os preparativos de viagem, despachou elle o feitor Dorantes com alguns indios cathari-



A travessia do sertão

nenses em procura e exploração do caminho conveniente que, sem duvida, foi o *Peá-biru* ou *Peá-byiu* dos nossos incolos, chamado posteriormente pelos jesuitas, «caminho de S. Thomé». Após uma ausencia de tres mezes voltaram os exploradores. Deixando 140 pessoas em Santa Catharina, que deviam seguir por mar, a 8 de Outubro pôz-se Cabeza de Vaca á frente dos seus; penetrou pelo rio *Itapocú* e, vencendo todas as difficuldades e fadigas na travessia dos nossos sertões, alcançou, no fim do anno, o almejado porto de Assumpção onde foi recebido com as maiores provas de sympathia.



VI

O governo geral. A catequese



Ignacio de Loyola



Thomé de Souza

I — O estado de isolamento e decadencia em que definhavam as donatarias brasileiras fez com que d. João III tomasse sérias providencias para melhorar a

situação precária da colônia. Resolveu, pois, estabelecer nella um Governo geral, afim de melhor attender ás suas necessidades.

Nomeou para Governador a Thomé de Souza, que de Lisboa partiu em 1 de Fevereiro de 1549, com seis navios, nos quaes se embarcaram 600 voluntarios, 400 degredados, varias familias, officiaes de artilharia, etc. Em fins de Março saltavam na bahia de Todos os Santos, onde foram lançados os alicerces da cidade do Salvador.



P. Manoel da Nobrega

2 — Acompanhava o Governador uma missão de seis padres da Companhia de Jesus, fundada em 1534 por S. Ignacio de Loyola, sob a chefia do P. Manuel da Nobrega.

A esses missionarios havia sido destinada a catequese dos selvicolas brasileiros.

3 — O governo espanhol não perdia a esperança de apossar-se das nossas terras meridionaes.

A 22 de Julho de 1547, Carlos V firmou um contrato com Juan de Sanabria, nomeando-o governador do Paraguay, com a condição de levar cem familias, 8 frades e 200 soldados para a conquista e colonização do Rio da Prata e «tambien poblar el puerto de San Francisco» em nosso Estado.



Carlos V

Sanabria dentro em pouco fallecia, sendo substituido por seu filho Diego. Este despachou logo dous navios sob a direcção de Juan de Salazar y Espinosa, thesoureiro-geral da nova colônia. Um terceiro barco veio juntar-se a elles.



Ilha de Santa Catharina — 1549

Depois de varias peripecias, a 25 de Novembro de 1549, fundearam os dous primeiros navios á barra do sul do porto de Florianopolis, perdendo-se o terceiro durante a travessia.

Depois de examinarem a bahia, nella penetraram, vindo fundear nas vizinhanças de uma aldeia carijó chamada *Acuvia*, entre o Estreito e Barreiros.

No meio dos aborigenes vivia um castelhano de nome Juan Fernandez, que lhes serviu de turgimão e guia, pois ali se encontrava encarregado do preparo de manti-

mentos, de accordo com ordens vindas do Paraguay. Depois de embarcarem viveres para seis mezes, ao fazerem-se de vela, o maior dos navios sossobrou dentro do porto. Passaram, então, os espanhóes dous annos em



Hans Staden

nossas plagas, soffrendo as maiores privações, pois os *Carijós*, que a principio se haviam mostrado mui hospitaleiros, começaram a negar-lhes os viveres indispensaveis.

Afinal, resolveram os chefes discordantes dividir-se em dous grupos (1553). O mais numeroso deveria marchar por terra para o Paraguay; o outro diligenciaria fazer a travessia por mar no pequeno navio restante.

O primeiro grupo, chefiado pelo piloto-mór Hernando Trejo procurou dar cumprimento á capitulação assignada, fazendo alto no rio de São Francisco. Nessa expedição veio o allemão Hans Staden, que nos legou interessante narrativa de suas desditas e aventuras.

4 — Naquelle paragem, em sitio conveniente, estabeleceram os castelhanos um povoado que, pouco depois, obteve plena approvação d'el-rei Carlos V. Não vingou, porém, o esforço espanhol... Após quasi dous annos de um luctar sem treguas contra a fome, as feras e os selvicolas, resolveram abandonar aquelle sitio e marchar para Assumpção, onde finalmente chegaram, sendo Trejo processado pelo abandono do estabelecimento.

Penso que o nome — *Gibraltar* ligado a certo morro em São Francisco procede dessa tentativa de colonização.

5 — Do piloto-mór Hernando Trejo e de d. Maria Sanabria nasceu em S. Francisco (1554) o menino Herdinando Trejo y Sanabria, futuro bispo de Tucuman e

fundador da Universidade de Cordoba na Republica Argentina.

Este illustre catharinense falleceu aos 14 de Dezembro de 1612. Em 1903, num dos pateos daquella Universidade, foi levantada a sua estatua.

6 — Estabelecidos os jesuitas na Bahia, tres da sua ordem vieram á capitania de S. Vicente fundar um collegio e diffundir a doutrina de Christo entre os incolas.

Chefiando-os veio o Padre Leonardo Nunes que, pela presteza e assiduidade no cumprimento de seus deveres religiosos e humanitarios, ficou desde logo conhecido entre os nossos selvicolas pelo appellido de *Abarébêbê*, isto é, o padre que vòa.

A elle coube, além do ensino, a missão dos *Carijós*. Muito embora, como nos diz uma carta jesuitica, já houvesse entre os indigenas catharinenses «casa de recolhimento para mulheres, como freiras, e outras de homens, como de frades», não foi baldado o trabalho dos missionarios da Companhia.

O P. Nunes, ao chegar a Santa Catharina, encontrou em tristissima contingencia o segundo grupo dos castelhanos da expedição de Sanabria.

Conseguiu acalmar os guaranis que os hostilizavam e leval-os para S. Vicente, onde Thomé de Souza, que lá se achava de visita, os acolheu e agasalhou.

O P. Nunes, quando seguia para Roma, em Junho de 1554, pereceu lamentavelmente em um naufragio.

7 — Em Agosto do mesmo anno partiam para a missão dos *Carijós* os jesuitas PP. Pedro Correia, João de Souza e o leigo Fabiano. O primeiro fôra um portuguez desabusado e ambicioso. Viera ao Brasil tentar fortuna e atirára-se ao sertão á cata de escravos. Fez verdadeiras



Herdinando Trejo
y Sanabria

caçadas humanas, cheias de cruzeza e maldade, votando-lhe por isso os indios odio profundo.

Ante a palavra convincente do Padre Leonardo arrependeu-se um dia dos seus desregramentos e mau coração. Vestiu a roupeta de Loyola e procurou, na pratica do bem, penitenciar-se da vida passada.

Atirou-se com os companheiros á catequese dos selvicolas Tupis e Carijós. Mal iniciavam o seu piedoso officio, em Setembro do mesmo anno, foram cercados e trucidados pelos selvagens vingativos.

8 — A Thomé de Souza substituiu em 1553, no Governo geral, Duarte da Costa. Dous annos antes, pela bulla de 25 de Fevereiro de 1551, fora creado o Bispado do Brasil, recahindo a escolha do primeiro antistite na pessoa de d. Pedro Fernandes Sardinha, o qual, naufragando em 1556 foi trucidado e devorado pelos indios Cahetés. Substituiu-o d. Pedro Leitão.

9 — Conta-se que, em 1553, os dous irmãos Góes, portuguezes, adquiriram na Espanha um touro e oito vaccas e os trouxeram para Santa Catharina, e que d'aqui passou o gado para o Paraguay.

Desse rebanho, suppõe-se, procede o nosso gado môcho.

10 — A catequese ia colhendo seus maravilhosos fructos. Os Carijós, tendo a correr-lhes nas veias o sangue branco e constantemente em contacto com os europeus, iam adquirindo «da civilização o habito á sujeição, a corrupção dos costumes, a perversão moral e a variola que fazia verdadeiras devastações».

No «entanto esses mestiços era o que se podia chamar os homens de acção, os nervos dessa população nova que vinha despontando com os caracteres da independencia, da audacia e do amor pelas aventuras em terras distantes».

Abbrandados os caracteres, sopitados os surtos de liberdade, constrangidos á vida sedentaria, expoliados

pela ganancia do conquistador, os selvicolas se foram apassivando com a mestiçagem.

Sentiam-se, por isso, inferiores ao europeu; e este, ambicioso e impudente, longe das vistas da metropole e em convivencia com administradores e prebostes, iam impondo ao selvagem, ao mameluco, ao Carijó, uma escravidão ignobil.

Havia falta de braços para o amanho da terra. O littoral e o sertão catharinenses, ainda não parcellados, eram verdadeiros e fartos viveiros de escravos. Inventava-se um pretexto futil, e guerra feroz era declarada aos Carijós.

Estes, preferindo a morte á escravidão, resistiam encarniçadamente e, nessas condições, para se conseguir um cento de escravos, sacrificavam-se milhares de vidas.

Os jesuitas bradavam, protestavam, escudados nas leis, nas bullas pontificias, contra aquelle processo deshumano.

Tudo em vão; conquistavam, apenas, a malquerença dos gananciosos reinões. Os campos paulistas, antes que chegasse o africano soffredor, foram arroteados com o suor e as lagrimas dos nossos Carijós. O sangue dos superstites dessa sub-raça magnifica transfundiu-se, entretanto, como um triste consolo, nas veias desses audazes desbravadores do sertão e ampliadores do territorio patrio, os bandeirantes.

11 — Em 1557 fallecia em Lisboa el-rei d. João III, succedendo-lhe seu neto d. Sebastião.

A Capitania de Santo Amaro e Terras de Sant'Anna passou a ter novo loco-tenente na pessoa de Antonio Rodrigues de Almeida.

Em 1558 foi investido no Governo-geral do Brasil o illustre militar Mem de Sá, que trazia a in-



D. Sebastião



Mem de Sá
Parte de um quadro de Parreiras

cumbencia de expulsar os francezes, então de posse da bahia do Rio de Janeiro.

12 — Os castelhanos teimavam em fixar-se definitivamente em Santa Catharina.

Pero de la Gasca, vice-rei do Peru, nomeando Diego Centeno governador do Rio da Prata, estendeu a sua jurisdição até a latitude de 23° 30', actual limite entre S. Paulo e Rio de Janeiro. Em 30 de Dezembro de 1557 Jaime de Rasquin firmava um contrato com o governo d'Esanha para estabelecer ao sul do Brasil quatro cidades e varios engenhos de assucar.

As cidades deviam ser, uma em S. Francisco e outra em *Viasá* (Massiambú) tambem conhecido por Porto dos Patos.

Cahiram taes pretensões ante as reclamações diplomaticas do governo portuguez.

13 — Em Outubro de 1572 uma expedição espanhola, chefiada por Pedro Ortiz de Zárate, partiu com destino ao rio da Prata. Depois de uma viagem fatigante dous navios arribaram ao porto de Florianopolis. Desembarcando a gente na ilha, para fornecer-se de viveres, Zárate atacou a aldeia carijó de *Ibiaçá*, commettendo toda sorte de barbaridades. Os indigenas se encolerizaram, começando a hostilizar vivamente os castelhanos.

Sem meios de subsistencia, a gente começou a desertar; o cruel adiantado mandou então levantar uma forca, executando diversos, para cohibir o abuso.

A fome chegou a tal extremo que a carne dos enforcados serviu de pasto, conta-nos em maus versos o arce-

diago Centenera. Após seis mezes de martyrios inenarraveis seguiu elle para o seu objectivo, abandonando deshumanamente em nossas plagas, enfermos, mulheres e crianças.

Ruy Diaz Melgarejo, que se achava em S. Vicente, ao saber do triste destino de seus compatricios, rumou para Santa Catharina, «onde as sepulturas cavadas de fresco e a forca erguida contavam com a sua muda linguagem a historia dos horrores que ali se haviam passado».

Levou, então, os sobreviventes ao seu destino.

14 — Em 1572 o Governo-geral do Brasil foi dividido em dous, que ficaram sendo chamados do Norte e do Sul.

Aquelle, que se estendia do Espirito Santo ao Pará, tinha para capital a cidade do Salvador da Bahía; este, comprehendido entre o Rio de Janeiro e o Rio da Prata, tinha como séde a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

No anno seguinte foi nomeado o dr. Antonio Salema para governador-geral do Estado do Sul, ficando Luiz de Brito e Almeida no do norte.



Não deu o resultado esperado tal medida. Em 1577, o governo do sul foi de novo subordinado ao da Bahia, sendo nomeado governador geral Lourenço da Veiga, substituído depois por Manuel Telles Barreto.



Bispo D. Antonio Barreiros

No anno anterior havia sido creada a Prelazia do Rio de Janeiro, com jurisdicção ordinaria, mas dependente em certos casos do Bispado da Bahia, então dirigido por d. Antonio Barreiros. A' essa prelazia ficaram subordinadas as capitancias do sul do Brasil.

15 — Na idade de vinte e quatro annos perecia em 1578 com a fina flôr da gente portugueza na batalha de Alcácer-kibir el rei d. Sebastião. Subiu ao throno lusitano o velho Cardeal d. Henrique, que veio a fallecer dous annos depois. Cahiú então Portugal nas mãos da Espanha, sendo acclamado rei Felippe II de Castella. Em



D. Henrique



Felippe II

consequencia disso estiveram por longo tempo em Santa Catharina navios da esquadra do almirante Diego de Valdez á espreita de corsarios inglezes que depredavam o commercio e as cidades castelhanas do Pacifico.

16 — Nas cercanias da Laguna vivia um velho *mirubichaba* chamado *Tatárana* (Fogo falso), que se apresentou ao Padre Domingos Garcia, em missão aos Carijós, em 1567, «vestido com uma roupeta comprida azul, com uma cruz vermelha de tafetá no peito, ao modo de commenda, seu chapéo na cabeça e sua espada, acompanhado de muitos homens, mulheres e crianças», referindo as injustiças e aggravos dos portuguezes, e queixando-se da prisão de seu irmão *Cayoby*. Os jesuitas conseguiram a sua amizade e harmonizal-o com os portuguezes.

VII

O littoral. Primeiras penetrações

1 — Entramos no segundo seculo da historia catharinense. Apesar de para nossa terra terem convergido os primeiros povoadores, pouco conhecemos dos factos nella desenrolados á carencia de documentos e memorias. Continuavam Portugal e Brasil sob o jugo espanhol, reinando então Felippe II (terceiro na Espanha), pois «o fanatico, desconfiado e cruel» Felippe I fallecera em 1598. Era Governador-geral do Brasil d. Francisco de Souza, pouco depois rendido (1602) por Diogo Botelho. A donataria de Santo Amaro e Terras de Sant' Anna pertencia á quinta donataria, d. Isabel de Lima de Souza e Miranda, neta de Pero Lopes de Souza.

2 — Até então não havia no Brasil um Tribunal judicial de segunda instancia. Foi no governo de Diogo de Menezes que se creou o primeiro Tribunal de relação.

3 — Em 1616 os padres jesuitas João Fernandes e João de Almeida vieram a Santa Catharina em missão

aos Carijós, mas soffreram grande opposição dos escravagistas, apesar das ordens do governador S. de Sá e Benevides para que os auxiliassem.

Afinal, conseguiram penetrar o interior e convencer os indigenas que deixassem as selvas e os acompanhasssem ao Rio de Janeiro. Não havia, porém, navios para fazel-o.

Esses missionarios chegaram até o porto de *Boigpatiba* (Mampetuba). Na Laguna e suas cercanias, por praias e sertões, existiam varios alojamentos de indios.

Os padres fizeram de espaço em espaço uma pequena casa onde pudessem dizer missa e mais commodamente attender á catequese. Os catechumenos foram aldeados em Baruary e Reis Magos, em S. Paulo.

De passagem entraram os citados padres nas terras de um grande principal chamado Tubarão (*Tubnharõ*, isto é, pae feroz).

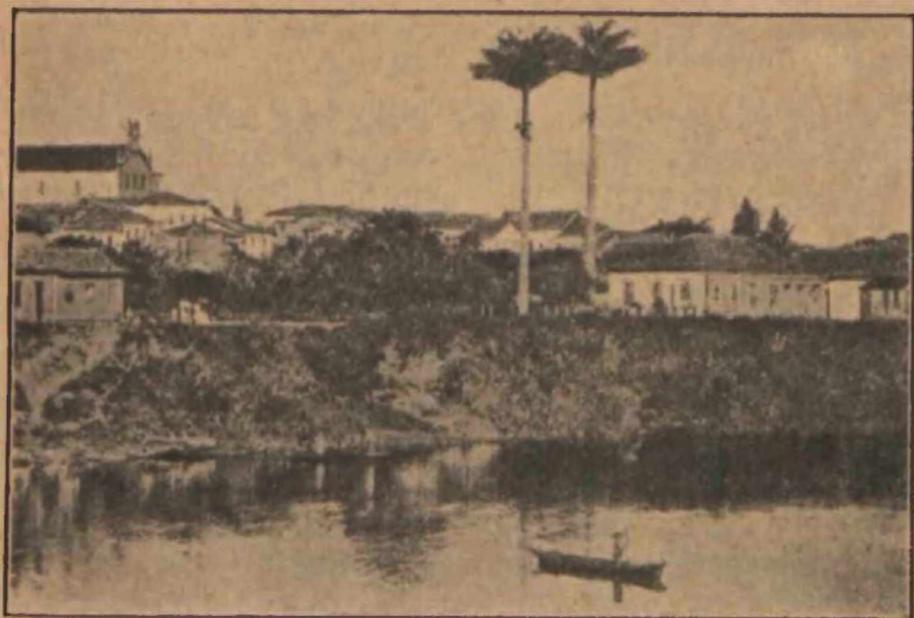
Este, apesar de ter recebido dos jesuitas uma bateria para se converter, endurecido acudiu: «o baptismo era para crianças; que Deus o não criára para o céo, mas para morador da terra, em testemunho e prova da qual verdade o puzera nesta e não naquelle...»

Delle tomaram o nome o rio e a cidade do sul do Estado. A ultima aldeia visitada por essa missão jesuitica foi a de *Caibi* (Folha-verde).

4 — Pelos annos de 1620, mais ou menos, esteve na ilha de Santa Catharina o governador Martin de Sá, acompanhado do Padre Francisco de Moraes, do Collegio de S. Paulo, e de outras pessoas, fazendo em 1622 transportar da Laguna e da ilha muitos indigenas para a guarnição dos fortes de Santos.

5 — Devido aos esplendidos resultados obtidos pelos loyolistas na catequese dos nossos selvicolas, o General da Companhia, em Roma, ordenou que na ilha de Santa Catharina estabelecessem missão e residencia.

Com esse intuito partiram, em fins de 1622, para



Tubarão

Superior da missão o P. Antonio de Araujo, professo do 4.º voto, e para companheiro o P. João de Almeida.

6 — Tendo fallecido o ultimo donatario da Capitania de Santo Amaro e terras de Sant'Anna, descendente directo de Pero Lopes de Souza, os herdeiros de Martin Affonso reclamaram para si o direito sobre ella.

Originou-se d'ahi um ruidoso e vergonhoso pleito que, com varias alternativas, durou quasi um seculo.

Essa lamentavel questão foi um dos grandes empecos a retardar o conhecimento e povoamento do nosso torrão.

7 — Governando o Paraguay Hernando Arias de Saavedra propôz á metropole fundar entre a *Provincia de Vera* (todo o sertão catharinense assim chamado por Cabeza de Vaca) e Santa Catharina varios povoados, allegando que os selvicolas ali existentes se elevavam a mais de 100.000, excluidos os de Guáyra e do Uruguay, e eram continuamente escravizados pelos portuguezes. O mes-

mo governador procurou ligar o Paraguay ao nosso litoral por meio de estradas.

8 — Entre 1550 e 1584 Heleodoro Eobanus e outros, em varias «entradas» ao sertão, descobriram as minas de ouro de Iguape, Paranaguá, Curytiba e, talvez, outras como as de S. Francisco e Ibituruna em nosso territorio.

A nova da descoberta do precioso metal espalhou-se rapida, vindo acalmar um pouco a furia escravoerata.

Paulistas destemidos, organizados em *bandeiras* aliraram-se ao sertão bravo á cata do aleonado metal e de gemmas rutilantes. A febre de ouro tomava todos os cerebros.

E o governo da metropole, atilado e aváro, insuflava e permittia taes emprezas; mas, desde que uma mina era descoberta, um veio aurifero era trazido á luz, com o maior desplante delles se apossava.

9 — Chamavam-se *bandeiras* aos agrupamentos de homens temerarios, audazes, ambiciosos, em numero não



Uma Bandeira, a caminho do sertão

inferior a 500 e chefiados por um cabeça — *Cabo da tropa*, auxiliado por dous Capitães, formados nos principaes povoados, com o fito determinado de explorar ouro, fazer escravaria, guerrear o gentio, expandir a conquista. Muitas dessas bandeiras eram promovidas pelo Governo, guiando-se, então o chefe dellas por um Regimento registado na Camara, onde ficavam tambem assignalados o nome do pessoal e os fins a que se destinavam.

A epocha propria á penetração do sertão, era, no geral, após a Paschoa ou á entrada da Primavera, não se fixando tempo de permanencia no interior.

O Cabo da tropa, guiado pelo regimento, commandava a bandeira, distribuindo justiça e datas de mineração, decidindo a partilha dos indios escravizados e as apprehensões; arrecadava e inventariava os bens dos fallecidos, julgava os crimes, impondo, bastas vezes, até pena de morte. Levava escrivão e officiaes de justiça para trabalhos forenses, e sacerdotes para o serviço religioso.

10 — Um estandarte era arvorado á testa da bandeira, acompanhado por um grupo de tambores.

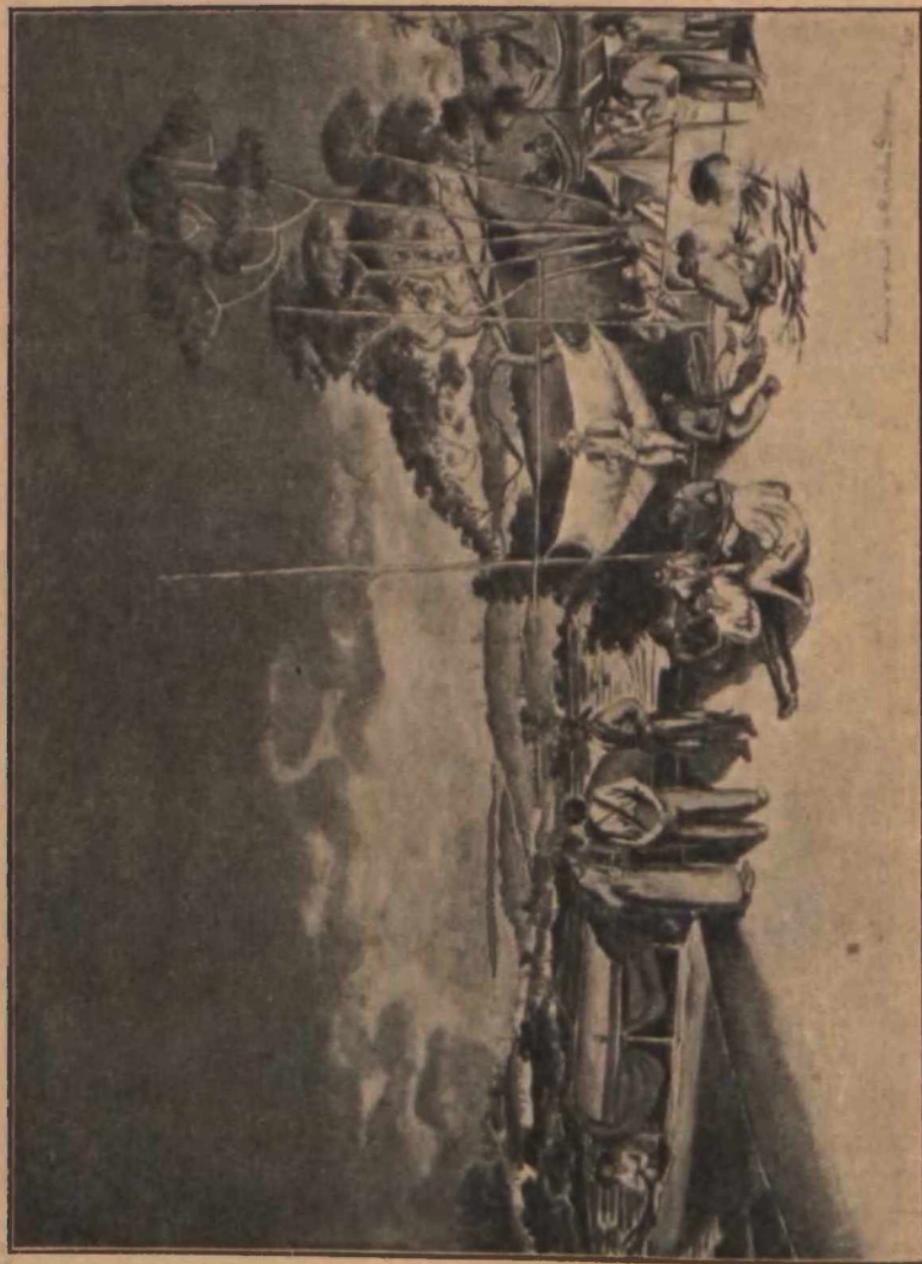
Vestiam os bandeirantes camisa, braga, gibão e um collete de couro cru acolchoado, á guisa de couraça; calçavam meias de algodão e grossos sapatos acompanhados de perueiras.

As armas que carregavam eram um arcabuz de pederneira, espada e polvarins; levavam chumbo em barra para moldar as balas consoante as necessidades.

Os escravos indios eram armados de arco e flecha. O



Um bandeirante



Pernoite de uma matança no sertão — Desenho de Hercules Florence

bandeirante não usava chapéu; apenas um lenço amarrado á cabeça. Alguns covados de baeta serviam a um tempo de cobertor e capote. A marcha diaria era de tres leguas, feitas ás primeiras horas da manhã, pois o resto do dia era empregado nas pesquizas, colheitas das provisões e preparo da comida.

Os objectos indispensaveis eram transportados em cargueiros, quando a viagem por terra; por agua, em canoas. Dormiam em redes armadas entre arvores. Costumavam levar longas correntes munidas de gargalheiras para prender os captivos.

O Cabo da tropa e as pessoas de consideração, que costumavam acompanhal-o, quando por terra, seguiam a cavallo.

11 — Essas ousadas entradas no sertão resolveram de um modo original e pratico « todos os problemas vitaes do nosso desenvolvimento ».

O territorio patrio foi grandemente ampliado; suas riquezas naturaes ficaram conhecidas, como centenas de rios e novas linhas de penetração.

Innumeras povoações devem sua origem ás bandeiras, como a fauna, a flora e a geographia o seu conhecimento.

Finalmente, grande e benefico incremento experimentou com ellas a formação da raça.



VIII

Fundação de S. Francisco. O municipalismo

1 — Chegámos quasi a um terço do seculo XVII sem que o nosso admiravel territorio experimentasse as vantagens de uma povoação estavel, permanente.

Vimos que tentativas castelhanas se fizeram na ilha de Santa Catharina e em S. Francisco.

Em 1619 Pedro de Cáceres pedia á Camara de S. Vicente para povoar o Rio de S. Francisco e a ilha de Santa Catharina.

Após consulta ao Governador-geral, foi-lhe concedida a licença com a declaração de não poder obrigar os indios a trabalharem no seu serviço, nem empregal-os sem lhes pagar estipendio. Assim como este, outros desejavam ir povoar as terras do sul. Os vicentistas, porém, foram prohibidos, em 1620, pelo Ouvidor-geral, de sahir para colonizarem outras terras sob pena de 200 cruzados de multa e degedo.

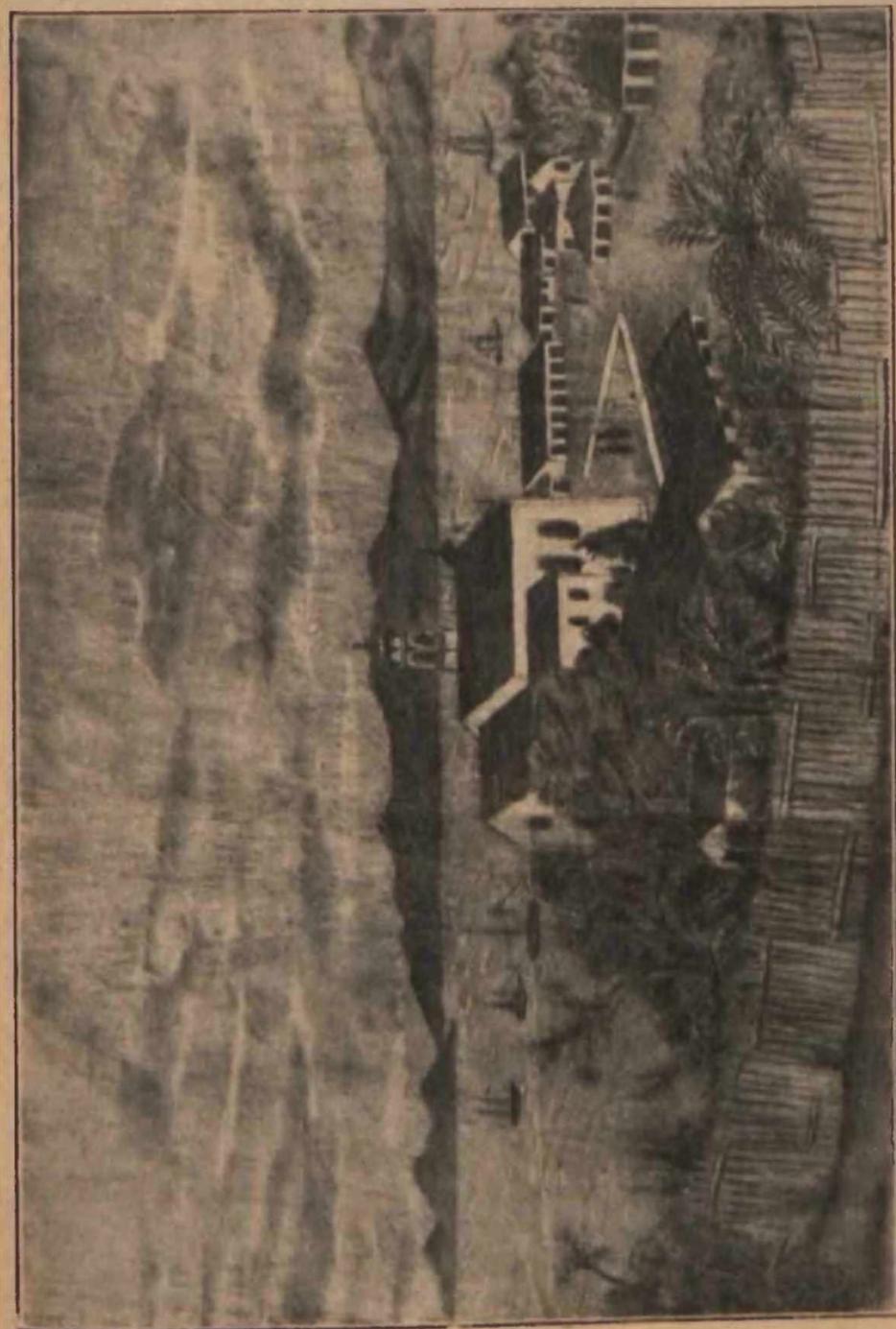
Em 1642 Antonio Fernandes obteve uma sesmaria, «para ir povoar a villa que se vae fundar em S. Francisco do Sul, onde já tinha capella de Nossa Senhora da Graça».

2 — O Capitão-mór de Paranaguá, Gabriel de Lara, logar-tenente e procurador do Marquez de Cascaes, de viagem para Curytiba, chegou ao rio de S. Francisco com sua gente, entre Outubro e Dezembro de 1649, para nelle fundar villa ou, talvez, sómente erguer o pelourinho como symbolo de justiça e jurisdicção. O sitio escolhido, ainda hoje conhecido por Villa-velha, foi na encosta do morro Paranaguá-mirim, á margem de um dos galhos do rio Paraty. Como o sitio apresentasse varios inconvenientes graves, mudaram mais tarde a séde do povoado para a margem opposta, depois para a ponta de Itacolomy e, afinal, fixaram-na definitivamente na ilha de S. Francisco. Tomou a povoação para orago Nossa Senhora da Graça.

3 — Não virá fóra de proposito descrevermos aqui, em traços geraes, o systema e cerimoniaes empregados nos antigos tempos, na erecção de uma villa.

Quando a população de determinado sitio alcançava certo desenvolvimento, requeria ao Donatario ou ao seu loco-tenente para gozar de tal privilegio.

Obtido o foral d'el-rei, o loco-tenente do Donatario ou o Capitão-mór da villa proxima, acompanhado do



Ouvidor, Escrivão e outras pessoas gradas, dirigia-se á povoação, em dia determinado, afim de realizar a cerimonia.

Mandava, então, rufar tambores á porta da casa em que se alojava, para reunir o povo. Chamava-se a isto — *ajuntamento*.

Conglobados os habitantes do arraial, era lida em alta voz a provisão do Juiz syndicante ordenando que se fizesse justiça. Terminada a leitura, o Ouvidor declarava erigir em villa a dita póvoa e passava a marcar o lugar em que se deveria levantar o *pelourinho*, preparado d'antemão. Em terreno vago, fronteiro a elle, mandava que se erigisse a casa da Camara e a Cadeia e que, emquanto taes edificios não ficassem concluidos, se alugasse casa para Camara e se fizesse um *tronco*, para cadeia.

Determinava em seguida o Ouvidor o *rocio* e os limites do termo da villa, desmembrando-a das justiças ordinarias a que até então se achára ligada.



Pelourinho

De tudo se lavrava um termo. O *pelourinho* ou *picota* — era o symbolo da justiça. Constava, no geral, de um rijo e grosso madeiro, lavrado nas quatro faces ou oitavado, com as insignias de quatro argolas de metal e braços aos lados; no tope, como remate, collocava-se um cutello.

Nesse poste eram amarrados os criminosos e surrados os escravos.

Em seguida, o povo requeria verbalmente que se fizesse *eleição das justiças*, pois se achava sem ellas e perecia á sua falta. Disso se lavrava um termo. Escolhia então o povo seis eleitores (homens bons). Estes, dous a dous, elegiam 2 Juizes ordinarios, 3 Vereadores, 1

Procurador do Conselho e 1 Escrivão, officiaes da Camara, que deviam servir durante um anno.

No dia seguinte o Capitão-mór fazia a apuração e em seguida proclamava os eleitos. Os dous juizes prestavam juramento sobre o Evangelho, ás mãos do Capitão-mór, de bem e verdadeiramente servirem seus cargos, e os outros faziam o mesmo ás mãos do Juiz mais velho.

De todas essas cerimoniaes se lavravam termos. Terminava tudo com luminarias, *Te-Deum* e festejos populares. A posse dos eleitos se fazia, no geral, no dia do Anno Bom.

4 — O Capitão-mór era, commummente, um cidadão abastado e cercado de prestigio, quasi sempre ignorante e prepotente, que o donatario despachava, munido de procurações com os respectivos poderes para em seu nome e como seu representante ou loco-tenente, governar por tres annos e distribuir justiça.

Era subordinado, apenas, aos Governadores-geraes, aos Provedores-geraes e Ouvidores da Comarca; a estes, porém, podia denunciar quando omisso no cumprimento do dever. Administrava e superintendia a policia, a milicia, o recrutamento e as obras publicas e, nos casos graves, concorria com a Camara e Juizes. Concedia sesmarias, recebia os proventos e dizimos emanados dos Foraes de doação, fazia nomeações de certos cargos secundarios de justiça e fazenda, e dava providencias attinentes á segurança e bem estar dos habitantes de sua jurisdicção.

5 — Em 1657 Salvador Corrêa de Sá e Benevides pediu uma doação de 100 leguas de costa e nella comprehendia a ilha de Santa Catharina.

Em Outubro do anno seguinte



Salvador Corrêa de Sá
e Benevides

a viuva e filhos do governador Duarte Corrêa Vasqueanes obtiveram duas concessões de terras em nossa costa; uma de 10 leguas de sesmaria por costa desde a barra de Paranaguá para o Sul e pelo sertão até entestar com a demarcação dos castelhanos; no caso das terras já estarem concedidas, correriam da ultima demarcação para deante; a outra era de 30 leguas por costa, começando onde acabavam as das Capitánias dos Condes de Monsanto e Vimieiro para o sul, confrontando no sertão com os espanhóes.

6 — Pelo mesmo tempo um bom grupo de paulistas, vicentistas e portuguezes veio reforçar a nascente povoação de S. Francisco (N. S. da Graça). Um dos mais notaveis colonos foi Manuel Lourenço de Andrade, que trouxe em sua companhia o genro, Luiz Rodrigues Cavalinho, abastado paulista, e grande numero de casaes, munidos de instrumentos agricolas.

Manuel Lourenço, que foi o primeiro Capitão-mór da villa, trazia amplos poderes do Marquez de Cascaes para povoar a terra, repartindo-a entre os seus companheiros e os mais que fossem chegando.

Assim o fez: as terras do Sahy, Paraty, ilha do Mel, Iperoba, Jaguaruna, Pinheiros foram logo distribuidas.

As primeiras derrubadas se fizeram e logo roças de canna de assucar, algodão, milho, feijão e outros cereaes cobriram as encostas. A terra começou a recompensar o trabalho.

Modestas industrias se estabeleceram; engenhos de assucar e farinha, pequenas atafonas, toscos teares, olarias, cordoarias de cipó imbé e gravatã.

O mar era extraordinario viveiro; a pesca foi desde logo explorada. As parcas minas de ouro da redondeza continuaram a attrahir os cubiçosos.

Começava assim a terra catharinense a produzir seus fructos, mostrando sua bondade e pujança, ensaiando novas energias para enfrentar no futuro a formidavel



Engenho de Assucar no seculo XVII

competencia das suas irmans que, desde os primeiros tempos, se apresentavam sempre mais bem aquinhoadas pelas graças da metropole, dos dous imperios e ainda da republica.

7 — Em 1665 a villa de Nossa Senhora da Graça foi elevada a parochia, sendo seu primeiro vigario o Padre Manuel de Faria Filho.

8 — Tendo fallecido o Capitão-mór Manuel Lourenço de Andrade, substituiu-o G. de Lara, em 1666.

Continuava a villa a prosperar e a receber novos povoadores. A exploração das minas de Itapocú e Itajahy ia em progresso. Substituiu a G. de Lara no cargo de Capitão-mór Domingos Francisco Francisque, alcunhado o *Cabecinha*.

Este homem, ignorante e despotico, commetteu innumeras arbitrariedades, fazendo-se assaz temido do povo.

Entretanto, durante sua gestão, a villa adquiriu lustre. Depois de uma serie enorme de desatinos e crimes, propios ao atrazo da epocha, foi destituído do lugar e processado.

Para fugir á acção da justiça, escondeu-se numa furna e lá morreu.

IX

Desterro e Laguna

1 — Em 1659 d. Luiza de Portugal, regente na menoridade de seu filho d. Affonso VI, nomeou Capitão do Rio de Janeiro e governador da Repartição do sul, sem subordinação alguma ao Governo-geral do Estado do Brasil, a Salvador de Sá e Benevides.



D. Affonso VI

Em fins do anno seguinte, esse illustre brasileiro embarcou para a villa de Santos afim de visitar as minas situadas nos districtos do sul.

Como zelasse muito pela liberdade dos selvicolas e fosse amigo dos jesuitas, não gozava elle das sympathias paulistas.

De tal modo, porém, se houve durante a excursão, providenciando sobre estradas, pontes, passagens de rios e outros melhoramentos indispensaveis, que conseguiu transmutar a malquerença em sympathia e amizade. Foi a S. Paulo e na priverança dos mais importantes e abastados senhores animou-os a fazer novas entradas no sertão á cata de minas e a povoar a costa do sul.

Nessa occasião, provavelmente, fez elle conhecimento com os Capitães Francisco Dias Velho e Domingos de Brito Peixoto.

2 — Após as passageiras tentativas de desertores e naufragos castelhanos e portuguezes na formação de um nucleo civilizado na Ilha, ficou ella por largo tempo, ao que se sabe, em quasi total abandono.

De quando em quando a arribada de um pirata, de um navio espanhol em demanda dos tormentosos mares do sul, a passagem de um jesuita ou frade no piedoso myster de catequista, um grupo rumoroso de bandeirantes farejando ouro, quebravam a solidão da ilha.

Em seu «Papel forte», de 1646, diz o Padre A. Vieira que a ilha de Santa Catharina contava 10 ou 12 moradores portuguezes. Julgam alguns historiadores que a vinda do primeiro colonizador tivesse lugar em 1651, pois ainda existia em 1727 uma cruz no adro da ermida com a data acima.

Quero crer que essa cruz fosse levantada pelos jesuitas quando em missão. Não são accordes, infelizmente, os chronicistas quanto á era da implantação do primeiro povoado regular na ilha de Santa Catharina.

3 — Com a chegada de Sá e Benevides a S. Paulo, talvez estimulado por este, que em 1676 obtivera a doação de uma capitania de 100 leguas de costa, comprehendendo a ilha de Santa Catharina, resolveu o capitão de milicias Francisco Dias Velho colonizal-a.



P. Antonio Vieira



Francisco Dias Velho

Seu pae, Francisco Dias, fôra um dos muitos bandeirantes que haviam palmilhado nossas terras e uma victima dessas audaciosas incursões (1645).

Naturalmente o filho herdou-lhe a coragem e o dano, acompanhando-o em muitas entradas ao sertão.

Resolvido, mandou em 1673 o seu irmão José Dias Velho «com cento e tantos homens da sua administração, com o intento de fazer povoação onde melhor sitio se descobrisse, e, com effeito descobriu excellentes terras na ilha de Santa Catharina e logo nella fez plantações» — informa-nos P. Taques.



Cathedral de Desterro, 1866. — Desenho de Tschudi

Em 1675, segundo as melhores fontes, partiu Dias Velho de S. Paulo com sua familia, aggregados e escravatura em demanda da ilha. A familia constava de sua mulher, d. Maria Pires Fernandes, tres filhos, João, José e Bento Pires Monteiro, e tres filhas, Anna, Ignez e Maria. Como aggregado vinha o iguapense José Tinoco, casado com Ignacia da Costa e tres filhos, Ignez, Domingas e José. Acompanhavam-no dous sacerdotes.

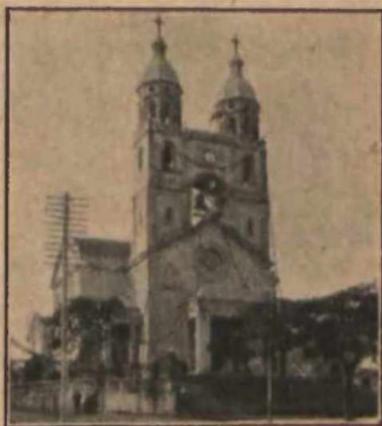
A escravaria compunha-se de pretos e indios domesticados. Algum tempo depois de estabelecido (1681)

levantou Dias Velho uma pequena ermida dedicada a Nossa Senhora do Desterro, talvez devido á soledade do sítio.

4 — Tudo faz erer que Dias Velho assentasse arraial no mesmo sítio em que se escancara a actual praça 15 de Novembro na capital. A situação era assaz adequada e bella.

Uma pinturesca praia de areia fina se desdobrava em curva harmoniosa desde a Ponta-Alegre, na Rita Maria, até o riacho do Areião, junto á Toca.

Entre os corregos da Buiha ou Fonte-grande e do Trajano actual, então volumosos ribeiros encachoeirados, no sopé da pequena collina que se elevava ao fundo, onde hoje vemos situada a cathedral, de-frontando a bahia sul, cingida pela moldura magestosa do Cambirella, estabeleceu elle a ermida, agrupando-se em torno o casario da póvoa, naturalmente ranchos de pau a pique, barreados e cobertos de palha.



Vista actual da Cathedral

As terras de cultura e criação espraiavam-se pelas cercanias, na ilha e na terra firme fronteira.

5 — Em 1666 o Procurador do Marquez de Cascaes concedeu sesmarias de meia legua ás margens do rio Massiambu, no continente fronteiro á ilha de Santa Catharina, a Miguel Antunes Prompto e a mais treze companheiros deste, de Guaratiba (Estado do Rio).

Pelo mesmo tempo novas terras foram concedidas, na ilha, a Antonio Affonso e seis companheiros, com as respectivas familias. Segundo o dr. Ermelino de Leão, erudito historiador paranaense, cabe ao seu patricio Antonio Affonso a primazia do povoamento da ilha de Santa Ca-

tharina. Sabemos, de facto, que Gabriel de Lara, capitão-mór de Paranaguá, concedeu as sesmarias referidas; não temos, porém, certeza se os aquinhoados se estabeleceram realmente nas referidas terras.

6 — Em fins de 1678 organizava-se em S. Paulo, sob a chefia do Tenente mestre de campo general Jorge Soares de Macedo, uma expedição para o descobrimento «das minas de prata que houve neste sertão até o rio de Buenos-Aires». Dias Velho, que no momento se encontrava em S. Paulo, offereceu-se para tomar parte na empreza. A expedição devia partir por mar, mas foi destróada pelos temporaes.

Por esse tempo o governador do Rio de Janeiro, d. Manuel Lobo, tratava da fundação da Colonia do Sacramento á margem septentrional do Rio da Prata, e como soubesse que os escapos do desastre da bandeira de Soares de Macedo haviam alcançado por terra a ilha de Santa Catharina, mandou instrucções para que se applicassem em preparar material indispensavel ás fortificações daquella praça.

Ali estiveram muito pouco tempo em vista de ter sido tomada a Colonia pelos castelhanos (1680).

7 — Dias Velho, no entanto, com os seus, continuava a desenvolver o seu estabelecimento agricola e pastoril.

Vivia relativamente feliz a nova colonia, pois a «lerra — no dizer do destemido bandeirante — é mais que bôa, quem disser o contrario mente».

Os habitantes entregavam-se ao trabalho campesino, á criação de gado, á pesca, não descurando tambem a mineração.

Porto de abrigo excellente, era Santa Catharina continuamente procurada por marujos fatigados de longas e penosas viagens e pelos piratas que pilhavam em nossos mares.

Soube Dias Velho certa vez que arribára á praia de Canasvieira um navio pirata (capitão Thomaz Frins) e

que, carecendo de reparos, naquella sitio desembarcara rico cabedal.

Preparou seus homens de arco e para lá partiu; e cahindo de surpresa sobre os filibusteiros inglezes desbaratou-os, apoderando-se do navio e das riquezas em terra depositadas. De tudo fez entrega ás autoridades santistas.

8 — Os ladrões do mar juraram vingança. Passou-se o tempo...

Quando o velho paulista menos esperava, eis-os que chegam.

A' noite desembarcam, atacando o povoado ao romper do dia. Caem de chofre sobre a casa de Dias Velho, o desfeiteiam e, na sua presença, pretendem violentar-lhe as filhas. O pundonoroso ancião, vendo-se indefenso, tenta arrebatrar das mãos de um pirata uma arma para desaggravar a vil affronta. Um tiro no rosto, desfechado á queima roupa, prostrou-o morto (1689).



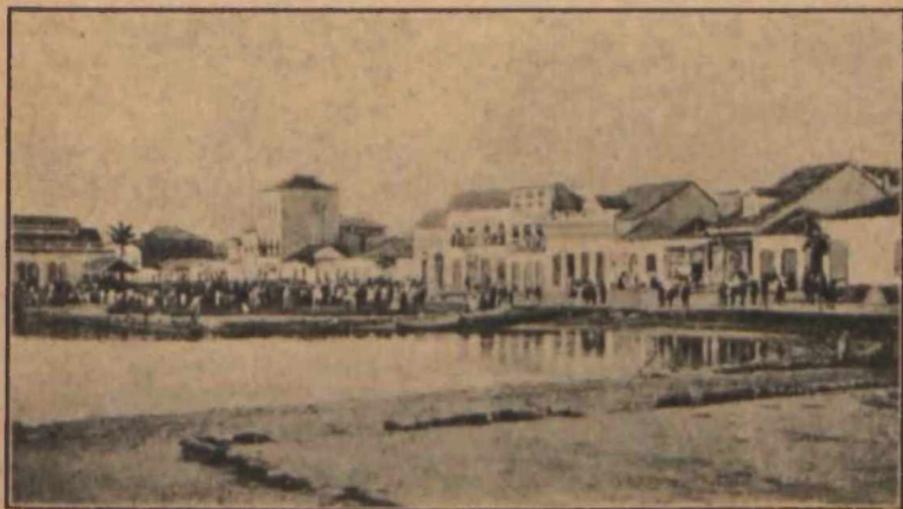
Ataque do cap. Thomaz Frins ao povoado de Nossa Senhora do Desterro — 1689

As paredes da ermida se tingem de sangue. O panico se estabeleceu no arraial. A familia do infeliz povoador foi aprisionada e seria levada para bordo do corsario se não fossem os rogos dos padres e as offer-tas feitas pelos filhos do morto.

9 — Esse tragico acontecimento veio desorganizar a incipiente colonia.

A familia enlutada resolveu retirar-se para S. Paulo. Um dos filhos de Dias Velho, que minerava no Tayó, abandonou a lavra. E' provavel que José Tinoco com alguns escravos e outros adjuntos, tivessem permaneci-cido na ilha, para attender ás plantações, ás colheitas e ao gado.

10 — Pouco depois do capitão Dias Velho (1676), um outro abastado paulista, Domingos de Brito Peixoto, convidado pelo rei a empregar seus bens e seus esfor-ços no povoamento da costa sul e no descobrimento de minas, marchou por terra com dons filhos, Francisco de Brito Peixoto e Sebastião de Brito Guerra, dez homens brancos e 60 escravos do porto de Santos com destino á Laguna.



Laguna

Entre 1682 e 1684, depois de varios contratempos em que perdeu embarcações e gente, conseguiu fixar-se naquellas paragens, onde teve que enfrentar as hostilidades dos indios.

Lançados os fundamentos do povoado foi elle posto sob o orago de Santo Antonio dos Anjos.

11 — Estabelecida a povoação e distribuidas as terras, deu Domingos Peixoto começo á exploração e conquista dos pampas riograndenses, repellindo os *minuanos*, que se lhe antepunham. Esse arduo serviço foi entregue ao seu genro João de Magalhães, que deixou ligado o seu nome a um bairro da cidade da Laguna.

Em 1696 levantaram uma igreja. Regressando Domingos Peixoto a S. Vicente, onde pouco depois falleceu, ficou á testa da nova povoação seu filho Francisco, que notavel impulso deu á conquista do sul, permittindo assim communições mais faceis com a praça da Colonia do Sacramento.

12 — No mesmo anno o capitão Antonio Bicudo Camacho com mais vinte casaes veio fixar-se em terras de Massiambú e Araçatuba, no continente fronteiro, á barra do sul do porto de Florianopolis. O Padre Matheus de Leão e varios companheiros obtiveram tambem por esse tempo terras na ilha.

13 — Pela bulla de Innocencio II, de 16 de Novembro de 1676, o bispado da Bahia foi elevado a Arcebispa-do metropolitano e a Prelazia do Rio de Janeiro elevada a Bispado, ficando a ella subordinado o territorio das donatarias de S. Vicente e Terras de Sant'Anna.

14 — Pelas cartas régias de 29 de Maio de 1698 e de Outubro de 1700 foi approvada a divisão feita da Comarca geral de S. Paulo em duas. A' primeira Ouvidoria ficou pertencendo a villa de Nossa Senhora da Graça do Rio de S. Francisco do Sul e toda a costa austral do Brasil.



Lavagem de ouro em Villa Rica, hoje cidade de Ouro Preto, Minas.

X

Novos povoadores. A capitania de S. Paulo

1 — Ao dealbar do novo seculo reinava em Portugal el-rei d. Pedro II e era Governador-geral do Brasil d. João de Lencastre, substituido pouco depois por d. Rodrigo da Costa (1702).

2 — Com a descoberta das minas de ouro pelos paulistas, começaram a affluir para ellas, de todos os recantos do paiz e da metropole, innumerous aventureiros.

Deante dos immigrants cubiçosos os paulistas se foram estomagando, até que entre elles irromperam rixas e conflictos.

A' margem do rio, que por isso foi chamado das Mortes, em 1709, deu-se sério e sangrento encontro entre *Mamelucos* (nacionaes) e *Emboabas* (estrangeiros).

Afim de melhor policiar tão extensa zona, resolveu o governo da metropole crear a Capitania de S. Paulo e Minas, separada da do Rio de Janeiro, mas subordinada ao governo geral.

3 — Como as cincoenta leguas da Capitania de Santo Amaro e Terras de Sant'Anna continuassem a ser disputadas pelos herdeiros de Martin Affonso e Pero Lopes, um brasileiro riquissimo, José de Góes e Moraes, se propôz compral-as.

D. João V, porém, não consentiu, resolvendo incorporal-as á corôa pelo preço ajustado. As terras catharinenses ficaram assim subordinadas á Capitania de S. Paulo e Minas.



D. João V

4 — Navios francezes, por esse tempo, costumavam procurar os portos da costa catharinense para ponto de arribada, refresco e contrabando.

De quando em quando apparecia um delles a entreter commercio illicito com os escassos habitantes do nosso littoral.

Uma de suas bases preferidas era, na barra do norte, a pequena ilha ainda hoje denominada do Francez, e, á barra do sul, as ilhas dos Papagaios, chamadas por elles os Tres Reis, em cujas cercanias, nos campos de Araçatuba, se abasteciam de gado.

Devido a essas visitas continuadas de francezes e outros estrangeiros á nossa costa, foi mandado o Sargento-mór Gonçalves de Aguiar percorrel-a para apri-

sionar os corsarios e examinar-lhe os portos afim de povoal-os.

5 — Em 1712 esteve em Santa Catharina com dous navios o navegador e hydrographo francez Mr. Frézier, encontrando na ilha pequeno nucleo colonial.

Manoel Manso de Avellar
Fac-simile

Nelle viviam os chamados «segundos povoadores», Manuel Manso de Avellar, Salvador de Souza de Brito com mais uns vinte casaes de brancos, indios e pretos.

Souza Brito ligou seu nome á pequena enseada e freguezia da terra firme, fronteira á bahia do sul de Florianopolis.

6 — Por esse tempo appareceram em Santa Catharina os missionarios carmelitas, frades Thomé Bueno e Agostinho da Trindade, a curar as almas dos habitantes das redondezas e a catequizar os selvicolas da região.

Era nesse tempo vigario da Laguna Frei Francisco da Encarnação, estipendiado por Brito Peixoto.

Fr. Agostinho da Trindade passou a parochiar a capella do Desterro em 1724.

7 — Procedente do Cabo-Verde fundeava, em Junho de 1719, na bahia do norte, o corsario inglez *Speedwell* sob o commando de George Shelvocke. Pouco depois, aportava á barra do sul o navio de guerra francez *Ruby* commandado por Mr. La Jonquiére. A gente do corsario inglez vexou sobremodo os povoadores.

8 — Em fins de 1719 chegava á Laguna, em correição, o Ouvidor geral Raphael Pires Pardinho.

A 20 de Janeiro do anno seguinte elevou a povoação a villa, embora já gozasse ella desses fôros desde seis annos antes, e determinou os limites do seu termo.

A villa compunha-se, nesse tempo, de 42 ranchos de palha, com trezentas pessoas de confissão. O traje

Vista de Nossa Senhora do Desterro na Ilha de Santa Catharina. Viagem de Zimmermann, 1808



dos homens constava de capote e tamancos; quasi todos eram analphabetos.

Em 1709 havia «50 casaes de parochianos, homens brancos, que assistem como bons christãos os officios».

O Ouvidor providenciou sobre o arruamento do povoado, determinou uma área de terra para logradouro publico, prohibiu o captiveiro dos *Carijós*, e creou os livros não existentes na Camara. A exportação da villa resumia-se em farinha de mandioca, peixe secco, carnes salgadas e cordoalhas de cipó imbé.

Continuava como Capitão-mór Francisco de Brito Peixoto.

9 — Da Laguna partiu Pires Pardinho para a ilha de Santa Catharina acompanhado dos Vereadores.

O povoado do Desterro compunha-se de 27 casaes com 130 pessoas de confissão.

A 27 de Janeiro reuniu o Ouvidor o povo e, lidos os provimentos que foram approvados, annexou a póvoa ao termo da Laguna, desligando-a do de S. Francisco e determinou: que os povos da ilha pudessem ir á Laguna pescar, recommendando á Camara o tamanho das malhas das redes; que se elegeisse um Capitão de Ordenanças, um Alferes e 2 Sargentos, ficando o povo obrigado a correr ás armas logo que se tocasse rebate; que fizessem um tronco forte, grillhões e ferros para os criminosos e que estes fossem remettidos para a Laguna ou para a praça de Santos. Creou mais um Juiz ordinario, um Tabellião e um Escrivão de orphãos.

10 — Com o processo e morte do famigerado Capitão mór de S. Francisco, o *Cabecinha*, os animos serenaram. Foi eleito para substituil-o o capitão F. Fernandes Camacho que, por sua vez, passou a administração a Agostinho Alves Marinho. Em Abril de 1720 chegava á villa o Ouvidor Pardinho, fixando os limites do districto com o da Laguna pela ponta norte da enseada das Garoupas. Com o districto de Paranaguá, limitou-a pela barra de Guaraluba.

11 — Por alvará de 2 de Dezembro de 1720 foi desmembrado o territorio paulista da Capitania de S. Paulo e Minas para formar novo governo separado, sendo nomeado seu governador e capitão general Rodrigo Cesar de Menezes.

As terras catharinenses ficaram subordinadas ao novo governo.



XI

A vida catharinense

1 — Constituida a Capitania de S. Paulo, a terra catharinense ia entrar em nova phase de progresso e desenvolvimento.

S. Francisco, ao norte, Laguna, ao sul, ampliavam seu commercio e sua vida economica.



Vista actual de São Francisco

A criação do gado nos campos lagunenses tornára-se notavel e novas fazendas se estiravam para o sul, para os pampas rio-grandenses.

Navios carregados de cereaes, carnes e peixes salgados, cordoalhas de imbé, etc., rumavam para Santos, Rio de Janeiro e Colonia do Sacramento.

A população crescia satisfactoriamente, sob um clima ameno e saudavel. As primeiras estradas foram rasgando o sertão, ligando os povoados existentes e dando origem a novos.

2 — Libertos do periodo embryonario e critico, o estimulo e a rivalidade estabeleceram-se entre os dous maiores povoados do sul. Desterro, ponto intermedio á Laguna e S. Francisco, embora com excellente porto e melhor barra que os vizinhos sentia-se diminuida ante o progresso de suas irmans.

Situada numa ilha, não dispunha, infelizmente, dos meios indispensaveis ao seu desenvolvimento. Essa condição de inferioridade economica dava azo a que os povos e os dirigentes do arraial invejassem seus vizinhos.

Entre o capitão-mór da Laguna, Francisco de Brito Peixoto, e o sargento-mór da Ilha, Manuel Manso de Avellar, originou-se tal malquerença, que terminou pela prisão de ambos.

3 — Os lagunenses, dignos continuadores dos bandeirantes, continuavam a internar-se pelas campanhas rio-grandenses arrebanhando gado, repellindo os selvicolas e auxiliando os defensores da Colonia do Sacramento com homens e mantimentos.

A pesca, o fabrico da farinha e o plantio de varios cereaes tomavam largo incremento, como tambem as charqueadas.

Os moradores eram ainda « muito pobres e vivem miseravelmente de suas pescarias em ranchos de palha ».

4 — A Ouvidoria de S. Paulo havia sido desdobrada, organizando-se então a de Paranaguá, que comprehendia

as villas da marinha, desde Iguape até o Rio da Prata. Foi nomeado Ouvidor Antonio Alves Laines Peixoto.

5 — Pouco depois de sua posse sahiu elle em correição ás villas do sul. A 15 de Março de 1726 achava-se na Laguna, onde tirou residencia do Capitão-mór Brito Peixoto. De lá passou á ilha de Santa Catharina, elevando o povoado do Desterro á categoria de villa no dia 23. O Ouvidor mandou proceder a eleição das justiças, que deveriam servir nos annos de 1726, 27 e 28, por tel-as separado da Laguna.

Foram eleitos: Juiz ordinario, Domingos Lopes Ser-tan; Vereador, Francisco Martins Pereira (assignou de cruz); Procurador do Concelho, Antonio de Castilho; Escrivão da Camara, Sebastião Rodrigues Camacho; aos quaes o Ouvidor Peixoto deu juramento.

Foi eleito Capitão-mór da nova villa Sebastião Rodrigues Bragança, Cabo militar da praça de Santos e Mestre de Campo honorario.



XII

Surtos para o sertão — Guarnições militares

1 — O governador e capitão general de S. Paulo, Cesar de Menezes, foi substituido por Antonio Caldeira Pimentel.

Por provisão de 4 de Março de 1728 ordenava-se que se occupasse militarmente a Ilha de Santa Catharina; anteriormente, só costumavam ir soldados a ella para afugentar piratas que ali aportavam ou em diligencias policiaes.



Carta topographica da Capitania de São Paulo e seu sertão. 3.^o quartel do seculo XVIII. (Museu Paulista)

lla
nor
5 -
o &
ag
oto
pe
vi
ia
ad
do
Ve
i
vã
s o
fo
es
e

2 — Em Setembro de 1727 Caldeira Pimentel mandou Francisco de Souza Faria abrir uma estrada ligando os campos do sul ao sertão de Curytiba.

Os Capitães-móres das villas meridionaes forneceriam o pessoal para o trabalho. Embarcou-se Faria em Santos n'uma sumaca, acompanhado de 35 pessoas, e fez-se de vela para Paranaguá. Nessa villa, S. Francisco e Desterro foi arrebanhando novos trabalhadores, chegando á Laguna com 96 homens.

Faria começou a encontrar sérias difficuldades, que lhe antepunham os ilhéos e lagunenses.

Com muito trabalho conseguiu iniciar a famosa estrada á margem do rio Araranguá, terminando-a após dous annos de luctas e fadigas.

Ao cortar o sertão encontrou muitas cruces levantadas, naturalmente pelos castelhanos para assignalar a sua posse sobre aquellas terras ou, então, pelos jesuitas durante a catequese aos tapes e minuanos.

3 — Com a abertura dessa importante via de comunicação estabeleceu-se logo grande commercio de muarres e bovinos entre os campos lagunenses e as regiões de Curytiba e S. Paulo.

O primeiro a aproveitar-se desse melhoramento foi Christovam Pereira de Abreu que, em 1731, só por conta propria, levou a Curytiba 800 cabeças de gado, no que empregou treze mezes; voltou com mais 130 pessoas e 3.000 cavalgaduras.

4 — Vimos que, desde 1714, exercia o cargo de capellão da ilha de Santa Catharina o Frade carmelita Agostinho da Trindade, substituído por Frei Thomé Bueno. Penso que esses vigarios eram, apenas, encomendados, isto é, amoviveis.

Tempos depois os habitantes da ilha pediram á autoridade competente para que lhes desse por parocho fr. Agostinho.

Em 1727 era vigario o P. Francisco Justo Santiago. Por Alvará de 2 de Março de 1730 foi creada a Vi-

gairaria collada de Nossa Senhora do Desterro, sendo então nomeado seu vigario o Padre Estevam Simões Manço.

5 — No anno de 1732 foram tirados da população catharinense os primeiros homens para o serviço das armas, mal incalculavel que trouxe como resultado a decadencia da incipiente agricultura e grande desanimo entre os povoadores.

6 — Por esse tempo foi iniciada entre nós a pesca da baleia por uma sociedade de portuguezes. Como esse cetaceo fosse muito abundante em nossos mares, a empreza auferiu grandes lucros. A pesca da baleia, indirectamente nos trouxe varias vantagens, pois foi a escola de afoitos marinheiros e de praticos e a fundadora de diversas corujeiras em nosso littoral.

7 — O Capitão-mór da Laguna, após uma vida dedicada á patria e ao rei na fundação da Laguna e desbravamento dos campos do Rio-Grande, falleceu pobre a 31 de Outubro de 1735, sem nunca receber o menor galardão pelos seus relevantes serviços.

8 — Com a sua morte foi nomeado Capitão-mór da Laguna o do Desterro, Sebastião Rodrigues Bragança. Este, por sua vez, foi rendido por Francisco Dias de Mello, sargento da praça de Santos e Mestre de campo *ad honorem*.

9 — Em 1736 por ordem d'el-rei foi mandada abrir uma estrada, pondo em communição a villa de S. Francisco com a ilha de Santa Catharina.

Por esse tempo tambem a Camara da Laguna permitia que se rasgasse um caminho pelos campos de Viamão.

Desse modo as communições terrestres tornavam-se mais amiudadas e commodas, o commercio se fazia mais facilmente, o povoamento tomava maior incremento e o sertão era francamente desbravado.

10 — Em 1737 uma nau espanhola arribou a Canasvieira, ao norte da ilha de Santa Catharina.

Bôa parte da tripulação, maltratada pela officialidade, desertou o navio dirigindo-se em escaleres para a villa do Desterro. A' approximação das embarcações pejudadas de gente armada, que tentava desembarcar na Figueira, o povo da pacata villa alvorotou-se. Os sinos locaram a rebate. A esse appello os homens armaram-se e, com João de Tavora á frente, repelliram os castelhanos á bala. Estes, ante a insolita recepção, descarregaram os bacamartes e bradaram que eram de paz.

Acolhidos pelo Capitão-mór, resolveram permanecer na terra como colonos.

11 — Esse acontecimento veio lembrar ao governo de S. Paulo a defesa militar da ilha e das villas do sul,

Em Maio de 1737 foram enviados de Santos 1 Capitão de infantaria, 1 Alferes, 2 Sargentos, 52 soldados e 7 artilheiros guarnecer a ilha.

O Capitão nomeado foi Antonio de Oliveira Bastos, que trouxe em sua companhia algumas familias e parentela.

12 — A vida lagunense começou a ser perturbada nessa epocha por elementos heterogeneos provindos do assédio da Colonia do Sacramento.

Os proprios filhos da terra haviam perdido seus habitos pacificos em meio da licença dos acampamentos militares.

Assaltos e roubos ás fazendas de criação davam-se diariamente; a segurança individual era ameaçada, sem a minima providencia do Capitão-mór, então velho e achacado.

Veio tornar mais afflictiva a situação o naufragio de uma nau espanhola, cuja tripulação se espalhou, inconfida, pelas cercanias da villa.

A Camara, afinal, reuniu-se e exigiu providencias energicas para terminar aquelle estado de coisas. O Capitão-mór Bragança resignou o cargo, sendo nomeado,

interinamente, João de Tavora, que foi confirmado no posto em 1742.

13 — Em 1737 foi creada na villa do Desterro uma Provedoria de Fazenda, composta de um Provedor, um Escrivão e um Almojarife servindo de Thesoureiro.

14 — Desde os primitivos tempos os limites do termo da villa da Laguna, ao sul, corriam pela margem esquerda do estuario conhecido por Rio Grande de S. Pedro.

Com a criação do presidio do mesmo nome pelo brigadeiro José da Silva Paes, o rio Tramandahy passou a ser, tacitamente, considerado o limite natural entre os termos da Laguna e do Rio Grande.



XIII

Capitania subalterna

1 — No anno de 1737 começou a governar, interinamente, a Capitania de S. Paulo o brigadeiro Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, então Governador e Capitão general do Rio de Janeiro. Este administrador, em carta a el-rei, mostrou a necessidade de ficar sob a acção de um só governo toda a costa do sul do Brasil até a Colonia do Sacramento e a premente urgencia de fortificar-se a ilha de Santa Catharina.



Gomes Freire de Andrade

2 — Nessas condições, pela resolução de 5 de Agosto de 1738,



Brigadeiro José da Silva Paes

o Governo da metropole determinou ao Sargento-mór de batalha (brigadeiro) José da Silva Paes passasse á citada ilha e nella levantasse fortificação capaz á sua defesa.

3 — Por aviso de 11 de Agosto do mesmo anno e resolução tomada a 5 do mesmo mez, foi a ilha de Santa Catharina separada da Capitania de S. Paulo e subordinada á do Rio de Janeiro.

4 — De volta de uma commissão á Colonia do Sacramento, embarcou Silva Paes para Santa Catharina, tomando o commando do novo presidio (praça de guerra) aos 7 de Março de 1739.

Passou-lhe o governo o Capitão-mór-regente Francisco Dias de Mello.

Com pessoal que trouxe do Rio e o da propria villa organizou elle as repartições civis e militares.

5 — Silva Paes trouxe consigo um destacamento de soldados. Com elle e com a tropa que encontrou na villa constituiu um luzido batalhão de artilheiros fuzileiros de 4 companhias.

Essa unidade que, pouco a pouco, se foi desenvolvendo e chegou a constituir um Regimento, conhecido pela alcunha de *Barriga-Verde*, devido ao peitilho verde do seu uniforme, enche um seculo da nossa historia militar com paginas de heroismo, resignação, disciplina e gallardia.

D'ahi herdarem o epitheto honroso os catharinenses.

6 — Logo de chegada, Silva Paes deu principio á fortificação da Ilha e das bellas bahias por ella formadas. O primeiro forte foi levantado na pequena ilha do



Um *Barriga-Verde*



Fortalezinha Santa Cruz

Anható-mirim á barra do norte; tomou o nome de Santa-Cruz e ficou prompto em 1744.

Em seguida (1740), iniciou o forte de S. José da Ponta-grossa, ao norte da ilha de Santa Catharina, e o de Santo Antonio, na ilha do Raton-grande na bahia do norte; em 1741 o de Nossa Senhora da Conceição, na ilha de Araçatuba, á barra do sul.

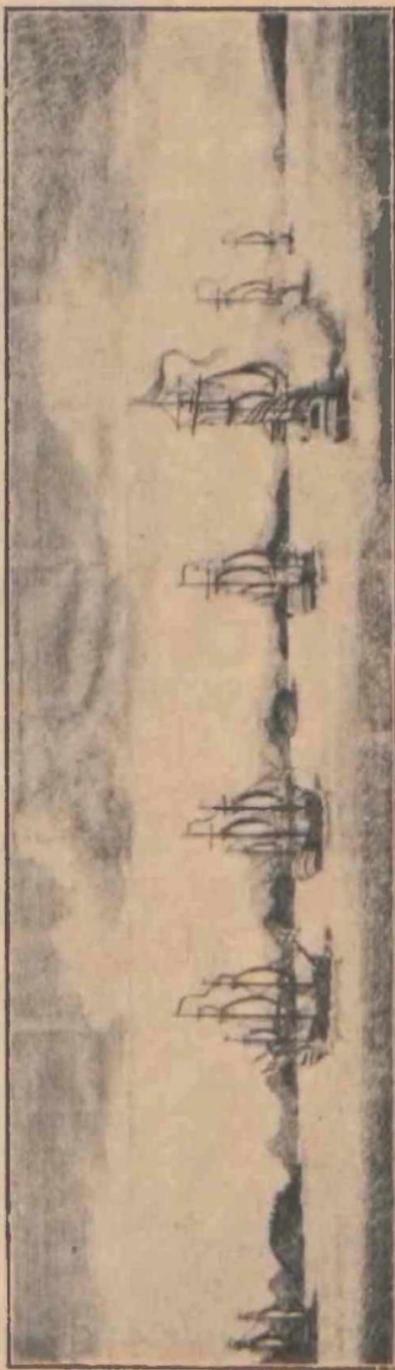
7 — Em Dezembro de 1740 deu fundo á barra do norte uma esquadra ingleza, sob o commando do almirante George Anson, que viera á America atacar as colonias espanholas. Dessa estadia resta-nos uma interessante descripção.

8 — Tendo havido uma sublevação no Rio Grande, para lá seguiu o brigadeiro Silva Paes. Na sua ausencia foi substituido pelo capitão Patricio Manuel de Figueiredo e, depois, pelo Tenente Mestre de campo Pedro de Azambuja Ribeiro.

9 — Pela carta-regia de 4 de Janeiro de 1742 a villa da Laguna foi desmembrada da Capitania de S. Paulo e reunida á do Rio de Janeiro.



Vista das costas do N. E. da Ilha de Santa Catharina



Vista da entrada septentrional do porto de Santa Catharina

VIAGEM DE GEORGE ANSON — 1740

10 — Thomé Gomes Moreira e mais sete negociantes lisboetas, tendo feito um contrato para a pesca de baleias em nossos mares, escolheram uma enseada no continente fronteiro á entrada da barra do norte, para nella fundar a primeira Armação, que foi collocada sob o patrocínio de N. S. da Piedade. Sua capella foi inaugurada a 18 de Novembro de 1745.

11 — Em Março de 1746 retomava as redeas da administração o brigadeiro Silva Paes, iniciando logo uma picada para ligar a contra costa fronteira da villa aos sertões de oéste.

Creadas, em 1748, as Capitánias de Matto-Grosso e Goyaz, a de S. Paulo com as adjacentes, até os confins dos governos de Minas-Geraes, do Rio de Janeiro e da Ilha de Santa Catharina passaram a ser «administradas pelo governador de Santos, que será subordinado ao do Rio de Janeiro da mesma sorte que o são por ora os mais governos dessa costa até a Colonia».

No fim do seu governo, em 1749, a população catharinense era computada em 4.197 almas.

12 — A villa de S. Francisco e seu termo prosperavam desassombradamente.

Por desgraça, em 1748, um grande temporal desabou sobre a villa e seus arredores derribando arvores, matando aves, quadrupedes e até peixes, causando prejuizos de grande monta.



XIV

Colonização açorita e madeirense

1 — O brigadeiro Silva Paes teve como substituto o Coronel de infantaria Manuel Escudeiro Ferreira de Souza, cavalleiro fidalgo, com soldo annual de dous contos de réis.

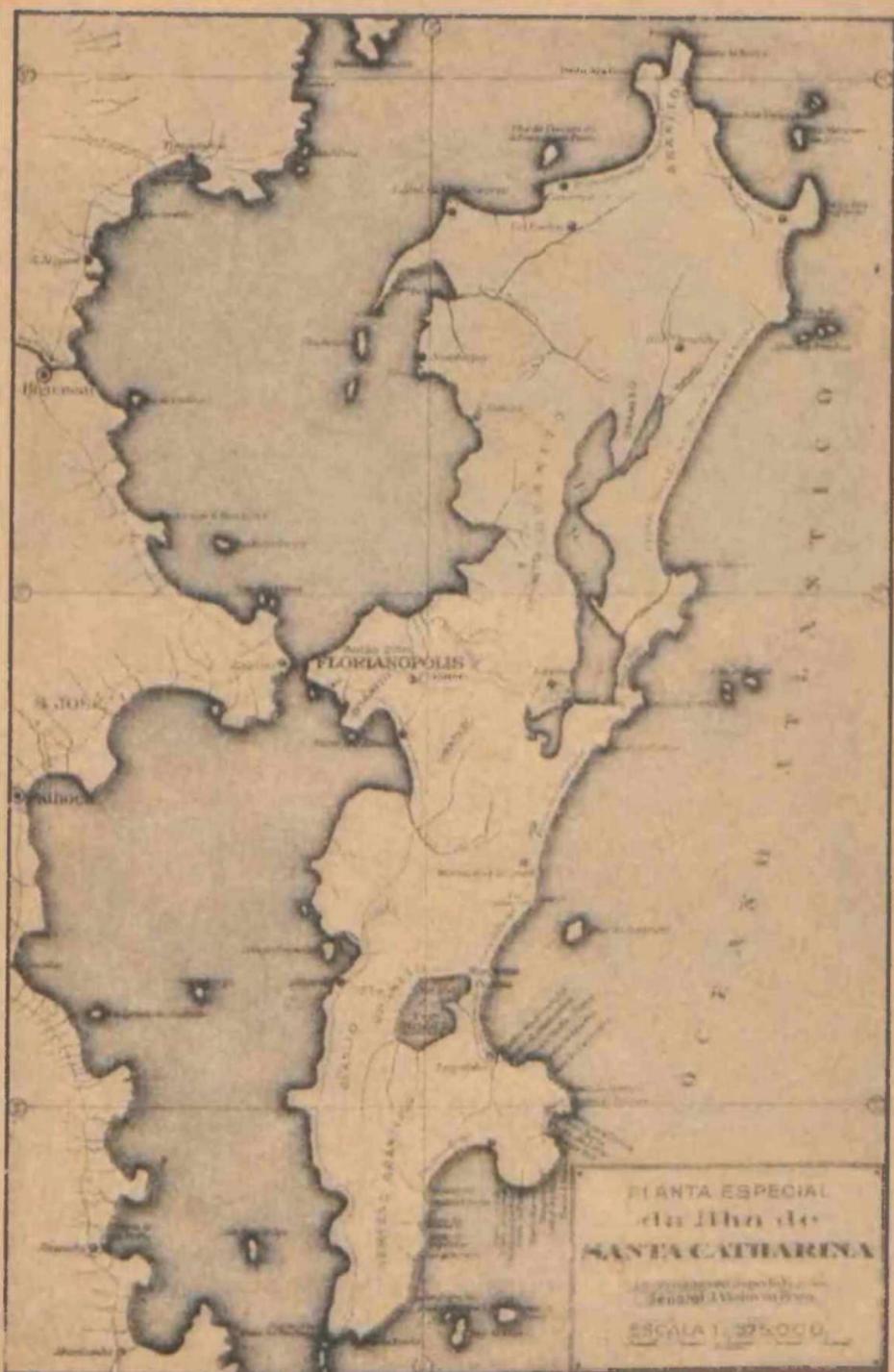


Tipos de açorianos

2 — Os archipelagos dos Açores e da Madeira re-gorgitavam de habitantes, determinando tal plethora grande pobreza e miseria. Diversas representações haviam sido encaminhadas á metropole para que alliviasse aquellas ilhas de certo numero de casaes. O Brasil pedia braços e muitos. Afinal, resolveu el-rei aproveitá-los para o povoamento de Santa Catharina e Rio Grande do Sul, desde o rio S. Francisco até o Serro de S. Miguel e sertão correspondente.

Todas as providencias foram tomadas para o sustento e agasalho dos novos colonos. Vieram ao todo 4.024 pessoas, começando o seu transporte em 1748.

3 — Em 1749 foi creada a Ouvidoria de Santa Catharina, com ordenados e percalços iguaes á de Parana-guá, independente desta e com os seguintes limites: «... para o norte pela barra austral do rio S. Francisco, pelo cubatão do mesmo rio, e pelo rio Negro que se mette no grande Rio de Curyliba (Iguassú) e que para o sul acabasse nos montes que desaguam para a lagoa Imeri (Mirim)».





São José

4 — Ainda no mesmo anno de 1749 foi creado o bispado de S. Paulo ficando o territorio catharinense a elle subordinado.

5 — Entre 1748 e 1749, com a vinda dos primeiros colonos açoritas e madeirenses fundaram-se as povoações de Santo Antonio, Trindade (Trás do Morro), Canasvieira, na Ilha, e S. Miguel no continente fronteiro á bahia do norte da capital.

6 — Foi levantada pequena igreja nessa ultima; em 1750 já era freguezia. A 20 de Janeiro de 1750 chegava ao Desterro a quarta leva de colonos, e com 182 destes casaes fundou-se, no mesmo anno o povoado de S. José, no littoral fronteiro á bahia do sul do porto de Florianopolis, onde foi erigida uma pequena capella de madeira. Na mesma epocha, á margem de pittoresca lagoa, a léste da ilha de Santa Catharina, creou-se o povoado de Nossa Senhora da Conceição, com outro grupo de açoritas. Ainda no governo de Escudeiro foi erecta a capella de N. S. do Rosario da Enseada de Brito.

7 — Em Junho de 1750 a villa de Nossa Senhora da Graça do rio de S. Francisco e seu termo foram incorporados ao governo da ilha de Santa Catharina.

A villa, nesse tempo, tinha como Capitão-mór João Tavares de Miranda. Sua população, composta de 120 familias com 1.221 pessoas, occupava-se no plantio de cereaes, fabricação de farinha de mandioca, na pesca, no preparo de cordoalhas de imbé, na exportação de madeiras e na construcção de pequenos barcos.

8 — Firmado o tratado de limites entre Portugal e Espanha referente ás suas colonias no sul do continente, foi nomeado Gomes Freire de Andrade chefe da commissão demarcadora portugueza. Tendo visitado o Desterro, seguiu para o sul por terra. Como os indios missioneiros começassem a offerecer graves empeços ao traçado da linha fronteiriça, resolveram os commissarios empregar contra elles a força armada.

Por isso uma fracção do Regimento de Santa Catharina foi chamada ao Rio Grande, em 1753, tomando parte na campanha, com grande denodo e disciplina.

9 — Em 1753, em cumprimento ás ordens reaes, foram mandados para o Rio Grande, em duas sumacas, muitos colonos açorenhos.

Terrivel pampeiro atirou as duas embarcações contra os penhascos da ponta do sul da ilha. Do naufragio só escaparam 77 pessoas. D'ahi o nome *Naufragados* dado áquella projecção.

Parte dos sobreviventes preferiu estabelecer-se na freguezia de Sant'Anna, chamada Villa-velha, termo da Laguna.

10 — O governador Escudeiro, reconhecendo proprio o local em que se achava assentada a villa capital e a inconveniencia de sua continuação ali, pretendeu mudal-a para o continente, fazendo cessar as obras que haviam sido determinadas.

Officiou por isso á côrte, sendo-lhe respondido que não convinha tal mudança por já haver na villa varios edificios publicos.

11 — Por esse tempo aportou ao Desterro Joanna de Gusmão, nobre e virtuosa senhora, natural de Santos, exemplo vivo de extraordinaria abnegação e grande caridade.

Era irmã dos celebres brasileiros Bartholomeu de Gusmão, inventor dos balões, e de Alexandre de Gusmão, grande diplomata.

Fundou ella a capella do Senhor dos Passos e muito auxiliou a criação do Hospital de Caridade.



XV

Novas freguezias. Lages

1 — O coronel Escudeiro foi substituido no governo catharinense pelo enfatuado e autoritario fidalgo d. José de Mello Manuel, a 29 de Outubro de 1753.

2 — Esse governador mandou affixar editaes obrigando todos os moradores, que possuisssem cem braças de terras lavradas e cultivadas, a plantarem cem pés de algodão, sujeitando-os a um exame semestral, sob pena de perderem as terras. Após varias reclamações, o governo da metropole attenuou a ordem do seu preboste.

3 — Em 1754 foram erectos em freguezias os povoados da Lagôa e Santo Antonio. O primeiro baptizado, que se realizou na primeira dessas freguezias, teve lugar a 8 de Dezembro de 1750.

4 — Mello Manuel deu cumprimento á ordem do governo fazendo embarcar para o Rio de Janeiro os

jesuitas que se encontravam em Santa Catharina (1759). Parece que, nesse tempo, só permaneciam entre nós os Padres Francisco de Faria e Bento Nogueira, que doutrinavam os filhos dos colonos açoritais e madeirenses.

5 — Foi na administração de Mello Manuel que, a 20 de Março de 1761, nasceu no Desterro Joaquim Francisco do Livramento, mais conhecido por *Irmão Joaquim*, varão de raras virtudes e de incomparavel piedade, fundador de diversos estabelecimentos pios em varios estados do Brasil. Falleceu em Marselha em 1829.



Irmão Joaquim

6 — Em Janeiro de 1760 foi recolhido preso á fortaleza de Santa Cruz do Anható-mirim o desembargador José Mascarenhas Pacheco Pereira de Mello, vindo de Lisboa a mandado do marquez de Pombal.

Julga-se que o motivo dessa prisão foi ter elle se collocado ao lado dos jesuitas em uma devassa que se procedeu no Brasil ou, ainda, aos crueis enforcamentos praticados no Porto, por sua ordem.

Ali, depois de recluso em enxovia por longo tempo, obteve o desembargador Mascarenhas, appellidado o *Barbaças*, o recinto do forte por menagem. Creou, então, uma pequena aula de primeiras letras para os filhos dos soldados, que de muito proveito foi naquelle tempo de obscurantismo.

7 — A 7 de Março de 1762 tomou conta do governo o coronel Francisco Antonio Cardoso de Menezes e Souza.

Pouco depois era empossado o novo Ouvidor da Comarca dr. Duarte de Almeida Sampaio.

8 — Por provisão do bispo do Rio de Janeiro, d. Joanna de Gusmão fundou, em 2 de Maio de 1762, a ca-

pella do Menino Deus nas encostas do morro da Boa-Vista, na capital, em terreno doado pelo capitão André Vieira da Rosa. A' sua sombra foi, mais tarde, estabelecido o actual Hospital de Caridade.

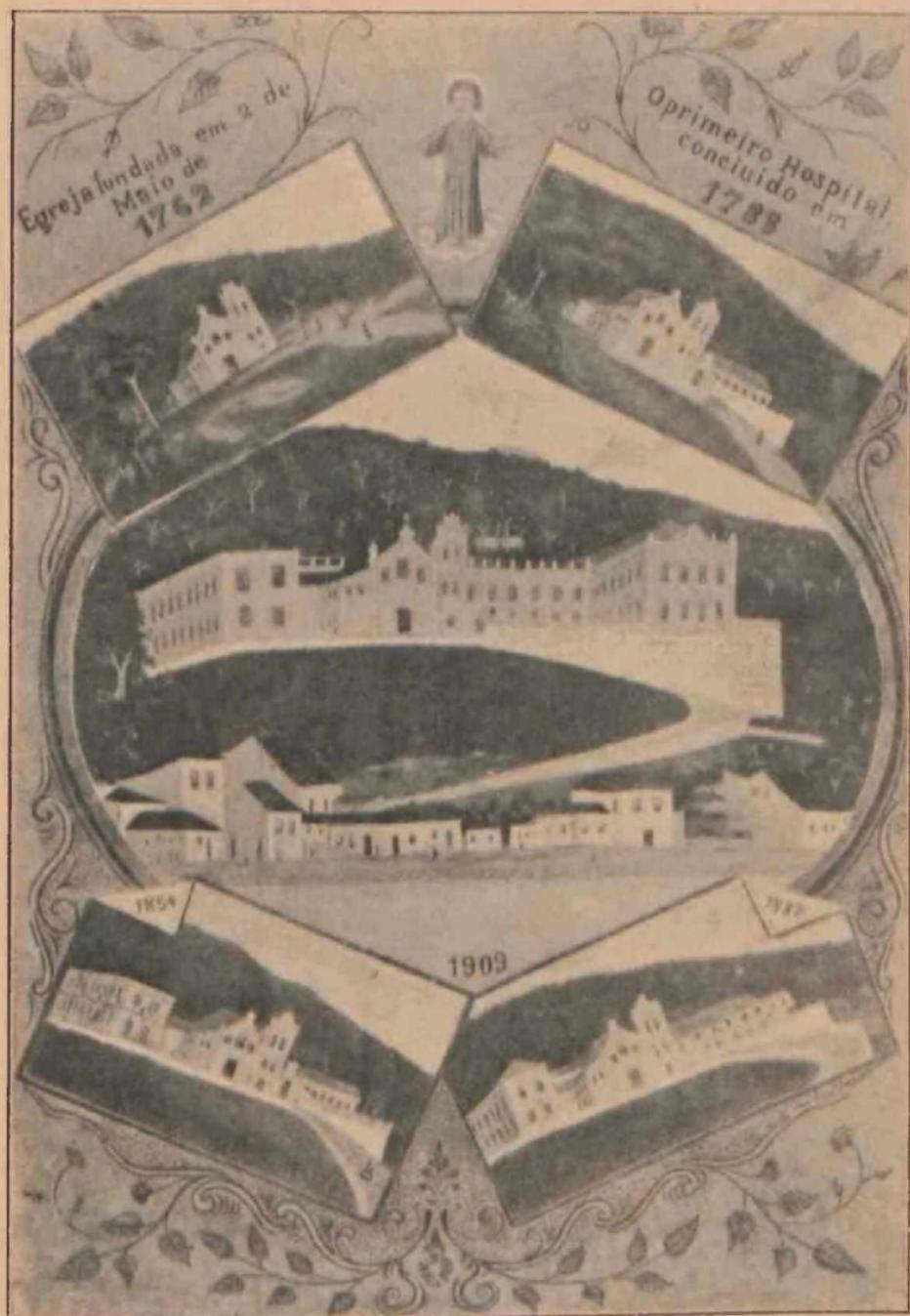
9 — A gestão de Menezes e Souza foi despótica, quasi feroz. Desde que assumiu o governo obrigou o povo a trabalhar nas obras da Matriz da capital e no reparo das antigas fortalezas; os lavradores eram contrangidos aos exercicios militares e barbaramente espancados; os operarios e serventes das obras publicas não recebiam seus ordenados; interrompeu-se o commercio a ponto de haver falta de mantimentos na ilha. A tropa não recebia vencimentos.

10 — Menezes e Souza, sob os planos do engenheiro militar J. Custodio de Faria, mandou construir dous fortes: o de S. Francisco (1773), de 2 canhões, no largo hoje occupado por pequeno jardim á Praia de Fóra, e o de Sant'Anna, de 9 canhões, que ainda existe, no Estreito da parte da ilha.

11 — O governo prepotente desse official portuguez foi assignalado ainda por tremenda epidemia de febre maligna que assolou a capital e outros pontos da Capitania, fazendo grande numero de victimas, mal attribuido á podridão dos arcaboços de baleias abandonados pelas praias.

12 — Em 1763, devido á declaração de guerra entre Portugal e Espanha, o Regimento de linha da terra, apesar de lhe deverem *16 annos de fardamento e 17 mezes de soldo*, partiu para o sul a defender o Rio Grande, onde mais de uma vez derramou o seu generoso sangue e deu provas de muita bravura e disciplina.

13 — Por esse tempo foi a bahia do norte da capital visitada por dous navios chefiados pelo celebre navegador francez Mr. de Bougainville, que deu, em trabalho que publicou, interessante noticia da sua es-



tadia e fez conhecida na Europa a arvore ornamental, chamada entre nós *Bonguevira* (*Bougainvillea*).

14 — Foi substituto de Menezes e Souza o Tenente de cavallaria Francisco de Souza de Menezes (1765) cuja administração não veio, nem de leve, suavizar a impressão amarga deixada pela do seu despotico antecessor.

15 — Começou elle por mandar recrutar os filhos dos lavradores, afim de completar o numero de 500 praças, que se faziam necessarias para cobrir os claros existentes. Esse violento processo trouxe em resultado a falta de braços preciosos á lavoura e o abandono da Capitania por mais de 200 moços, que fugiram para pontos diversos.

16 — Em seguida fez construir o forte de S. Caetano, de 6 peças, perto do de Ponta grossa, na ilha, e o de S. Luiz (1770) de 4 canhões, risco do Sargento-mór Francisco José da Rosa, na Praia de Fóra, cujas ruinas ainda existem.

17 — A Thomé Gomes Moreira succedeu, no contrato de pesca da baleia, Couto Pereira e, depois, Ignacio Pedro Quintella com outros socios.

Estes fizeram grandes despezas com aparelhos, embarcações e reedificação de predios. Em 1772 fundaram a Armação da Lagoinha, na costa oriental da Ilha, com uma capella dedicada a Sant'Anna. A descoberta do ambar *gris* e as refinações do espermacete trouxeram á sociedade grandes lucros.

18 — Com a abertura da estrada dos Conventos começaram a affluir povoadores para as suas margens.

Alguns tropeiros fundaram em *Cajurú* uma pequena ermida, distante quatro leguas da actual cidade de Lages, onde pouco depois se celebrou missa e se administrou o baptismo.

19 — Supprimida anteriormente a Capitania de S. Paulo, foi ella restabelecida em 1765 e nomeado seu governador e capitão general d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Matheus. Trazendo ordens terminantes para povoar o sertão de sua Capitania e, como desconhecesse os limites della, invadiu o territorio das vizinhas.

Pedindo informações ao sertanista Antonio Corrèa Pinto de Macedo, resolveu fundar um povoado para fazer testa ás Missões castelhanas e fortificar o rio Pelotas, por ser o passo mais defensavel; isto, como vemos, em territorio catharinense.

O Guarda-mór Corrèa Pinto foi encarregado dessa diligencia com o titulo de Capitão-mór Regente e a promessa de um habito de Christo, obrigando-se a fazer todas as despezas com escravos e cávalgadas, munições e ferramentas. Corrèa Pinto partiu em Agosto de 1766 e chegou á paragem chamada das *Lages* a 22 de Novembro, principiando logo a dispôr as cousas, distribuir o pessoal e arredar todos os empeços encontrados.

20 — A 1 de Janeiro de 1767, no sitio chamado Taipas, lançou elle os alicerces de uma capella de madeira, sob o orago de Nossa Senhora dos Prazeres.

Como o local se resentisse da falta de material apropriado, transferiu-se para as margens do rio Canoas, onde iniciou as obras da Igreja. Uma terrivel cheia destruiu-lhe o trabalho de sete mezes.

Escolheu, então, novo sitio nas cercanias do rio Caveiras e ali assentou arraiaes e ergueu a igreja matriz, « feita de taipa, coberta de telhas e portas fechadas ».

Para ali começaram a affluir moradores, muitos dos quaes fugidos á invasão castelhana no Rio Grande do Sul.

Entre 1769 e 1770 foi a povoação elevada á categoria de freguezia. A 4 de Setembro de 1770 o Morgado de Matheus ordenou a Corrèa Pinto que creasse a villa e a annexasse á Comarca de Paranaguá.

A cerimonia teve lugar a 22 de Maio de 1771, erigindo-se o pelourinho, escolhendo-se o local para a Casa da Camara e Cadeia e marcando-se o rocio da villa.

Após a eleição dos Juizes plantaram um marco no ribeirão das Conchas para servir de divisa com o districto de Viamão.

21 — Em 1771 deu-se começo á abertura de uma estrada ligando Tubarão a Lages, concorrendo para essa tentativa o Capitão-mór Corrêa Pinto, que enviou pessoal para os trabalhos.



Porto União — Rio Iguassú

Ainda na gestão de Souza de Menezes foi reaberto o caminho ligando a villa da Laguna á Colonia do Sacramento.

22 — Intrepidlos paulistas iniciaram em 1765 a exploração dos sertões de oeste, pelos rios Tibagy e Iguassú.

Em Dezembro de 1769 o Capitão Antonio da Silveira Peixoto chegava a um porto á margem do referido Iguassú, que denominou de *Nossa Senhora da Victoria*.

Apparece assim, pela primeira vez, o nome que, mais tarde, do porto se estendeu ao prospero e futuro municipio do ex-contestado. Desdobrado em razão do

acordo entre os Estados litigantes, passou a parte incorporada a Santa Catharina a chamar-se — *Porto-União*. Aquelle sitio tornou-se, naquelles remotos tempos, o ponto de partida das expedições posteriores.

23 — A 2 de Maio de 1771 as Camaras de S. Francisco e Guaratuba resolveram estabelecer como limite entre os dous districtos a linha que, partindo da embocadura do rio Sahy-guassú, ao rumo lés-oéste, passasse entre os morros Araraquara e Iquererim ou Iquiriri.



XVI

A invasão espanhola

1 — Após a paz de Fontainebleau, em 1763, os espanhóes não cumpriram inteiramente um dos artigos do tratado, pelo qual deviam entregar a Portugal a Colonia do Sacramento e todos os territorios tomados na America aos portuguezes.

A situação tornara-se melindrosa entre as duas coroas. O Marquez de Pombal, em vista disso, começou a enviar elementos e instrucções ao Vice-rei do Brasil, diligenciando pôr a colonia em estado de repellir qualquer tentativa estrangeira, principalmente castelhana.

Nessas instrucções chamava a attenção para a ilha de Santa Catharina, admiravel posição estrategica ao sul do paiz.



Marquez de Pombal

2 — Afim de attender e preparar a defesa da ilha de Santa Catharina foi nomeado o Marechal Carlos Furtado de Mendonça, que se achava em Minas-Geraes.

Apresentando-se ao Vice-rei, marquez do Lavradio, raras informações obteve sobre o estado da praça, e as instrucções que recebeu eram mais proprias «a um prologo de algum tratado de fortificação, do que para regular os meios praticos de soccorrer a ilha». Em 1775 chegou elle á villa do Desterro.

3 — A 5 de Junho do mesmo anno recebia a administração da Capitania subalterna o novo governador, coronel Pedro Antonio da Gama Freitas. Logo que assumiu o seu posto mandou sustar varios trabalhos iniciados pelo commandante militar e começou a ingerir-se em os negocios attinentes á defensão da ilha, originando-se d'ahi varios conflictos entre as duas maiores autoridades da alta administração.

4 — A ilha de Santa Catharina com seus portos internos era defendida nesse tempo pelos seguintes fortes: Santa-Cruz, de 70 peças; Ponta-grossa, de 29 peças; S. Caetano, de 6; Raton, de 13; Sant'Anna, com 9 canhões; S. Luis, com 4; S. Francisco, com 2; e Lagôa. A barra da Laguna era protegida por um fortim.

Os corpos militares existentes eram: o Regimento de linha da terra (*Barrigas-verdes*), o Regimento de Pernambuco, 4 Companhias de artilharia do Rio de Janeiro, e 7 Companhias de Auxiliares. Ao todo somnava a tropa 1.509 homens.

5 — O governo portuguez desenganado de obter por via diplomatica a margem meridional do Rio Grande, resolveu empregar as armas para repellir os invasores.

O exercito, após um combate naval em que tomaram parte muitos catharinenses como tripulantes da esquadra, atacou as fortificações inimigas a 1 de Abril de 1776 e tomou-as, compellindo os espanhóes á retirada.

6 — Por esse tempo o bravo lagunense, coronel Raphael Pinto Bandeira, vencia e arrasava a fortaleza de Santa Thecla, na campanha do Rio Grande.

Juntava assim mais um bello florão á sua gloriosa vida de soldado impavido.

7 — A corte castelhana resolvera recuperar as conquistas perdidas. Para isso mandou aprestar uma formidavel armada composta de 117 velas: 20 vasos de desembarque, e pôl-a sob o commando do almirante Marquez da Casa Tilly.



Raphael Pinto Bandeira

Commandava em chefe a expedição o general Pedro de Cevallos Cortez y Calderon. Fez-se de vela a armada, do porto de Cadiz, a 13 de Novembro de 1776 e, a 20 de Fevereiro do anno seguinte, dava fundo, pela tarde, na enseada de Camasvieira.

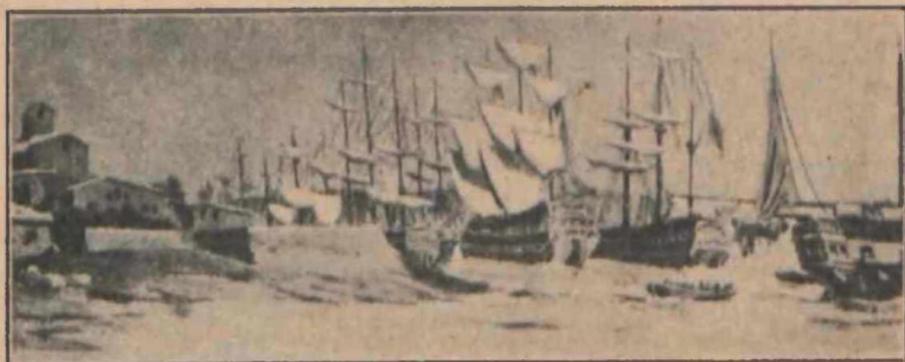
8 — Para defender as costas catharinenses fôra destacada uma pequena esquadilha mal aparelhada e composta de tres naus, quatro fragatas e quatro corvetas, sob o commando do Chefe de divisão Roberto Mac-Duall.

Como vemos, tão diminuta força não seria capaz de oppôr-se vantajosamente ao poder inimigo.

Recolheu-se ao Rio e, de volta, em algumas sortidas que fez conseguiu render uma fragata e duas embarcações dos contrarios.

9 — Na madrugada de 20 de Fevereiro de 1777 o commandante do forte de Ponta-grossa mandou avisar ao marechal Furtado de Mendonça, que a esquadra inimiga estava á vista.

A 22, communicava que aquella fortaleza ia ser atacada e que a sua guarnição era pequena para enfrentar o inimigo.



O desembarque dos castelhanos em Canasvieira

No dia seguinte os castelhanos effectuaram o desembarque em perfeita ordem, com 6 Regimentos e 12 peças de artilharia e marcharam sobre o referido forte sem terem sido hostilizados por um só tiro de fuzil.

Enquanto isso, na villa capital os estonteados chefes militares, em continuos conselhos, nada resolviam.

10 — Os fortes de S. Caetano e da Ponta-grossa, que podiam oppôr viva resistencia ao avanço inimigo, foram, ante a indecisão do general em chefe, abandonados e occupados pelos castelhanos.

O povo, aterrorisado, deante da invasão, deprimia o animo dos soldados e aggravava a situação.

Afinal, no dia 24 resolveu o Chefe militar portuguez, de accordo com a officialidade, retirar para o continente, entregando a ilha ao invasor.

Este, pouco a pouco, ia assenhoreando-se dos demais fortes. Um corpo de mil homens marchava sobre a capital. A 27 completaram a conquista.

11 — O exercito portuguez retirante fez alto às margens do rio Cubatão. Um parlamentar, o brigadeiro Custodio de Faria, enviado ao general Cevallos, voltára com a noticia de ser rejeitada toda capitulação, que não fosse a de renderem-se á discricião.

Officiaes briosos recusaram assignar o auto da entrega, chegando alguns a lançar em rosto do marechal

sua vergonhosa cobardia. O bravo e pundonoroso Coronel Fernando da Gama Lobo, commandante do Regimento *Barriga-Verde*, quebrou as hastes e rasgou as bandeiras do seu corpo para não as vêr conspurcadas pelas mãos do invasor detestado. Os soldados catharinenses em sua maioria, preferiram abandonar as fileiras para defender seus lares, a se entregarem passivamente ao inimigo.

12 — O Alteres do Regimento de Pernambuco, José Correia da Silva, cingindo a bandeira do seu batalhão, embrenhou-se na selva bravia e, após seis mezes de fadigas e privações, conseguiu alcançar a terra natal, onde depositou a sagrada reliquia ás mãos da autoridade militar.

13 — Com a invasão toda a Capitania ficou convulsionada. Os castelhanos apoderaram-se de todo o armamento, de 75.000 cruzados em moeda, da Armação da Piedade, onde fizeram pesca e azeite; de todos os edificios publicos, destruindo entre outros a Enfermaria militar e os archivos.

Tentaram alargar sua conquista pelo continente, mas taes intentos foram contidos por varias guerrilhas audazes, formadas pelos soldados desertores e chefiadas por alguns officiaes destemidos.

14 — Pelo tratado preliminar de paz e limites entre a Espanha e Portugal, ratificado em Outubro de 1777, voltava Santa Catharina ao dominio lusitano.

Para recebê-la foi nomeado o Coronel Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara.

A 31 de Julho do anno seguinte a Ilha, fortalezas, etc., eram entregues pelo marechal Guilherme Waughan, governador castelhano.

Embarcaram-se os invasores e rumaram para o Rio da Prata.



XVII

Novas administrações

1 A 3 de Agosto o coronel Veiga Cabral tomou posse do governo catharinense creado de grande contentamento popular, havendo no dia seguinte solenne *Te-Deum* em acção de graças pela recuperação da ilha.

A curta administração desse distinto militar foi toda ella de reconstrução, de continuo trabalho. Começou elle por chamar e reunir as familias e os soldados dispersos; fomentou a descuidada agricultura e as pequenas industrias; reparou todos os edificios publicos que o inimigo arruinara e as fortalezas depredadas; reorganizou a justiça e a administração, bem como o Regimento da terra.

Levantou a periclitante industria da pesca de baleias e animou a reconstrução da matriz de S. Francisco.

O coronel Veiga Cabral pela sua brandura e criteriosa gestão captou as sympathias dos catharinenses, que procuraram retelo por mais tempo no governo. No meado para outra commissão, retirou-se em Janeiro de 1779.

2 Substituiu-o o brigadeiro Francisco de Barros Moraes de Araujo Omen. Este ancião, appellidado o *Sete carapuças*, governou a capitania com muita justiça, brandura e imparcialidade, mostrando-se perfeito administrador.

Continuou os reparos dos edificios publicos e fortalezas; transferiu a Enfermaria militar para um predio espaçoso e confortável, onde tambem eram dados agasalho e medicação a enfermos civis. A Casa da Camara da villa foi terminada.

Coadjuvou o estabelecimento do Hospital de Caridade; licenciou soldados para applical-os na agricultura e soube conservar a tropa disciplinada e com os vencimentos em dia.

A plantação do café, da canna de assucar, do tabaco, do anil, do trigo, do linho e a criação da cochoilha tiveram grande incremento. Foi no seu governo que se abriram as primeiras casas commerciaes na capital.



Vista da Ilha de Santa Catharina. — Viagem de La Perouse, 1785

Infelizmente, alguma industria fabril que começava a apparecer, foi impiedosamente esmagada pelo malefico alvará de 1785, que prohibia as fabricas e teares existentes no Brasil.

2 — A 6 de Novembro de 1785 fundeavam á bahia norte do porto da capital dous navios francezes, o *Astrolabe* e a *Bussolle* chefiados pelo illustrado e infeliz navegador La Perouse.

Foram os nautas muito bem recebidos pelo governador e pela população.

Em a narrativa dessa viagem, que terminou desas-

tradamente, encontram-se referências mui lisongeiras ao nosso povo e à nossa terra.

4 — O brigadeiro Teixeira Omen foi rendido, em Junho de 1786, pelo Major José Pereira Pinto, que se mostrou um energico administrador. Preocupou-se muito com o desenvolvimento da agricultura, mandando vir do Rio plantas e sementes para distribuição entre os lavradores.

Animou a construção naval, mandando fazer um brigue, escaleres, etc., e enviando madeiras de lei para o Arsenal do Rio.

Fez explorar o sertão e iniciou a abertura de uma estrada ligando a capital á villa de Lages, creando varias guardas ao longo della e dando baixa a soldados para colonizarem as suas margens.

5 — No governo de Pereira Pinto tomou conta da Ouvidoria o primeiro catarinense formado na Universidade de Coimbra, dr. Luiz Carlos Muniz Barreto, magistrado de grande intelligencia e saber. Deixou, dizem, valiosos trabalhos literarios, que infelizmente se perderam.

6 — Pereira Pinto foi substituido pelo Coronel Manoel Soares Coimbra, natural do Rio de Janeiro e casado em Santa Catharina, por longo tempo commandante do Regimento da terra.

A sua posse teve lugar em 1791. Começou elle por preencher os claros do Regimento e a fardal-o convenientemente.

O quartel existente achava-se muitissimo arruinado. Fez o plano de um novo aquartelamento que, apresentado ao governo, teve plena approvação.

Estabelecendo officinas, nas



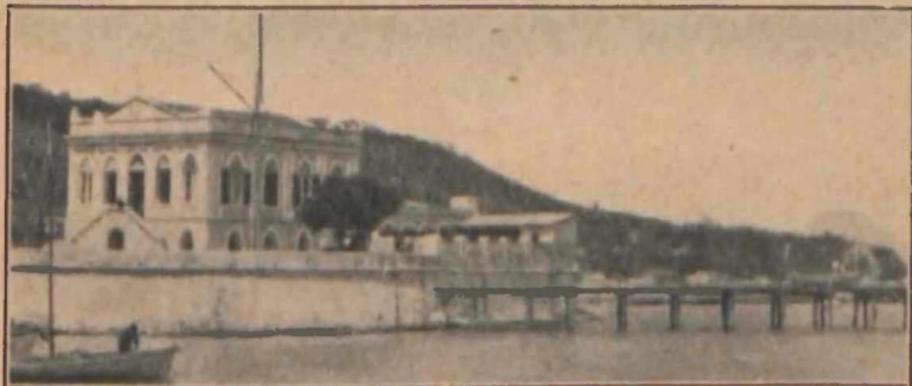
Cel. Manoel Soares Coimbra



quaes os artifices eram os proprios soldados, construiu o habil administrador a vastissima caserna, que ainda hoje se ostenta á praça General Osorio na capital, dispendendo apenas a insignificante quantia de 600\$000.

Encheram-se de inveja os seus emulos, sendo denunciado como defraudador dos cofres publicos. Respondeu a conselho, sendo, afinal, absolvido e reintegrado no posto. Reformou tambem o palacio do governo e dotou a Capitania de outros melhoramentos.

7 — Foi seu substituto, interino, o Tenente-coronel João Alberto de Miranda Ribeiro. Começou elle por levantar o forte de S. João (1793), de 6 canhões no Es-



Capitania dos Portos

treito, lado do continente, e o de Santa Barbara, onde está hoje a Capitania dos Portos, sob o risco do Sargento-mór Joaquim Correia da Serra; uniformizou a tropa e creou algumas Companhias de cavallaria e infantaria nas diversas freguezias e districtos. No seu tempo foi reformado o contrato da pesca de baleias, fundada a Armação de Garopaba (1795) e feitos alguns reconhecimentos ao sertão, resultando d'ahi o estabelecimento do arraial da Palhoça, no continente fronteiro.

8 — Em 1796 existiam na Capitania 4.216 fogos e 24.865 habitantes adultos, afóra a tropa. A industria era representada por 3 engenhos de assucar, 192 engenhocas

de moer canna para alambiques, 4 engenhos de pilar arroz, 27 moinhos e atafonas, 884 bolandeiras de mandioca e 32 cortumes. O commercio maritimo era feito por cerca de 20 embarcações das praças da Capitania, Desterro, S. Francisco e Laguna.

9 — Pelo alvará de 27 de Fevereiro de 1798 foi creado o serviço de correios no Brasil. O nosso Estado foi contemplado com tão util quão necessario melhoramento pouco depois.

O alvará relativo aos Correios foi publicado, em bando, entre nós, a 3 de Junho do mesmo anno.

10 — Tendo adoeccido gravemente, falleceu a 18 de Janeiro de 1800 o Tenente-coronel Miranda Ribeiro, probo e habil administrador, sendo substituido por um Triumvirato.



XVIII

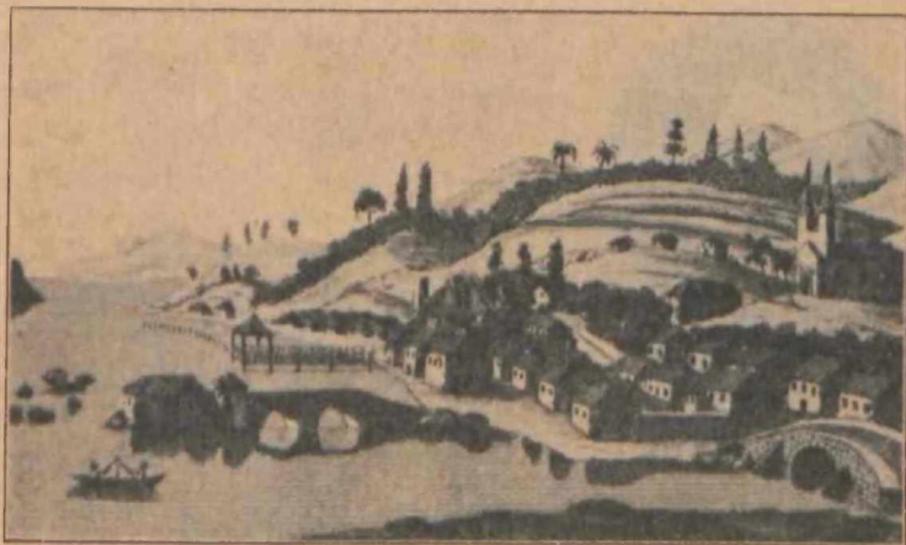
Derradeiros governos coloniaes

1 — Com o fallecimento do Governador passou a Capitania a ser administrada por um triumvirato constituido pelo Tenente-coronel José da Gama Coelho d'Eça, do Ouvidor pela lei Aleixo Maria Caetano, e do Vereador da Camara José Pereira da Cunha. Durante o pouco tempo que esses cidadãos estiveram regendo os destinos da Capitania o fizeram com o maior criterio e correcção.



Joaquim Xavier Curado

2 — A 8 de Dezembro do mesmo anno assumiu o governo o distincto brasileiro, Coronel Joaquim Xavier Curado. Iniciou elle a sua administração delineando varias obras publicas, que executou com real economia; polliciou



Vista da cidade do Nossa Senhora do Desterro na Ilha de Santa Catharina
Viagem de Krusenstern. 1803

a capital e fez construir varios predios, entre os quaes sobresahia o destinado á Provedoria de Fazenda. Mandou reedificar varios templos nas diversas freguezias. Um pequeno forte foi levantado na enseada de Imbétuba.

3 — Em 1803 fundeou á barra do norte do porto de Florianopolis uma divisão da esquadra russa sob a chefia do commodoro Adão Krusenstern, sendo fidalgamente recebida pelo governador. O naturalista allemão G. H. Langsdorff, que nella viuha, em trabalho publicado posteriormente, faz elogiosas referencias á nossa terra e ás suas bellezas naturaes.

4 — Xavier Curado leve para substituto o Tenente d. Luiz Mauricio da Silveira. Os dous primeiros annos de seu governo foram de verdadeira inactividade. Em 1807, a Capitania ficou subordinada á do Rio Grande do Sul. No anno seguinte foi creada, na ilha da Graça, barra do norte de S. Francisco, uma Armação de baleias,



Napoleão Bonaparte

supplemento da de Itapocoroy. A villa de Porto-Alegre passou a ser cabeça da Comarca em detrimento da villa do Desterro.

5 --- Graves successos se desenrolavam nesse tempo no continente europeu.

As tropas de Napoleão I, imperador dos francezes, invadiram Portugal e a familia real lusitana, deante disso, abandonou desairosamente a patria e refugiou-se no Brasil.

Essa fuga, afinal, nos trouxe grandes vantagens, que permittiram fazer, pouco depois, a nossa almejada independencia.

6 — Em 1809 o Tenente-coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal explorava os sertões de oeste da capitania de S. Paulo, alcançando os campos de Garapuava.

No acampamento desse sitio tiveram os exploradores vagas noticias de largas rechãs denominadas pelos selvicolas da região — *Curramburg* (campo-grande) e conhecidas pelos sertanejos pelo nome de Campos de Palmas. Esses feraces plainos estavam situados em territorio catharinense de oeste e deram origem á questão de limites que tivemos com o Paraná.

7 — Pela resolução de 19 de Janeiro de 1809 foi creada na ilha de Santa Catharina a freguezia de Nossa



D. João VI

Senhora da Lapa do Ribeirão, povoado fundado com colonos açorilas.

8 — Em 1811, em quarta-feira de cinzas, desabou sobre a capital e quasi toda a capitania tremendo temporal, que destruiu completamente a lavoura, esfragou as vias de comunicação terrestres, desmoronando barreiras, arruinando pontes, etc.

9 — Nesse mesmo anno foi organizado no sul um exercito de observação ás nossas fronteiras, afim de evitar as correrias dos castelhanos.

O Regimento de Santa Catharina, logo requisitado, lá permaneceu batalhando até 1828.

Em 1816 estiveram estacionados entre nós 4.500 soldados do exercito do general Lecór, depois barão da Laguna, preparando-se para a campanha da Cisplatina.

10 — Em 1817 foi extincta a Provedoria real da Fazenda existente na Capitania e creada, em seu lugar uma junta de Fazenda, que foi installada a 1 de Julho do mesmo anno.

11 — D. Luiz Mauricio foi rendido, em 1817, pelo coronel João Vieira Tovar de Albuquerque, por alcunha, o *Maneta*.

Era «ignorante, estouvado e brutal». «Excessivamente activo e despropositado no real serviço, granjeou inimidades entre os povos, concurrencia esta entre seu genio e sua ignorancia».

Militar, tratou da tropa, especialmente da cavallaria a cuja arma pertencia.

Na sua administração foi edificado um pequeno hospital nas caldas do Cubatão e aberta uma estrada ligando a villa de S. Francisco á barra do Araquary.



General Lecór

Violento e cruel, mandou chihatear diversas pessoas em praça publica. Se alguns beneficios prestou foram devidos unicamente ao Capitão de fragata Miguel Alvim, collocado a seu lado como consultor e conselheiro.

12 — Por decreto de 18 de Março de 1818 o governo mandou fundar na enseada das Garoupas (Porto-Bello) uma colonia de pescadores, vindos da Ericeira, em Portugal.

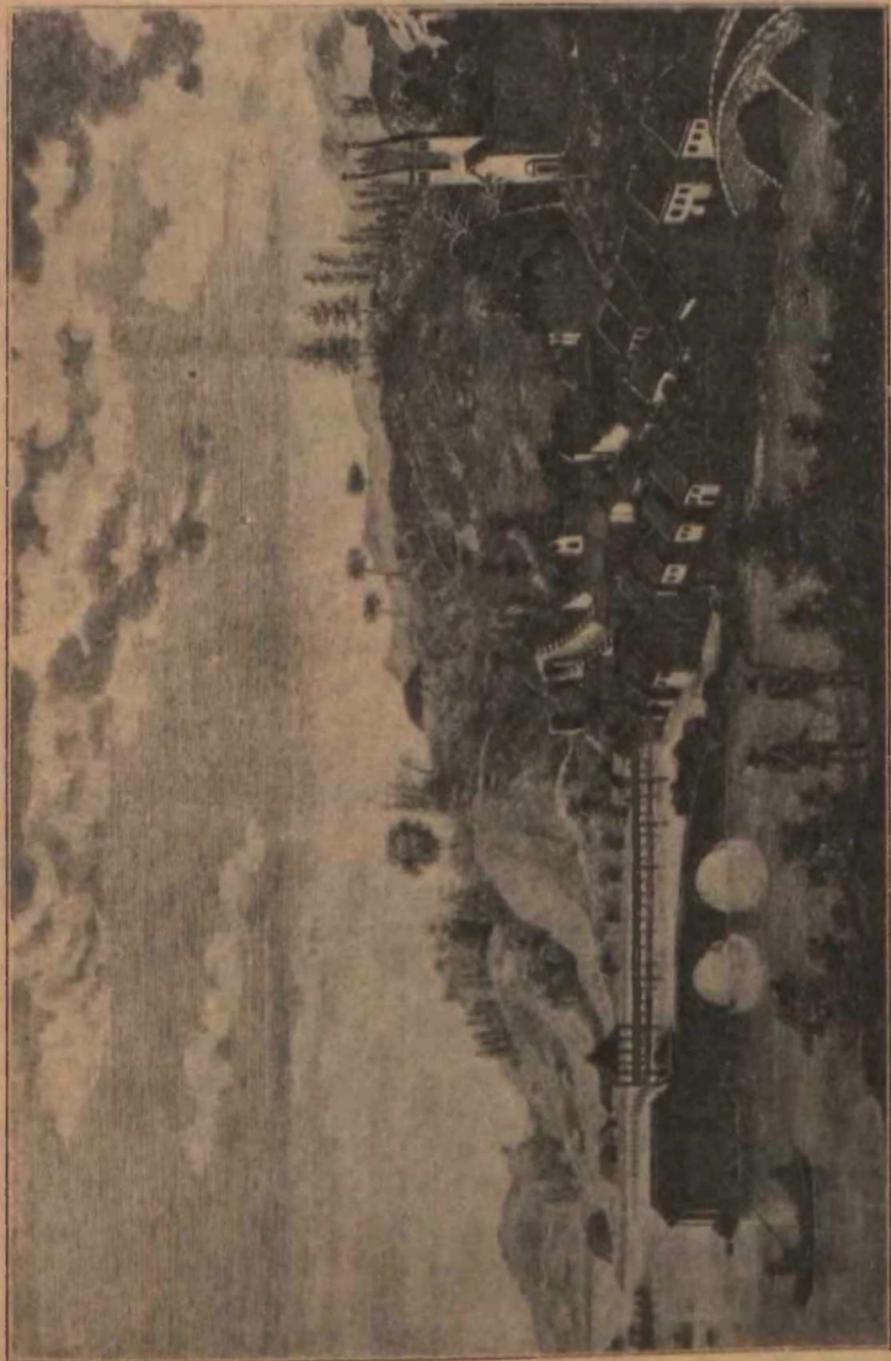
Para ella foram encaminhadas, no anno seguinte, 101 pessoas de ambos os sexos. A póvoa tomou o nome de *Nova-Ericeira*. Decahiui em pouco tempo pelo abandono dos colonos.

13 — Por esse tempo tinha a Capitania 44.041 habitantes e a capital 5.000. A producção constava de 300 a 400.000 alqueires de farinha de mandioca; 16 a 17.000 alqueires de milho, 9 a 10 mil de feijão, 18 a 19.000 quintaes de arroz, 10.000 resteas de cebolas, e 17 mil de alhos. A capital dispunha de 18 lojas de seccos e de 44 de molhados. Vinte e tantas embarcações entretinham o seu commercio maritimo.

14 — Substituiu a Tovar, em 1821, o Tenente-coronel Thomaz Joaquim Pereira Valente, cujo governo foi apagado. A não ser dous motins de certa gravidade, um na Laguna devido ao assassinato do Juiz Collaço, e outro em S. Francisco, contra o Tenente-coronel Camacho, nada mais se regista de importante durante sua gestão.

15 — Rebentando uma revolução em Portugal em 1820, repercutiu ella, pouco depois, em varios pontos do Brasil.

Em Santa Catharina tal noticia foi recebida friamente. Jurou-se a constituição portugueza e procedeu-se á eleição de dous representantes (sendo um supplente) ás cortes de Lisboa. Os eleitos foram os dous distinctos catharinenses Padre Lourenço Rodrigues de Andrade e Major José da Silva Mafra.



Viata de Nossa Senhora do Desterro, na Ilha de Santa Catharina, 1789, de Fischer



Major J. da Silva Mafra

Anna Campos e o Major de milicias Francisco Luiz do Livramento.

XIX

Primeiros presidentes

1 — D. João VI, obrigado pelas cortes, regressára a Portugal deixando o saudoso Brasil sob a regencia do seu filho primogenito d. Pedro de Alcantara (1821).

Após a partida do rei, com pasmosa celeridade começou a propagar-se por todo o paiz a idéa feliz da nossa emancipação politica, designio muitas vezes afogado em sangue pelos rudes dominadores.

Estalaram tumultos em diferentes provincias. As cortes portuguezas sobressaltaram-se e tiveram o estulto pensamento de obrigar o Brasil a voltar á condição de escravo. Fizeram chamar o Príncipe, supprimiram varios estabelecimentos e começaram a preparar uma expedição militar contra nós.

D. Pedro, quasi vencido pelas imposições, ia ceder, quando os patriotas se collocaram a seu lado decididos a executar a nobre e levantada empreza da nossa emancipação.

O principe resolveu affim abraçar a causa nacional. Auxiliado por devotados brasileiros, começou a preparar a resistencia. Na Bahia tinham os patriotas organizado um pequeno exercito e uma minuscula marinha e, em ataques constantes, iam desfalecendo e desmoralizando as tropas do reino.

2 — Como lavrassem graves divergencias entre os patriotas de S. Paulo, o principe d. Pedro para lá partiu. Recebido com grande alegria pelo povo, conciliou os interesses e seguiu para Santos, afim de examinar as fortificações e dar outras providencias administrativas.

A 7 de Setembro de 1822, já de volta, encontrava-se ás margens do ribeiro Ypiranga, quando recebeu varios despachos de Lisbóa. Depois de lèr os papeis, arrancando com energia o laço portuguez, que lhe ornava o cha-



Principe d. Pedro



O grito do Ypiranga — Quadro de Pedro Americo

péo, lançou com enthusiasmo o brado — *Independencia ou Morte* — recebido por todos que o cercavam com grande alegria e arrebatamento.

3 — O brado augusto da nossa emancipação transmittiu-se como um relampago a todos os recantos do paiz. Em principios de Outubro todas as nossas Camaras municipaes, com a Junta do governo, festejaram e acclamaram condignamente d. Pedro como nosso primeiro Imperador. Foi enviado ao Rio um deputado para, em nome da provincia, saudar o augusto imperante.

4 — Deante do intento portuguez de por todos os meios se oppôr á nossa independencia, começou o governo com afan a tratar da organização de uma forte esquadra e de um aguerrido exercito para repellir o inimigo. Um appello foi feito á nação. Santa Catharina foi uma das provincias que muito auxiliaram a alevantada idéa, concorrendo com seus filhos, entre os quaes destacaremos o dr. Claudio Luiz da Costa, e com avultadas sommas para a aquisição da esquadra.



Claudio Luiz da Costa



J. A. Rodrigues de Carvalho

5 — Pela carta de lei de 20 de Março de 1823, o Imperador elevou á categoria de cidade a villa de Nossa Senhora do Desterro, capital da provincia.

6 — Foi nomeado para dirigir os destinos da nossa

terra o desembargador João Antonio Rodrigues de Carvalho, que tomou posse em Fevereiro de 1824.

Nessa epocha a população da provincia era computada em 45.410 almas, sendo a da ilha estimada em 15.553. No governo desse cidadão foi concedido á comarca ecclesiastica da capital o predicamento de Arcy-prestado; foi jurada a Constituição do Imperio; e o povoado de Porto-Bello foi elevado a freguezia. Pretendeu esse presidente ligar a capital da provincia ao territorio das Missões, nas raias com a Argentina.

7 — Substituiu-o, no anno seguinte, o brigadeiro Francisco de Albuquerque Mello, então Comandante das Armas.

8 — Em fins de 1825 havia rebentado uma guerra entre o Brasil e a actual Republica Argentina (então Provincias Unidas do Rio da Prata) devido ás pretensões desta sobre a Provincia Cisplatina, hoje Republica oriental do Uruguay.

Desejando o Imperador visitar o nosso Exercito em operações, partiu para o sul acompanhado de uma divisão naval.

Desembarcou no Desterro a 29 de Novembro de 1826, sendo recebido com grandes festejos populares.

9 — No exercito, que se batia contra o inimigo nas fronteiras do sul, sobressahia o galhardo Regimento *Barriga-Verde*, cujos officiaes e soldados, na sua maioria catharinenses, praticavam gloriosas façanhas, elevando o nome do Brasil. Na Marinha, entre outros, destacaremos os tres irmãos lagunenses, José, Firmino e Jesuino Lamego Costa, este, posteriormente, Almirante e barão da Laguna, Nepomuceno de Menezes, Francisco P. Machado, officiaes intrepidos e valorosos, que grande nome deram á sua classe.



Brig.^{te} Albuquerque Mello



Jeronymo Francisco Coelho

14 — Foi no governo desse probo e distincto catharinense que a capital e a provincia, graças aos esforços de outro não menos illustre patricio nosso, o Capitão de engenheiros Jeronymo Francisco Coelho, gozaram dos beneficios da imprensa periodica. A 28 de Julho de 1831 era distribuido na capital o numero programma do «Catharinense», escripto, composto e impresso pelo mesmo prestimoso militar e patriota.

Jeronymo Coelho, que foi deputado geral, presidente do Pará e do Rio Grande do Sul, ministro da Guerra e interino da Marinha, falleceu no posto de brigadeiro, em Nova Friburgo, a 16 de Janeiro de 1860.

Deve-se tambem a elle a fundação da «Sociedade Patriótica» e da loja maçonica «Cordialidade».



XX

A Assembléa provincial. Novas administrações

1 — Com a partida de d. Pedro para a Europa, foi eleita uma Regencia provisoria que, após aconselhar moderação, restabeleceu o Ministerio anterior ao de 5 de Abril.

Em seguida a Assembléa elegeu uma Regencia permanente, que governou o paiz até 1840, durante a menoridade de d. Pedro segundo.

O CATHARINENSE

Subscreve-se para esta folha em casa do Redactor na rua do Livramento, e nasbricas de José Caetano Pereira na rua Augusta, e Francisco de Paula Lige na rua do Principe, e nas lojas de José Maria da Luz na rua August, e Joaquim Machado de Souza no Largo da Praça; o preço da assinatura he 1\$000 rs. por trimestre.

*Si o critico mordáz censura a imprensa
Quem não escreve, então, que faz? que pensa?*

UNÃO E LIBERDADE, INDEPENDENCIA ou MORTE

SANTA ATHARINA, NA TYPOGRAFIA DO CATHARINENSE, RUA DO LIVRAMENTO

Agua 4  terra onde primeiro vi a luz do dia, rodeado de nos-
sôcaros Patriotas, cheio de prazer e alegria a elles me dirijo. Snrs briosos
Catharinenses, o amor de minha patria, o amor a minha Provincia, he quem
hoje dirige minha penna.; em meos escriptos não terão de aparecer pompo-
sos rasgos de sublimidade, com todo meo estilo, inda que rude, exprimira
sômente a linguagem pura da verdade: despido da lisonja e das viz adulações,
eu não tributarei homenagens, sinão á lei, á rasão e á justiça.

Nascido entre vós, posto que educado ao longe, sempre conservei no fun-
do do coração hum sentimento oculto, que me chamava para vós, embora
eu não tivesse idéa alguma de nossa terra, minha imaginação constante-
mente m'a pintava como a mais bella de todo o Brazil; muitas vezes in-
tentei vir visitar os lares patrios, porem minhas circumstancias o impos-
sibilitavão, ate que finalmente offerecendo-se agora occasião favoravel, vo-
luntariamente me apressei a voar para a terra, que me vio nascer: esta
minha deliberação não foi movida pelo sordido interesse, e sim pelo amor
patrio, pois deixei a Côrte onde fui educado, onde vivi por mais de vin-
te annos, e onde finalmente deixei grande numero de amigos, para vir
com mera passagem para nossa Provincia.

2 — Em 1831 tomava as re-deas da administração catharinense o distincto patricio Feliciano Nunes Pires.

Na vigencia do seu governo foram creadas as freguezias de S. João Baptista do Rio Vermelho, na ilha; de Imaruby e Itajahy, no continente; a Thesouraria de Fazenda; as villas de Porto-Bello, S. José e S. Miguel; e a Força publica provincial.

A provincia foi dividida em duas Comarcas. Pelo mesmo tempo foi extinto o cargo de Commandante das Armas e creado o lugar de Chefe de policia.

3 — Foi ainda durante a sua util gestão que se fizeram as primeiras tentativas de exploração da riquissima bacia carbonifera do Tubarão.

4 — Pelo acto adicional á Constituição do Imperio teve a provincia a sua Assembléa legislativa, com-



Feliciano Nunes Pires



Villa de Itajahy, 1866. — Desenho de Tschudi

posta de 20 membros. Nessas condições, a 1 de Março de 1835, foi ella installada solenemente no Desterro.

Foram eleitos deputados e tomaram posse os seguintes cidadãos: dr. Manuel Paranhos da Silva Velloso, presidente, Antonio Francisco da Costa, vice-presidente, Jeronymo Francisco Coelho, 1.º secretario, Polydoro do Amaral e Silva, 2.º secretario, João Prestes Barreto da Fontoura, Marianno Corrêa Borges, Miguel de Souza Mello e Alvim, José Francisco Coelho, Thomaz José da Costa, Severo Amorim do Valle, Thomaz Silveira de Souza, José Pereira da Costa, José da Silva Mafra, Antonio Joaquim de Siqueira e Francisco da Silva França.

5 — Ainda no governo de Nunes Pires, em consequencia do plano de redução do Exercito, foi dissolvido o 7.º Batalhão de Caçadores de 1.ª linha, formado pelos heroicos e abnegados superstites do lendario Regimento *Barriga-Verde*, honra e gloria de nossa terra.



Marianno de Albuquerque

6 — Nunes Pires foi rendido pelo dr. Marianno de Albuquerque (1835). Na sua administração foram creadas as Colonias de Itajahy e Nova Italia, esta ás margens do rio Tijucas pelos emprezarios H. Schutel e C. Demaria, e erecto em freguezia o povoado de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão.

7 — Com a revolução dos *Farpapos*, no Rio Grande do Sul, houve na provincia grande movimento de tropas. O presidente visitou a Laguna afim de acalmar os animos, tentando desviar as sympathias lá existentes pelos revolucionarios da provincia vizinha.

8 — Substituiu temporariamente o dr. Marianno o Vice-presidente Major F. L. do Livramento, que passou

as redeas administrativas ao Tenente-coronel José Joaquim Machado de Oliveira (1837).

Este deu grande impulso á agricultura, mandando vir sementes e mudas de chá, amoreira, etc., que fez



J. J. Machado de Oliveira



João Carlos Pardal

distribuir entre os lavradores. Com a plantaçaõ da amoreira iniciou-se entre nós a criação do bicho da seda. Fundou-se nesse tempo a Colonia da Varzea-grande, ás margens do rio Cubatão, com algumas familias allemãs, que parecia prosperar.

— Foi seu substituto (1837) o brigadeiro João Carlos Pardal, portuguez de poucas luzes e assaz autoritario. Praticou varios actos que logo o tornaram impopular. Por desgraça, em seu governo, uma medonha lestadá vergastou desapiedadamente a provincia, destruindo quasi toda a lavoura, estradas e pontes, fazendo muitas victimas no mar e em terra.

Foram creadas as freguezias de S. João Baptista do Alto-Tijucas e da Penha de Itapocuroy.



XXI

A Republica Juliana

1 — A 20 de Setembro de 1835 rebentou em Porto Alegre uma rebellião chefiada pelo coronel Bento Gonçalves da Silva para depôr o presidente.



Bento Gonçalves

Pouco a pouco os revolucionarios foram reunindo adeptos e se espraiando por toda a provincia.

A 11 de Setembro do anno seguinte proclamavam a independencia da mesma sob o regimen republicano.

2 — Os revolucionarios rio-grandenses eram conhecidos entre os contrarios pela alcunha pejorativa de *Farrapos*. Estes, por sua vez, chamavam os imperialistas de *Caramurús*.

A lucta ia accessa e sangrenta, cabendo o peor partido aos legalistas. Dous annos volvidos, resolveram os chefes republicanos marchar contra Santa Catharina, base de operações do governo imperial.

As sympathias catharinenses pelos revolucionarios eram grandes, principalmente no sul da provincia. Como de momento não dispuzessem os *farrapos* de navios para enfrentar os cruzadores imperiaes, resolveram invadir a região serrana.

3 — A 9 de Março de 1838 teve lugar a primeira invasão da villa de Lages pelas forças republicanas, sob o commando do coronel José Marianno de Mattos, mi-

nistro da guerra. No anno seguinte lá proclamaram a republica.

4 — Depois desse successo, volveram os *farrapos* suas vistas para o littoral catharinense.

Foi então preparada uma expedição mixta. As tropas terrestres eram commandadas pelo coronel David Canabarro e as maritimas pelo capitão-tenente José Garibaldi. Com a perda de um dos navios em naufragio, conseguiu o audaz italiano alcançar a barra do Camacho por onde entrou. Logo em seguida atacou uma canhoneira im-



David Canabarro



José Garibaldi

perialista descuidada, que se rendeu, e obrigou outra a fugir incendiada. As tropas de Canabarro marcharam sobre a Laguna e atacaram as legalistas que defendiam a villa; estas, porém, diante da offensiva atrevida do inimigo retiraram-se em direcção á capital.

A 22 de Julho de 1839 eram os *farrapos* senhores da Laguna e de grande presa de guerra.

Logo que Canabarro tomou conta da villa officiou á Camara municipal communicando a victoria republicana e lembrando a necessidade de ser decretada a autonomia da provincia sob os moldes rio-grandenses. No dia 29 reuniu-se solennemente a Camara e pelo seu Presidente foi proclamada a independencia de Santa Catharina como Estado livre, sob o regimen republicano.

5 — Os *farrapos*, debaixo do commando do coronel Teixeira Nunes, continuaram a perseguir as tropas imperiaes, em retirada, alcançando os campos de Massiambú, à barra do sul do porto do Desterro (hoje Florianopolis).



P. dos Santos Cordeiro



Francisco José de Souza
S. de Andréa

6 — A 7 de Agosto procedeu-se a eleição para presidente e vice-presidente da Republica Juliana. Foram eleitos o coronel Joaquim Xavier Neves, influente politico de S. José, e o Padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, vigario da freguezia da Enseada de Brito.

Por se acbar ausente o Presidente, assumiu a administração o P. Cordeiro, escolhendo então o ministerio, que recahiu em cidadãos prestantes.

Foram, então, creadas as armas e a bandeira do novo estado republicano.



7 — O governo imperial, diante da gravidade da situação, nomeou para presidente da provincia e commandante em chefe das forças de terra e mar que nella operavam contra os rebeldes o general Francisco José de Souza S. de Andréa, varão assás energico e habituado já a enfrentar, com tenacidade, situações identicas. Acom-

panhava-o uma divisão naval, composta de 20 navios e cerca de 3.000 homens de tropa. Desde que assumiu a administração, empregou toda a sua energia e operosidade em preparar as forças para conter os progressos



Frederico Mariath



Brigadeiro Gama Lobo

do inimigo. Com a mocidade catharinense organizou um luzido batalhão de 500 praças, no Desterro e um outro em Lages.

8 — Organizadas as forças navaes sob o commando do Capitão de mar e guerra Frederico Mariath, e as terrestres sob a chefia do brigadeiro Gama Lobo, iniciou-se o ataque aos pontos occupados pelo inimigo. As primeiras investidas foram feitas contra Massiambú e Pinheira coroadas de successo, pois os republicanos tiveram de abandonar aquelles pontos.

9 — A 20 de Outubro, Garibaldi, com tres navios, illudindo os cruzadores imperiaes, sahiu do porto da Laguna a fazer o curso. Chegou o valente e temerario guerrilheiro até quasi a altura do Rio de Janeiro, fazendo algumas presas. De volta, foi atacado por um dos vasos do Imperio, que lhe deu caça até a enseada de Imbetuba.

10 — Na Laguna havia o Chefe da esquadilha republicana se enamorado de uma gentil morena, Anna



Anna de Jesus Ribeiro

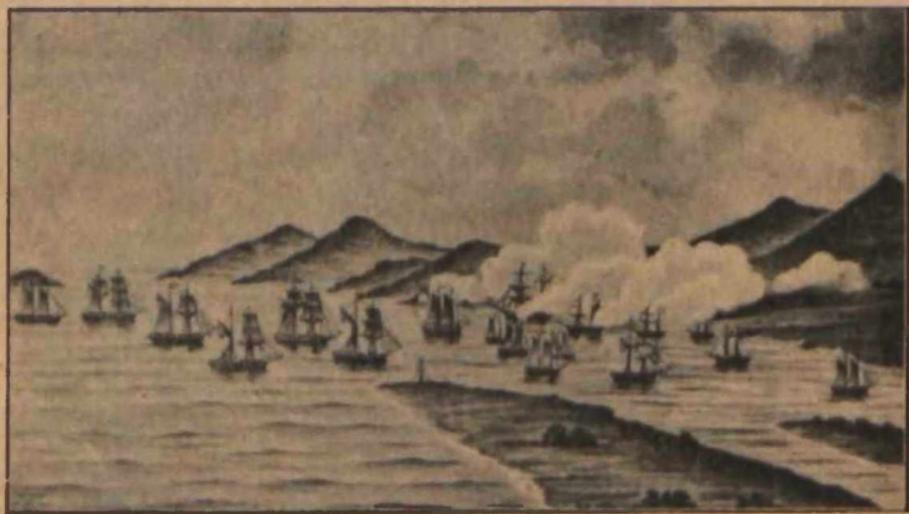
de Jesus Ribeiro, que a elle se ligou acompanhando-o, com dedicação e carinho admiraveis, nos transeis mais difficeis e angustiosos de sua vida de batalhador.

Nascida em Morrinhos, municipio de Tubarão, fez toda a guerra dos *farrapos*, casou em Montevideo e tomou parte na campanha italiana ao lado do marido. Falleceu a 4 de Agosto de 1849.

11 — Fugindo aos cruzadores legaes abrigou-se Garibaldi na enseada de Imbetuba, onde foi atacado tenazmente por varios inimigos.

Sustentou com elles caloroso canhoneio durante um dia inteiro. A' noite conseguiu burlar a vigilancia dos bloqueadores e entrar a salvo na Laguna.

12 — Os legalistas reuniram todos os elementos possiveis para levar de vencida os contrarios. A 15 de Novembro de 1839 duas divisões de pequenos vasos



Combate naval da Laguna

da esquadra imperial forçaram a barra da Laguna e atacavam galhardamente a esquadriha republicana. Enquanto isso se dava, fortes contingentes terrestres investiam contra o pequeno exercito farroupilha que se defendia com extraordinario vigor. Foi um combate memoravel, sangrento e decisivo. Btidos os republicanos, retiraram-se do littoral da provincia.

13 — Algumas outras fracas tentativas fizeram os insurgentes rio-grandenses para dominar a provincia, mas todas em vão.

Depois de uma lueta cruenta de dez annos contra o Imperio deputeram as armas em Fevereiro de 1845.

14 — Em 1840 foi acclamada a maioridade do sr. d. Pedro II, que prestou juramento e assumiu o governo do Imperio.



D. Pedro II aos 14 annos



XXII

Colonização estrangeira

1 — Em Junho de 1840 assumia a presidencia, em substituição ao general Andréa, o marechal Antero José Ferreira de Brito.

Começou elle a tomar innumeradas medidas afim de facilitar o desenvolvimento da provincia, assaz provada pela guerra civil.

2 — Por esse tempo um grupo de paulistas, organizado em sociedade, invadiu os campos de Palmas, re-



Marechal Ferreira de Brito

partindo entre si aquellas feracissimas terras. O presidente, ao ter noticia do insolito caso, apressou-se em protestar junto ao governo de S. Paulo (nesse tempo ainda não existia a provincia do Paraná) provando que aquelles campos ficavam dentro das raias catharinenses.

3 — Durante a sua administração foram fundados entre nós os nucleos coloniaes estrangeiros: Sahy, com francezes, da Piedade, e de Santa Isabel, com allemães. A colonia Nova-Italia e o arraial do Belchior foram protegidos contra as incursões dos selvicolas. A de S. Pedro de Alcantara foi elevada a freguezia, bem como os arraiaes de Araranguá e de Tijucas.

4 — Em Outubro de 1845 teve a capital a grata satisfação de receber a primeira visita de SS. MM. Imperiaes o sr. d. Pedro II e sua digna e virtuosa consorte d. Thereza Christina. Grandes festejos se fizeram. Nessa occasião foi lançada a primeira pedra do actual edificio do Hospital de Caridade do Desterro. A Imperatriz fez varios donativos.

5 — Os animos, agitados pela revolução republicana, não se haviam de todo serenado. A politica, essa obsessão maldita do povo brasileiro, separava os catharinenses em duas facções hostis.

Uma, filiada ao partido liberal, era alcunhada — *Judeu*; a outra fazia parte do partido conservador e, em contraposição, conhecida por *Christão*.

Em 1847 cada um desses partidos apresentou seu candidato á eleição para Deputado geral.

Jeronymo F. Coelho e o dr. Joaquim Augusto do Livramento eram os contendores apresentados pelas duas facções partidarias. Arregimentaram-se ellas de tal modo



D.ª Thereza Christina



D. Pedro II

(Photographias tiradas no anno 1860)

e com tanto calor se degladiavam na imprensa, que eram esperados lamentaveis successos. Destacavam-se nesse interessante prelio as figuras de João Pinto da Luz, Duarte Silva, Marcelino Dutra, o Padre Paiva, etc. O presidente Antero manteve-se, ao menos aparentemente, numa imparcialidade digna de encomios. Procedeu-se á eleição na melhor ordem, cabendo a victoria ao partido *Christão*.

6 — O decimo presidente de Santa Catharina foi o dr. Antonio Pereira Pinto, que tomou posse do cargo em Março de 1849. O seu governo foi de curta duração, pois no fim do mesmo anno passava as redeas administrativas ao vice-presidente dr. Severo Amorim do Valle.

7 — Em Janeiro de 1850 era empossado no governo o dr. João José Coufinho, o administrador que por mais tempo dirigiu os destinos catharinenses. Sob sua esclarecida direcção a provincia prosperou com os mui-



João Pinto da Luz



Padre Paiva

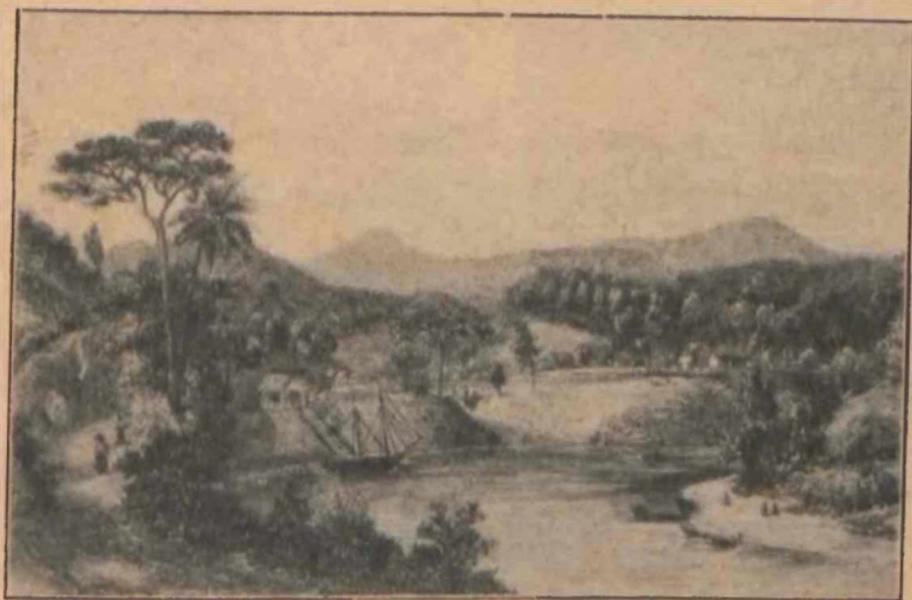
tos melhoramentos postos em pratica. Na capital foi creada a Bibliotheca Publica, a Escola de Aprendizés Marinheiros, o Lyceu Provincial, um Collegio de Irmans de Caridade, e lançava-se a primeira pedra do theatro Alvaro de Carvalho, então de Santa Isabel. Nesse tempo foram fundadas as colonias de Blumenau, Joinville, D. Leopoldina, Militar e Belga, e creadas as freguezias do Sahy, Paraty, Santo-Amaro e Campos Novos. O dr. Coutinho foi substituido pelo vice-presidente bacharel Esperidião Eloy de Barros Pimentel em Setembro de 1859, durante poucos dias.

8 — No mez seguinte era investido no cargo o dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque. A população nesse tempo, era computada em 127.700 almas.

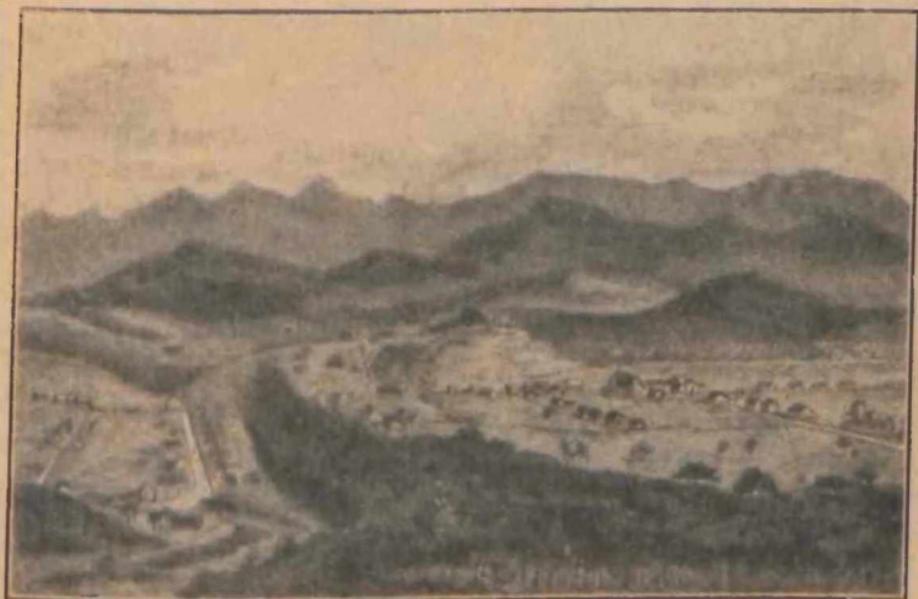


Hermann Blumenau

Durante a sua gestão o governo imperial creou entre nós a Colonia militar do Chapecó, e approvou o contrato feito com o visconde de Barbacena para a exploração do carvão de pedra de Passadous. A villa de Lages foi elevada a cidade, e foram installadas as villas de Tijucas e Itajahy. Uma



Porto de Blumenau, 1866. Desenho de Tschudi



Joinville, 1866. Desenho de Tschudi

das preocupações desse presidente foi a colonização estrangeira.

Substituiu-o o vice-presidente João José de Andrade Pinto, que pouco se demorou no governo.

9 — O decimo terceiro presidente da provincia foi o dr. Ignacio da Cunha Galvão, que muito pouco fez em sua curta administração.

10 — Em Junho de 1861 era empossado no governo da nossa terra o Padre Vicente Pires da Molla, para seis mezes depois entregal-o ao vice-presidente, sem nada de util e duravel ter feito em beneficio da provincia.

11 — Foi rendido pelo commendador Francisco de Souza Coutinho, distincto e illustrado catharinense. No pouco tempo que esteve á testa da administração procurou impulsionar todos os serviços publicos com grande criterio e economia.

12 — Em Dezembro de 1862 assumia o governo o Capitão-tenente Pedro Leitão da Cunha, para entregal-o em Março do anno seguinte. O maior serviço que prestou á provincia foi a criação de duas escolas publicas.

13 — Foi seu substituto o distincto e venerando catharinense Francisco de Oliveira. Na sua breve gestão dotou a provincia com alguns melhoramentos, como a ponte coberta sobre o rio *Biquassú*. A colonia Flôr da Silva foi em seu tempo estabelecida.

XXIII

A guerra do Paraguay

1 — A 26 de Abril de 1864 era empossado no governo da provincia o dr. Alexandre José Rodrigues Chaves.

A população catharinense orçava por 133.738 habitantes dos quaes 13.320 escravos.

2 — Nesse tempo governava a Republica Oriental do Uruguay o general Aguirre.

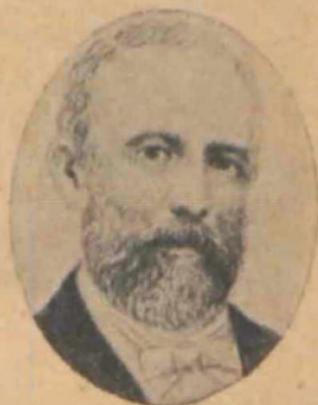
Soffrendo os brasileiros, domiciliados naquelle paiz, toda sorte de vexames e infamias, apezar das reiteradas reclamações do nosso governo, ficou resolvido enviar-se ao Prata uma missão especial apoiada em forças navaes, para compellir o governo oriental a respeitar os nossos concidadãos.

Como não fossem attendidas as reclamações imperiaes pelo insolente governo, a guerra lhe foi declarada.

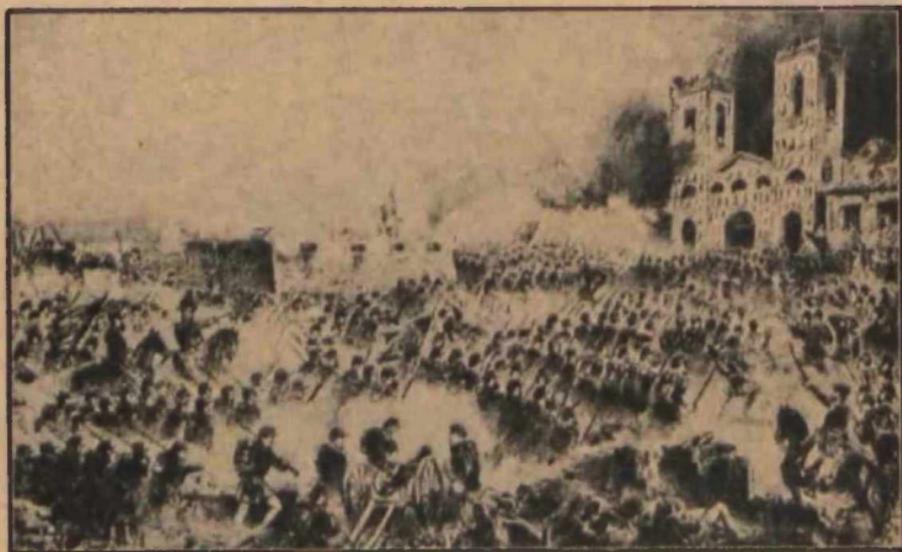
Immediatamente o porto de Montevideo foi bloqueado pela esquadra nacional e sobre o territorio inimigo marcharam forças terrestres, reunidas na fronteira.

3 — Quando se iniciaram as hostilidades, a força militar destacada em Santa Catharina compunha-se do 12.º Batalhão de infantaria, de um contingente de artilharia e de pequena força policial. A Guarda nacional não se encontrava organizada.

O 12.º batalhão era formado, em sua maioria, de moços catharinenses e foi um dos primeiros a embarcar para o sul em defesa da Patria, mostrando-se digno



Aguirre



Tomada de Paysandú

continuador das tradições do lendario Regimento *Bar-riga-Verde*.

4 — Cobriam-se as armas nacionaes de virentes louros deante de Paysandú, quando, traiçoeiramente, Solano Lopez, sinistro tyranno do povo paraguayo, nos declarou guerra.

Os brasileiros, como um só homem, levantaram-se para a desaffronta do nosso pavilhão ultrajado.

A Guarda-nacional foi chamada ao serviço activo, batalhões patrioticos se formaram, como organizadas foram centenas de disciplinadas phalangês, que se chamaram Voluntarios da Patria.



Francisco Solano Lopez

5 — Entre nós, o Capitão dos Portos Barros Torreão, ao saber da declaração de guerra, reuniu, com toda a gente embarcada que se apresentou, um luzido corpo, que denominou — Voluntarios do Porto

— e que deveria, caso se fizesse mister, guarnecer os nossos navios.

6 — A mocidade catharinense não se mostrou esquivada ao appello do Governo. De varios pontos da provincia começaram a convergir para a capital innumerados voluntarios e, dentro em pouco, os claros dos batalhões que por aqui passavam em demanda dos inhospitos campos paraguayos, eram preenchidos pela nossa patriotica juventude.

O primeiro moço catharinense que se apresentou foi Fernando Gomes Caldeira de Andrade. O batalhão do Deposito marchou, logo em principio com 300 praças; a Guarda nacional forneceu ao mesmo tempo 200 homens.



Fernando Gomes Caldeira
de Andrade

7 — A mocidade corria a postos. Um novo batalhão de oito companhias foi organizado com jovens catharinenses e alguns paranaenses.

Tomou elle o numero 25 de Voluntarios. As nossas patricias, desejando demonstrar o civismo dos seus corações bem formados, bordaram uma linda bandeira, que foi offerecida ao aguerrido corpo.



A bandeira do 25.º batalhão
de Voluntarios

8 — Rodrigues Chaves foi substituido interinamente pelo vice-presidente Francisco J. de Oliveira que, por sua vez, passou a administração ao presidente Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque.

Este cidadão, além de outras medidas affinentes ao desenvolvimento da provin-

cia, procurou com afincó estimular o povo, concitando-o a pegar em armas para desaggravar a nossa dignidade ultrajada.

9 — Mais outro Corpo de Voluntarios catharineses foi reunido e partiu cheio de fé e galhardia a cumprir o sagrado dever. Teve o numero 9. Vemos que Santa Catharina, pequena em territorio e fracamente povoada, contribuiu dignamente para que o patrio pavilhão se desdobrasse sempre victorioso e ovante por sobre o territorio inimigo. O tributo prestado ao altar da Patria pela mocidade catharineta nos enche de indizível orgulho.

10 — Um pugillo nobre e desinteressado de colonos allemães e suissos, amando este torrão como sua segunda patria e berço extremoso de seus filhos, se congregou para a defesa da nossa bandeira.

Partiram os bravos descendentes de Arminio e de Guilherme Tell e, nas planicies paraguayas, muitos delles morreram heroicamente, legando aos descendentes nobilissimo exemplo e fazendo-se dignos da nossa veneração.

11 — Se fóramos contar, embora em traços fugaces, todas as acções heroicas praticadas pelos nossos patrios durante os cinco longos e cruentos annos da guerra do Paraguay, teriamos necessidade de um grosso volume. Quem percorrer a historia dessa porfiada campanha ha de encontrar sempre um catharinense figurando desde o commando supremo do exercito (generaes Polydoro, Guilherme Xavier) ou da marinha (almirante Torres e Alvim), nos combates navaes e terrestres, nas batalhas porfiadas, nas cargas, nos reconhecimentos. Quem falar em Riachuelo não esquecerá um Alvaro de Carvalho e um Pestana; em 24 de Maio, um marechal Guilherme; em Itororó, um Fernando Machado; em Curuzú, um Tenente Silveira; em Lomas Valentinias, um brigadeiro Bittencourt; em Boqueron, um Machado

Heróis do Paraguay



General Polydoro



General Guilherme Xavier



Brigadeiro Bittencourt



Almirante Torres e Alvim



Fernando Machado



Alvaro de Carvalho

Heróis do Paraguay

Almirante José Marques
GuimarãesAlmirante João Justino
de Proença

General Camara



General Resim Filho



Pedro Soares



Cel. Machado da Costa

da Costa; e assim em todos os feitos gloriosos dessa memoravel campanha.

12 — Foi durante a guerra do Paraguay que se inauguraram entre nós as primeiras linhas do telegrapho electrico, melhoramento utilissimo e inestimavel.

13 — O dr. Adolpho de Barros foi substituido pelo vice-presidente Francisco José de Oliveira, que passou a administração, em 1869, ao 2º vice-presidente J. F. de Souza Coutinho.

14 — Este foi rendido pelo 1º vice-presidente, bacharel Carlos de Cerqueira Pinto. Em Janeiro foi empossado o presidente dr. Carlos Augusto Ferraz de Abreu que, após sete mezes de governo, entregou a administração ao 2º vice-presidente coronel Joaquim Xavier Neves.

15 — Em fins do mesmo anno assumia as redeas administrativas o 2º vice-presidente dr. Manuel do Nascimento F. Galvão.

Soffria immenso a provincia com essa inconstancia de governos, quasi todos alheios a ella e ás suas necessidades, muitos sem qualidades administrativas e para aqui mandados, unicamente, ensaiar ou fazer... carreira politica.



XXIV

Novas gestões. Campanha abolicionista

1 — O decimo nono presidente da provincia foi o dr. André Cordeiro de Araujo Lima, empossado em Janeiro de 1870, substituido pouco depois pelos vice-presidentes Fonseca Galvão e Manuel Vieira Tosta.

Em Maio era investido o bacharel Francisco Ferreira Corrêa, que administrou a provincia durante sete

mezes. No seu governo tratou-se da construcção de uma estrada de ferro, que ficou em projecto, ligando a nossa capital a Porto-Alegre.

A população da provincia orçava nesse tempo por 150.000 almas. O presidente acima foi substituido pelos vice-presidentes Vieira Tosta, Joaquim Bandeira de Gouveia, Guilherme C. Coelho Cintra e Ignacio Accioli de Almeida.

2 — Em Julho de 1872 assumia o governo o dr. Delphino Pinheiro de Ulhoa Cintra Junior, que pouco se demorou entre nós.

Teve como substitutos os vice-presidentes Nascimento Galvão e Accioli de Almeida.

3 — Em Abril de 1873 veio adiminstral-a o dr. Pedro Affonso Ferreira que, como seus antecessores, muito pouca demora teve.

Passou o governo ao vice-presidente Tenente coronel Luiz Ferreira do Nascimento Mello, natural da provincia e conceituado chefe politico de S. José.

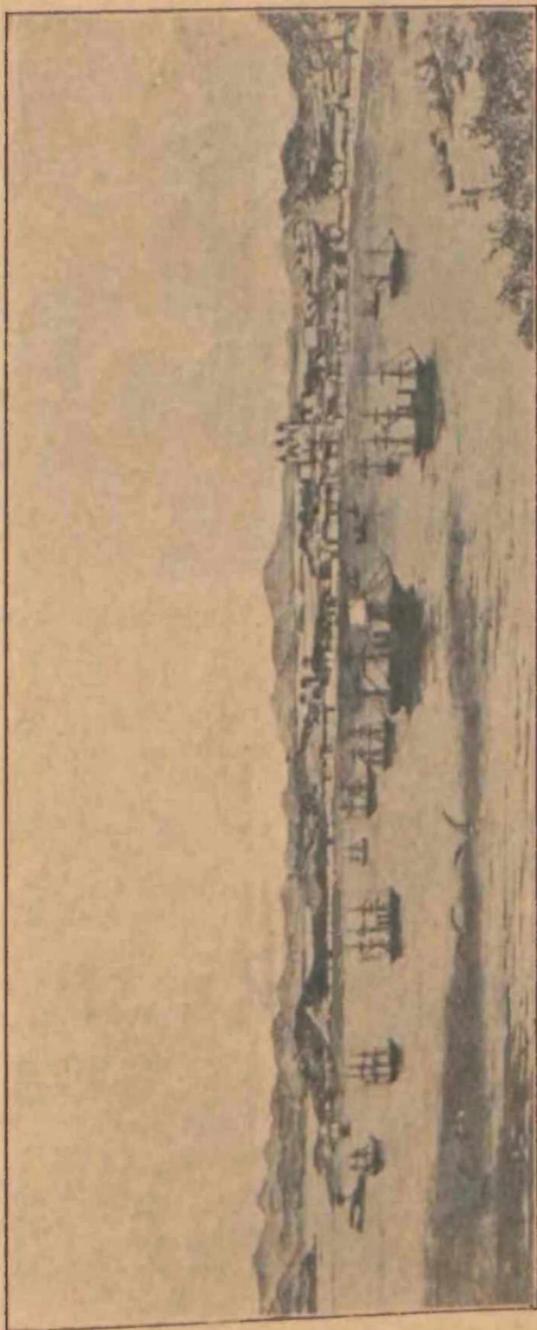
4 — Em Outubro do mesmo anno tomou pösse o dr. João Thomé da Silva. Foi um dos poucos e verdadeiros administradores para cá enviados pelo governo central.

Apezar de seu governo ter sido muito curto, não deixou, porém, de ser benefico e progressista.

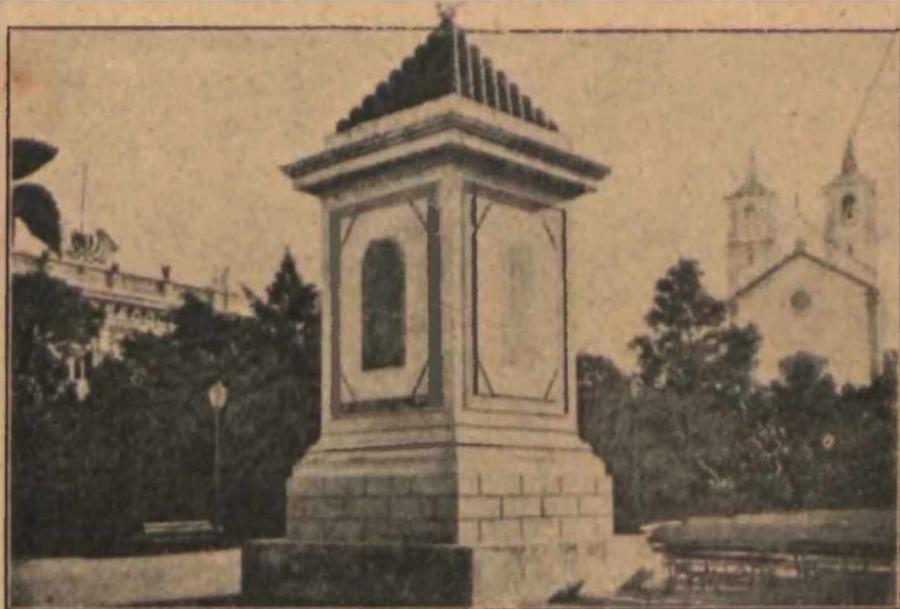
Projectou e iniciou muitos melhoramentos, dotou a capital com varios edificios publicos entre os quaes se destaca o actual edificio da Alfandega. Graças á sua tenaz vontade deu-se principio á erecção de um monumento aos heroes catharinenses tombados no Paraguay.

Substituiu-o o tenente-coronel Luiz Ferreira do Nascimento Mello.

5 — Em Agosto de 1875 era empossado no governo o dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho, que pouco tempo demorou entre nós. Seu successor foi o major d'engenheiros Alfredo de Escragnolle Taunay, que, da mesma forma, pouca demora teve no governo, executando, entretanto, alguns melhoramentos dignos de



Vista de Desterro na Ilha de Santa Catharina, 1866. Desenho de Tschudi



Monumento aos heróes catharinenses da Guerra do Paraguay

nota. Como nosso representante na Camara e Senado muito pugnou pelo progresso da provincia.

Foi substituido pelo 1º vice-presidente dr. Herminio Francisco do Espirito Santo.

6 — Veio substituil-o o presidente nomeado dr. José Bento de Araujo que, após um anno de administração, depositou ás mãos do distincto catharinense dr. Joaquim da Silva Ramalho as redeas governativas.

O facto mais importante dessa administração foi o motim dos imigrantes italianos contra o director da Colonia Trento, fundada de pouco tempo.

7 — A 7 de Maio de 1878 tomava posse o presidente nomeado dr. Lourenço Cavalcanti de Albuquerque que, em Dezembro, fazia entrega do governo ao dr. Ramalho.



Visconde de Tanay



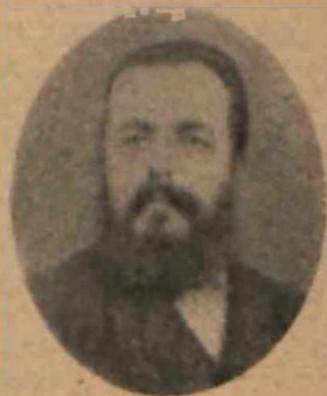
Blumenau, 1866. Desenho de Tschudi

Vejo rendel-o o dr. Antonio de Almeida e Oliveira, em cuja administração se inaugurou a linha telegraphica para Joinville; a freguezia de Blumenau foi elevada a villa e emancipada a parte da Colonia do mesmo nome entre a séde e o districto de Aquidaban.

Houve nesse tempo grande temporal que graves prejuizos causou. Foi substituido pelo coronel Mantel Pinto de Lemos.

8 — Recebeu o governo, em Julho, o dr. João Rodrigues Chaves. Na sua administração grande temporal desabou sobre a provincia occasionando tremendas cheias e com ellas colossaes prejuizos á lavoura e á viação, havendo perdas de vidas.

Foram tambem iniciados os primeiros trabalhos da estrada de



Dr. Ramalho

ferro d. Thereza Christina a unica de que por longo tempo gozou a nossa terra.

Ainda em sua gestão foi creado o municipio de Brusque e se tratou da mudança da capital para Lages.



Joaquim Augusto
do Livramento

Substituiu-o o vice-presidente dr. Joaquim Augusto do Livramento, illustrado catharinense, que em varias legislaturas foi nosso representante na Camara dos deputados.

9 — De Abril a Junho de 1882 Santa Catharina teve como presidente o dr. Ernesto Francisco de Lima Santos, que foi substituido pelo dr. Livramento.

Revestiu-se do cargo, o dr. Antonio Gonçalves Chaves em Setembro do mesmo anno, para depô-lo, em Janeiro de 1883, ás mãos do vice-presidente coronel Pinto de Lemos.

Em sua administração foi installada a villa de Blumenau e inaugurada a navegação a vapor no rio Iguassú.

10 — Em Fevereiro do mesmo anno foi empossado o dr. Theodoreto Carlos de Faria Souto, substituido em Agosto pelo dr. Francisco Luiz da Gama Rosa que, durante os treze mezes de governo, procurou bem applicar a sua actividade e criterio administrativo em beneficio do progresso da nossa terra e em estimular sua mocidade estudiosa, de quem se mostrou generoso Mecenaz.

11 — Rendeu-o no governo o dr. José Lustosa da Cunha Paranaquá, em Setembro de 1884. Tratou elle de fazer reparar varios edificios publicos, estradas e pontes. O governo central preoccupou-se



Francisco Luiz
da Gama Rosa

com a catequese dos nossos miseros e abandonados selvícolas.

12 — Em 1884 existiam na provincia cerca de 10.000 escravos. A triste condição desses infelizes muito depunha contra os sentimentos altruisticos do nosso povo e nossos fóros de civilizados.

Em selecto grupo de corações bem formados se poz á testa de sympathico movimento, procurando por meio de uma propaganda criteriosa, systematica, constante, limpar a nossa terra da mancha negra e avillante da escravidão.

Um jornal, o *Abolicionista*, foi lançado, pregando a nobre cruzada. A mulher catharinense, dando uma demonstração de seus alevantados sentimentos, veio prestar desinteressado apoio á magnanima idéa.



Prineeza D. Isabel

O mesmo fizeram varias sociedades recreativas e a carnavalesca «Diabo a Quatro».

Seus esforços foram coroados com a libertação dos ultimos escravos antes que a Regente do Imperio, d. Isabel, assignasse o decreto de extincção da escravatura no Brasil. Dos denodados paladinos da alevantada campanha, na capital, destacaremos, o coronel Germano Wendhausen, Francisco de Assis Costa, Carlos Guilherme Schmidt, o poeta Cruz e Souza e o artista Manuel Bitencourt.

13 — O dr. Lustosa Paranaguá foi substituido pelo vice-presidente coronel Lemos. Este passou a administração ao dr. Antonio Lara da Fontoura Palmeiro, que entre nós só permaneceu tres mezes. Creou uma escola em Nova-Trento.

14 — Veio rendel-o, em Setembro de 1885, o dr. Francisco José da Rocha. Foi um administrador recto e



Cel. Germano Wendhausen



Cruz e Souza

dedicado. A capital e toda a provincia lhe devem varios melhoramentos que muito facilitaram o seu desenvolvimento.

15 — Em Maio de 1888 o presidente Rocha entregou o governo ao coronel Augusto Fausto de Souza que, em oito mezes de administração, impulsionou todos os serviços publicos.

Com a sua retirada, a direcção da provincia passou rapidamente pelas mãos dos seus 1.º, 2.º e 3.º vice-presidentes, dr. José Ferreira de Mello, Conego Joaquim Eloy de Medeiros, ambos catharinenses, e dr. Abdon Baptista, medico bahiano entre nós radicado.



XXV

O regimen republicano

1 — A idéa republicana não era nova entre nós, e avivou-se sobremodo ao fazermos a independencia. Desde 1831 catharinenses de valor, sob a capa de liberaes exaltados, sonhavam com a fórma republicana para o governo de nossa Patria.



José Veiga



A. Justiniano Esteves Junior

A monarchia, diziam, era uma planta exótica no continente americano.

Com a guerra dos *Farrapos* o pensamento entre nós tomou vulto e creou milhares de adeptos, principalmente ao sul da provincia. A victoria do governo imperial veio, apenas, abafar as cinzas que cobriam o brasido inextinguível.



Vista actual de São Francisco

Em 1870, o manifesto lançado por um pugillo de sonhadores foi a rajada que, dispersando as cinzas, fez levantar a primeira faúlha adormecida.

Uma propaganda tenaz em favor da nova fórma de governo abalou todo o paiz. Santa Catharina estremeceu ao appello de um grupo de seus filhos, chefiado por José Veiga. Na propaganda destacava-se Luiz Nunes Pires; e no Congresso republicano do Rio, reunido em Julho de 1887, Santa Catharina fazia-se representar pelos ardorosos paladinos Antonio Justiniano Esteves Junior e Lydio Martins Barbosa.

2 — Eram surprehendedentes os resultados da propaganda. Em Camboriú, Joinville, S. Francisco, Itajahy, Capital, S. Bento, Tijucas fundavam-se Clubs republicanos. A villa de S. Bento conseguiu até eleger uma Camara municipal republicana.



A proclamação da Republica
Quadro de Henrique Bernardelli

3 — A 7 de Julho de 1889 cabia o partido Conservador e, a 19, era empossado no governo da provincia o dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, filiado ao partido Liberal.

Começara o activo presidente a pôr em pratica uma serie de medidas assaz beneficas ao progresso e desenvolvimento da provincia quando, de surpresa, acontecimento politico de alta monta, veio mudar por completo o systema governativo do Brasil.

4 — A 15 de Novem-

bro de 1889 propagou-se por toda a provincia a noticia da proclamação da Republica, no Rio. O marechal Manuel Deodoro da Fonseca, chefiando varios batalhões depuzera o ministerio e proclamara o regimen republicano, havendo a familia imperial.

5 — No dia 17, installou-se no **Desterro um governo** provisorio, constituido pelo distincto catharinense, pharmaceutico, Raulino Julio Adolpho Horn, coronel João Baptista do Rego Barros Cavalcante de Albuquerque e dr. Alexandre Marcelino Bayma. Deixou a administração o dr. Oliveira Bello, retirando-se pouco depois para o Rio de Janeiro.

6 — No dia 19, um grupo numeroso de praças do 25.º batalhão de infantaria, estacionado na capital, com a musica á frente e arvorando uma bandeira do Imperio, sahiu á rua dando vivas ao regimen decabido e morras á nova fórma de governo. Depois de rapida **lucta**, em que houve feridos e mortos, conseguiu o Major Firmino Lopes Rego, auxiliado por outros militares, subjugar os amotinados.



Lauro Müller



Raulino Julio Adolpho Horn

7 — O governo provisorio da Republica, por decreto de 24 de Novembro, nomeou para dirigir os destinos do Estado Confederado de Santa Catharina, o 2.º Tenente de engenharia Lauro Severiano Müller, que tomou posse a 2 de Dezembro do mesmo anno.

8 — Durante sua gestão foi substituido varias vezes, ora pelo 1.º vice-governador Raulino Horn, ora pelo 2.º o coronel Gustavo Richard.

Iniciou-se o remodelamento de todos os serviços administrativos, judiciarios, etc. do Estado, de accordo com as exigencias do novo regimen.

9 — Durante a primeira administração republicana foram creadas as comarcas de Tijucas e Araranguá, sendo a villa de Tubarão elevada á cidade; foi organizada pelo governo central uma Commissão de melhoramentos dos portos do Estado; foi creado o municipio de Imaruy e a freguezia do mesmo nome elevada a villa.

Procedeu-se á eleição para representantes do Estado na Camara e Senado federal, sendo um dos escolhidos o notavel poeta patriocio Luiz Delfino dos Santos.



Luiz Delfino dos Santos

10 — Um grupo de cidadãos de destaque, desgostoso com as normas e processos administrativos e politicos do inexperiente governador, declarou-se em opposição, organizando o partido «Federalista».

11 — Em 8 de Março de 1891 realizaram-se as eleições para a formação do Congresso constituinte e legislativo do Estado. Foram eleitos 22 deputados. Approvada a Constituição estadual foi ella promulgada a 11 de Junho do mesmo anno.

12 — O Governo federal soffria nesse tempo grande opposição, tanto por parte da imprensa como do Congresso.

Irritado com tão acerbas criticas, decretou o estado de sitio, dissolveu o Congresso e ordenou varias prisões.

Afinal, resolveu o Marechal Deodoro resignar o poder. Substi-



Marechal Floriano Peixoto

tuiu-o o marechal Floriano Peixoto, que começou a prestar braço forte aos partidos opposicionistas de varios Estados. No nosso a opposição ao governo se avolumava constantemente. Cercado de impopularidade, o dr. Lauro viu-se constringido a resignar, entregando o governo ao Major Firmino Lopes Rego (Dezembro de 1891) commandante interino da guarnição federal.



XXVI

A revolução federalista

1 — Logo que se deu a renuncia do governador, constituiu-se uma Junta provisoria, composta dos catharinenses, Coronel Luiz dos Reis Falcão, 1.º Tenente d'Armada Arthur Deocleciano de Oliveira e Christovam Nunes Pires, que tomou as redeas da administração do Estado.

Dissolveu ella o Congresso e pôz em pratica varias medidas de segurança, para evitar e annullar as tentativas opposicionistas.

2 — Em Março de 1892 chegava ao Desterro um enviado do Presidente da Republica, o Tenente Manuel Joaquim Machado, que foi empossado no governo.

Começou elle por organizar a Força publica, para garantir-se, remodelar a Magistratura, etc. Foram, então eleitos novos deputados estaduaes.

3 — O novo Congresso elegeu para governador do Estado o popular catharinense Tenente-coronel Elyseu Guilherme da Silva, que assumiu a administração a 15 de



Christovam Nunes Pires



Manoel Joaquim Machado



Elyseu Guilherme da Silva

Setembro do mesmo anno. Em Outubro voltava de novo ao governo o Tenente Machado.

4 - Devido á deposição dos governadores, rebentaram varios motins e revoltas no paiz. O partido federalista do Rio Grande do Sul tomou armas e conflagrou o Estado. O governo catharinense começou desde logo a manifestar suas sympathias pelos revolucionarios e a tomar medidas militares. A 24 de Abril de 1893 rompia com o governo do centro, em energico manifesto.

5 - A 19 de Junho reassumia o governo o Tenente-coronel Elyseu Guilherme.

O partido da opposição não media esforços para desprestigiar e derrocar os situacionistas. Blumenau era o centro da resistencia. Os animos estavam exallados e por sobre a terra catharinense pairava uma atmosphera pesada, prenuncio de terriveis acontecimentos.

Exercicios militares continuos, deslocamentos de tropas, medidas defensivas faziam-se diariamente.

A opposição, chefiada pelo dr. Hercilio Luz, preparava em Blumenau os elementos para recuperar o poder.

Começou a reacção. Em Tijucas, Tubarão e Lages, as Camaras municipaes foram depostas pelos opposicionistas, e de Blumenau marcharam sobre a capital cerca de 150 homens chefiados pelo dr. Hercilio.



Vista actual de Blumenau



Dr. Hercilio Luz



Custodio J. de Mello

Na noite de 31 de Julho atacaram, patrocinados pela tropa federal, o palacio do governo, fortemente defendido. Deram-se mortes e ferimentos em ambos os campos.

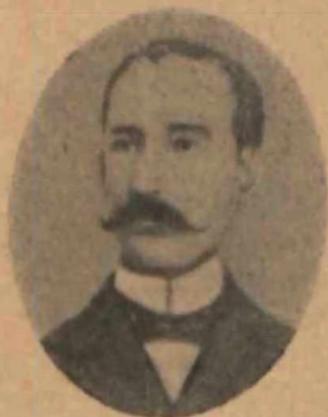
O Governo central, entretanto, não reconheceu o governo revolucionario; por isso os herecillistas tiveram necessidade de abandonar a capital, continuando na administração do Estado o coronel Elyseu que, pouco depois, foi substituido pelo 2.º vice-presidente Christovam Nunes Pires.

6 — A 6 de Setembro de 1893 grande parte da esquadra nacional, sob a chefia do almirante Custodio J. de Mello revoltou-se contra o Governo federal.

Dous navios rebeldes rumaram para o nosso Estado e entrando em S. Francisco, inutilizaram a rede telegraphica.

7 — No dia 25 surgiram á barra do norte do porto da capital e, depois de trocarem alguns tiros com as forças leaes do coronel Serra Martins, entraram pela barra do sul e intimaram a capital á rendição. A 29 a cidade capitulava. A 8 de Outubro o Tenente Machado entregava o governo ao Tenente Salles Brasil.

8 — No dia 14, no Desterro, foi estabelecido um Governo provisorio, sendo aclamado Presidente da Republica o Capitão de Mar e Guerra Frederico Guilherme



Tonente Salles Brasil



Frederico Guilherme de Lorena

de Lorena, que logo tomou posse e escolheu ministerio.

Começou o novo Governo, sem perda de tempo, a organizar tropas e preparar a resistencia de accôrdo com os revolucionarios rio-grandenses, que marchavam já em direcção ao Estado.

9 — As tropas leaes procuravam conter as avançadas revolucionarias. Em varios pontos do Estado encontros sangrentos se deram. A invasão se fazia paulatinamente, mas segura e ferrivel. A causa legal parecia periclitarse nos tres Estados sul-brasileiros. Felizmente, porém, a onda invasora, á proporção que se espraia-va, ia perdendo em cohesão, em disciplina. A desharmonia começava a lavrar entre os chefes mais proeminentes.



XXVII

Dominio da legalidade

1 — Devido ás accentuadas divergencias e constantes atritos entre os membros do Governo provisório Federal, como entre os chefes militares e politicos, desprestigiava-se dia a dia a causa revolucionaria.



Almirante Jeronymo Gonçalves



Alexandrino de Alencar

O Governo pediu demissão e uma Junta governativa foi organizada, mas nunca conseguiu completar-se.

Diversas tentativas para invadir o Estado de S. Paulo haviam abortado; o ataque ao Rio Grande fôra um desastre, que se avolumou com a entrega, pelo Almirante Mello, de bom numero de navios á guarda da Republica Argentina.

2 — O marechal Floriano, com uma tenacidade admiravel, dia a dia se tornava mais forte graças aos elementos que pacientemente ia accumulando.

A custo de enormes sacrificios conseguiu reunir uma esquadilha, sob as ordens do bravo Almirante Jeronymo Gonçalves, contrapondo-a aos elementos navaes do adversario.

A 5 de Março de 1894 rumava ella para Santa Catharina, afim de dar combate aos ultimos vasos de guerra de que dispunha a revolução.

A unidade mais forte com que tinha de medir-se era o couraçado *Aquidaban* sob o commando do intrepido Capitão de fragata Alexandrino de Alencar.

3 — A esquadra legal escolheu para base a enseada de Porto-Bello, hostilizando, de quando em quando, as fortificações adversas. Na madrugada de 16 de Abril de



Antonio Moreira Cezar



Barão de Batovy



Caldeira de Andrade



Tobias Becker

1894 houve um ataque geral, e nelle foi torpedeado o encouraçado *Aquidaban*.

Ao chegar a noticia á capital, foi esta abandonada pelo Governo e pelas pessoas compromettidas na revolução.

No dia 17 era o Desterro occupado pelas forças leaes, sendo repostas as autoridades, que haviam sido depositas.

4 — No dia 20 tomava conta do governo militar o coronel Antonio Moreira Cezar, commandante do 7.º batalhão de infantaria.



Palácio do Governo — Florianópolis

Começou elle, insuflado por espiritos vingativos, a prender representantes de ambos os partidos e a mandal-os para as fortalezas de Rationes e Santa Cruz onde, sem um processo summario sequer, iam sendo fuzilados. Catharinenses distinctos, entre os quaes se destacavam as figuras do respeitavel e bravo Marechal Gama d'Eça, barão de Batovy, do coronel Caldeira de Andrade, dos capitães Tobias Becker, Romualdo de Barros, B. Nascimento, Elesbão Luz, Luiz Domingues etc., foram sacrificados.

5 — A 28 de Setembro de 1894 assumia a administração do Estado o dr. Hercilio Pedro da Luz.

Tambem prestou compromisso o dr. Polydoro Olavo Santiago, vice-governador eleito. Entrava assim a nossa terra, tão golpeada pela revolução, em nova phase de ordem e de florescimento.

Foi uma gestão, a do dr. Hercilio, de luctas, de fadigas, de verdadeira reconstituição.

A viação absorveu maiores cuidados do activo e energico administrador. Dotou a capital com varios edificios publicos, como o Palácio do governo, o Mercado, etc. Mandou organizar uma carta do Estado; arrancou do



Manuel da Silva Mafra



D. José de Camargo Barros

olvido a antiga questão de limites com o Paraná, nomeando para nosso advogado o inesquecível catharinense dr. Manuel da Silva Mafra; foram creadas as Armas e a Bandeira do Estado e adoptado o seu Hymno (1). Ainda em sua adiantada e progressista administração a capital do Estado tomou o nome de *Florianopolis*, em substituição ao de Desterro, que trazia desde 1681.

6 — A 30 de Setembro de 1894 tomava posse, em Curytiba, da Diocese do novo Bispado de Santa Catharina e Paraná, creado a 27 de Abril de 1892, d. José de Camargo Barros, natural de S. Paulo, e luminar do clero brasileiro. Foi seu successor d. Duarte Leopoldo, actual Arcebispo daquelle adiantado Estado.

7 — Substituiu o dr. Hercílio, em 28 de Setembro de 1898, o Major de engenheiros dr. Felipe Schmidt que continuou a desen-



Felipe Schmidt

(1) O brazão d'armas do Estado foi ideado pelo activo Almirante reformado Henrique Boiteux e a bandeira deve o seu desenho e adapção ao desembargador José A. Boiteux. Do hymno, a musica é do professor José Brazilio de Souza, e a letra de Horacio Nunes Pires.

volver, durante o seu governo, a viação publica e tomar muitas medidas acertadas de grande proveito para o progresso do Estado.

Impulsionou a questão de limites e, diante das invasões paranaenses, soube com patriótica energia conter as pretensões descabidas dos nossos vizinhos. Executou, do mesmo modo, varias reformas administrativas de grande utilidade.

Era vice-governador o coronel Firmino Lopes Rego.



XXVIII

Novas administrações

1 — Seu substituto no quadriennio seguinte (1902-1906) foi o dr. Lauro Müller, que só esteve á testa da administração cerca de mez e meio, assumindo, então, as redeas do governo o vice-governador eleito coronel Vidal José de Oliveira Ramos.

Durante a trabalhosa e fecunda gestão deste distincto catharinense as condições financeiras do Estado melhoraram sobremodo, dando margem a que fossem executadas muitas obras de relevancia para o desenvolvimento de nossa terra.

2 — O quadriennio a que nos referimos foi completado pelo coronel Antonio Pereira da Silva e Oliveira.



Coronel Vidal José
de Oliveira Ramos



Coronel Antonio Pereira
da Silva e Oliveira

Com criterio e tino administrativo impulsionou o progresso do Estado e pôz em pratica medidas de alcance.

Foi em seu governo que se deu em Itajahy o celebre caso da canhoneira allemã *Panther*, incidente resolvido satisfactoriamente pelo inolvidavel barão do Rio Branco, de gloriosa memoria.

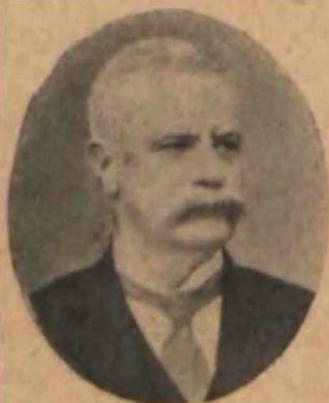
3 — O coronel Pereira e Oliveira teve por substituto, a 28 de Setembro de 1906, o vice-governador eleito, dr. Abdon Baptista, que dirigiu com descortino a administração estadual até Dezembro do mesmo anno, em que assumiu o cargo o governador eleito, coronel Gustavo Richard. Conseguindo um emprestimo externo, applicou-o este governador, com alto criterio, na execução de varios melhoramentos de utilidade publica, destacando-se entre elles o abastecimento de agua potavel e illuminação electrica da capital.

A viação ganhou bastante em seu governo progressista.

4 — Em Setembro de 1908, em Porto-Alegre, foi sagrado o pri-



Dr. Abdon Baptista



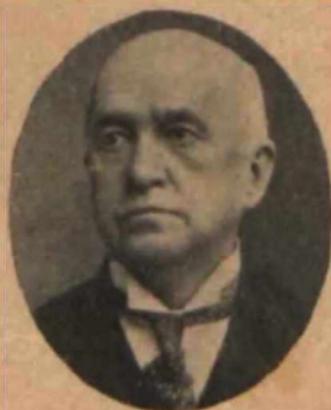
Cel. Gustavo Richard

D. Joaquim Domingues
de Oliveira

meiro bispo da nova Diocese de Santa Catharina, monsenhor d. João Becker, hoje Arcebispo do Rio Grande do Sul.

Substituiu-o o prelado actual, d. Joaquim Domingues de Oliveira, natural de Portugal, que, com a maior elevação de vistas, guia os sentimentos religiosos do nosso povo e, graças aos seus meritos, foi elevado ao Arcebispado.

5 — De 1910 a 1914 voltou a dirigir os destinos do Estado o coronel Vidal José de Oliveira Ramos, cujo patriotico programma de governo resumiu-se nestas duas expressivas palavras — *Instrucção e Viacão*.



Orestes Guimarães

De facto, todos os seus esforços convergiram para dotar a nossa terra com os mais aperfeiçoados processos de instrucção. Um grupo dedicado de professores paulistas, dentre os quaes cumpre destacar o sr. Orestes Guimarães, foi chamado e, dentro em breve, magestosos edificios escolares se levantaram como templos de saber, de alegria e de civismo, preparando a nova geração catharinense para as lides do porvir. Du-

rante pequena ausencia, devida á questão de limites, que o reteve no Rio, foi o coronel Vidal Ramos substituido pelo coronel Eugenio Müller, vice-governador eleito.

6 -- Desde muito, vagava pelo territorio contestado um individuo de aspecto rude, chamado João Maria, ensinando orações aos caboclos e curando seus males com mézinhas e benzeduras.

Fallecido este, apresentou-se como seu substituto, continuando com as mesmas supersticiosas praticas, certo *monge*, José Maria Agostinho.

Em 1911, notavel grupo de sertanejos, encabeçados por elle, acampou ás cercanias da villa de Curylibanos. Tornando-se sua presença incommoda ao chefe local, o governo do Estado fez debandar o ajuntamento.

Dirigiram-se, então os *fanaticos* para o contestado e, em 1912, tiveram sangrento encontro com a policia do Paraná.

Originou-se d'ahi a celebre revolta dos sertanejos, alimentada por interesses politicos regionaes, a que não era estranha a quasi secular questão de limites.

Para conseguir o restabelecimento da ordem teve necessidade o governo federal de enviar expedições militares nem sempre coroadas de successo.

Lucta ingloria, fratricida que, desgraçadamente, encheu o contestado de sangue, de ruinas e de tristes recordações.



Cel. Eugenio Müller



O monge João Maria



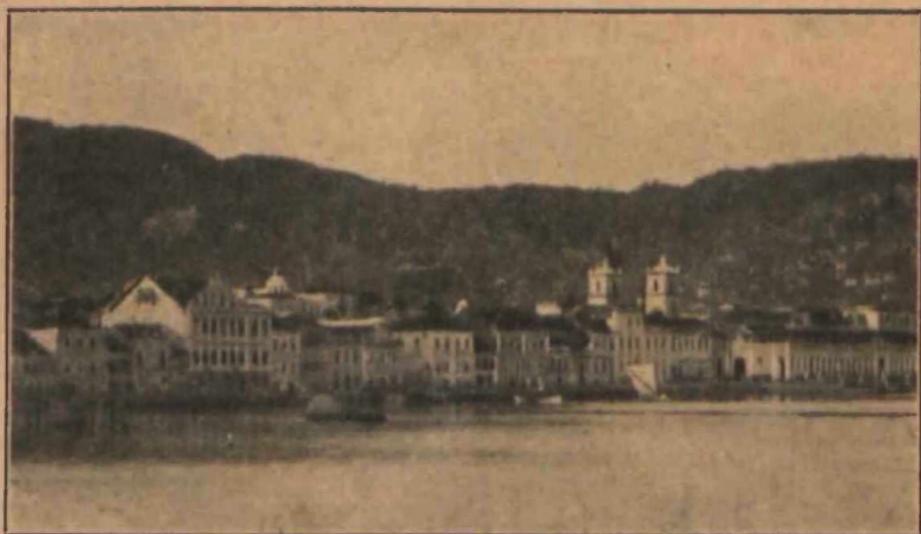
Major João Guimarães Pinho

patibilizar-se e concorrer á eleição de Senador, o coronel Vidal Ramos transmittiu a governança ao Presidente do Congresso, Major João Guimarães Pinho, que com a mesma elevação de vistas proseguiu no patriótico programma do seu antecessor.

8 — Pela segunda vez, a 28 de Setembro de 1914, empunhou as redeas da administração publica o General dr. Felipe Schmidt, e para isto deixava o seu posto no Senado Federal.

Para vice-governador foi eleito o Capitão de fragata Dorval Melchjades de Souza, que resignou pouco tempo depois.

A administração do dr. Schmidt foi prospera e fecunda. Apesar da guerra mundial e do nosso rompimento com a Alemanha, continuou o Estado em sua marcha progressiva e florescente. A irritante questão de limites com o Paraná chegou, afinal, a um soffrivel termo



Vista de Florianópolis

pelo Accordo de 20 de Outubro de 1916. O estado sanitario dos annos de 1914 e 1915 não foi, infelizmente, entre nós dos mais favoraveis. Epidemias de typho, dysenteria e coqueluche irromperam em Tijucas, Nova-Trento e Brusque, em Joinville e Laguna, e na capital.



Navarro Pereira Lins

9 — Tendo partido para o Rio, a chamado do Presidente da Republica, afim de tratar da questão de limites, o General Schmidt foi substituido, temporariamente, pelo Presidente do Superior Tribunal de Justiça, desembargador Antonio W. Navarro Pereira Lins, e pelo Presidente do Congresso representativo do Estado, major João Guimarães Pinho.

10 — A vontade popular, ainda uma vez em nossa terra, pesou na balança politica. Lucta renhida se travara pela successão governamental. A convenção do Partido republicano catharinense, interpretando o desejo do povo, escolheu para reger os destinos de Santa Catharina, no quatriennio de 1918-1922, os drs. Lauro Müller e Hercilio P. da Luz. O primeiro, eleito governador, premido pelas circumstancias, resignou antes mesmo de assumir o cargo.

11 — O dr. Hercilio, empossado no governo, procurou desde logo desbravar com pulso forte e vontade tenaz novos e mais largos horizontes á terra catharinela.

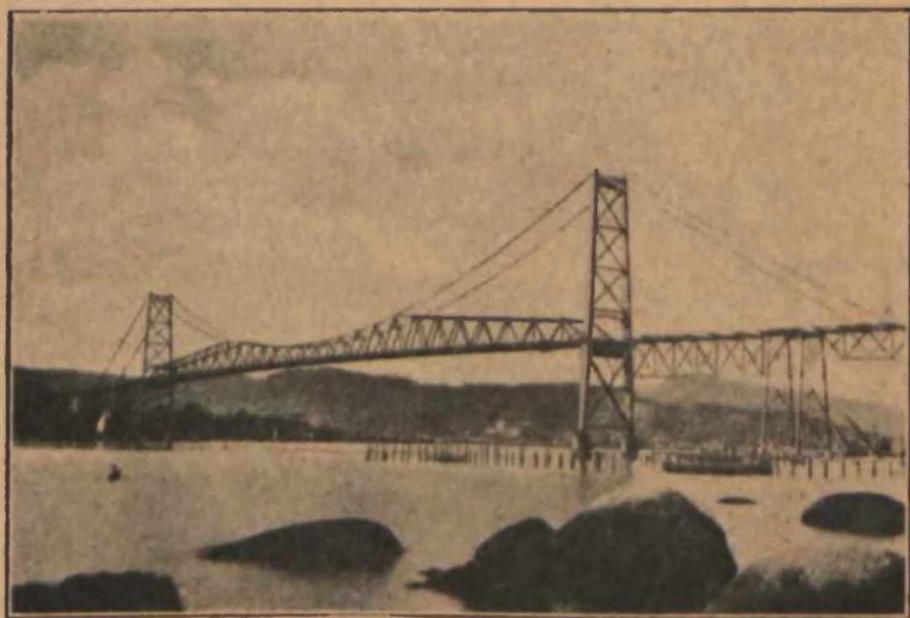
Começou por negociar um grande emprestimo externo com o proposito de pôr em pratica seu vasto programma de governo.

Destacou-se a sua movimentada gestão pelo grande incremento proporcionado á rede rodoviaria do Estado; pela remodelação e nacionalização do ensino; pelo saneamento rural, para o que foram contratados os ser-

viços da «Rockefeller Foundation», e o da capital, onde foram realizadas obras de grande vulto; pela edificação de predios e remodelação de outros destinados a grupos escolares, escolas urbanas e rurales e repartições publicas; pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento da agricultura e pecuaria com o estabelecimento de campos de demonstração e estações de monta; pelo augmento da Força publica; e, finalmente, pela ligação da Ilha ao continente por magestosa ponte metálica.

A linha divisoria com o Paraná foi perfeitamente caracterizada e assignalada por uma commissão de engenheiros militares. O serviço da carta do Estado experimentou grande avanço.

Por esse tempo teve a nossa terra que lutar com a terrível pandemia, conhecida por *espanhola*, que atacou quasi metade da população, fazendo innumeras victimas. Pelo recenseamento realizado em 1920 a população do Estado alcançou o numero de 600.338 habitantes, de



Ponte Hercilio Luz

acordo com os boletins recolhidos; a população provável, no entanto, foi estimada em 654.110 almas.

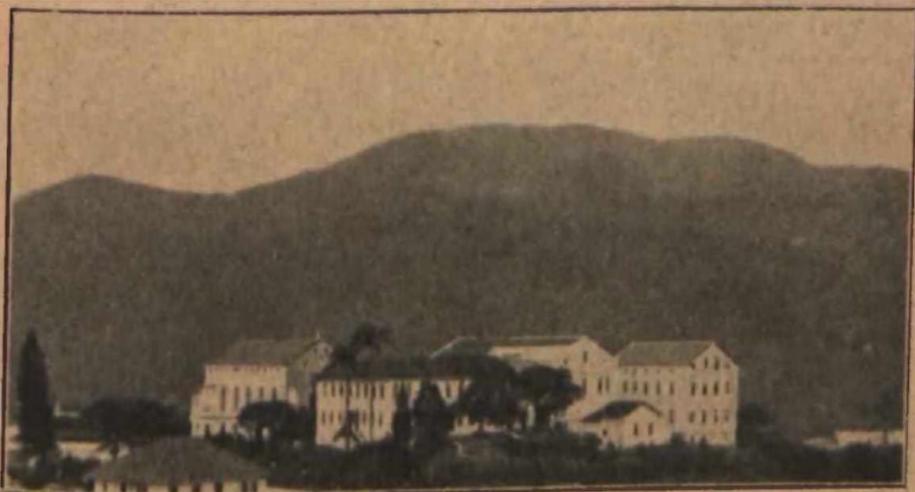
O dr. Hercílio, durante sua gestão, foi substituído acidentalmente, pelo Presidente do Congresso, coronel Raulino Horn, e pelo Presidente do Superior Tribunal de Justiça, dr. João da Silva Medeiros.

12 — Graças á reforma da Constituição do Estado, foi o dr. Hercílio eleito governador para o quadriennio seguinte (1922-1926), e o coronel A. Pereira e Oliveira, vice-governador.

Continuava o dr. Hercílio na execução de seu plano de governo, quando adoeceu gravemente. A conselho medico partiu para a Europa, em Maio de 1924, assumindo a administração o vice-governador. Fallecendo o dr. Hercílio, em Outubro do mesmo anno, o coronel Pereira tomou as redeas governativas.

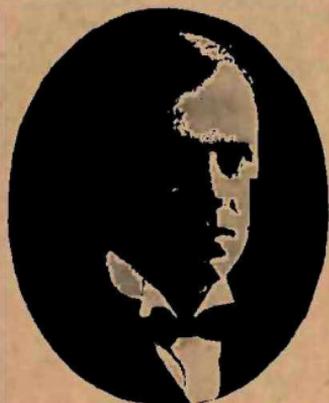


Dr. Antonio Vicente
Bulcão Vianna



Collegio Coração de Jesus — Florianópolis

Candidatando-se a uma vaga aberta no Senado federal, foi substituído pelo Presidente do Congresso representativo do Estado, dr. Antonio Vicente Bulcão Vianna, medico militar, natural da Bahia.



Dr. Adolpho Konder

13 — A frente da alta administração, no quadriennio seguinte (1926-1930), esteve o itajahyense dr. Adolpho Konder, bacharel em direito, como Presidente eleito, sendo substituído em duas curtas ausências pelo Vice-presidente dr. Walmor Ribeiro. Já no fim do periodo governamental, para descompatibilizar-se e empolgar o posto deixado no Senado pelo muito digno e muito honrado general dr. Felipe Schmidt, o dr. Konder re-

signou o cargo, tendo a substituído ainda o Presidente do Congresso acima referido.

A situação financeira e a vida economica do Estado estavam a reclamar urgentes remedios, fazendo-se mister intensificar a economia em todos os ramos do serviço



Instituto Polytechnico, Florianopolis

publico, regularizar a divina externa, que era asphyxiante, equilibrar os orçamentos, reconstituir, afinal, o ramo das finanças, avivando com energia, tenacidade e estímulo a produção, o trabalho agrícola e industrial, o melhoramento da pecuaria, a abertura de novas, necessarias e uteis vias de comunicação, apparelhando sob bases modernas os serviços portuarios, etc. Tudo isso foi abordado pelo dr. Konder em mensagens, em meio cento de «Discursos e allocuções», em artigos do jornal official, mandados enfeixar em volume pelos seus apaniguados e partidarios, e em entrevistas concedidas á imprensa do Rio...

14 — Para reger os destinos do Estado no quadriennio 1930-1934, haviam sido escolhidos, para Presidente, o dr. Fulvio Coriolani Aducci, e, para Vice-presidente, o advogado Accacio Moreira. O novo administrador só esteve no poder vinte e seis dias (de 28 de Setembro a 24 de Outubro), sendo forçado a abandonar, precipitadamente, o governo e a embarcar para o Rio de Janeiro, diante da estrondosa victoria do mais formidavel movimento regenerador que tem agitado a nossa Patria.



Dr. Fulvio Aducci

15 — Uma columna revolucionaria que, marchando do Rio-Grande do Sul, fora reforçada com elementos catharinenses, e se encontrava no continente fronteiro, entrou em Florianopolis, tomando posse da cidade, depôz todas as autoridades civis e militares, que prestavam obediencia á antiga situação politica. Por ordem superior assumiu o Governo civil e militar do Estado o distincto general Ptolomeu de Assis Brasil, natural do Rio Grande. Em a vibrante proclamação que lançou ao Povo catharinense, encontramos estas elevadas e confortadoras palavras: — «Descance a grande familia catharinense: a

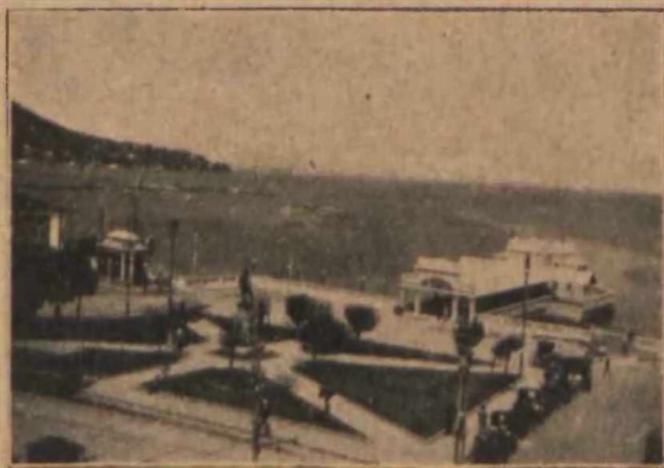
sua honra, a sua tranquillidade, a sua dignidade, os seus lares, os seus chefes não conhecerão as durezas

crueis com que a guerra civil ensanguenta as populações desarmadas e se mancha nos crimes das vinganças mesquinhas. Não permitirei vindictas pessoasas. Garantirei os individuos como as familias. A Victoria não tem dobras no seu manto para acobertar picuinhas e alimentar o pulguedo das intrigas. A hora é ainda da Força, mas não o é menos da Paz».



General Assis Brasil

16 — E sob esta atmospherá de bonança, de ordem, de moralidade, de trabalho, de regeneração enfim, a bem fadada terra catharinense, é de esperar, se encaminhará, embalada pelo amor e patriotismo dos seus filhos, para a radiosa finalidade que lhe está fatalmente reservada dentro dos novos, amplos e gloriosos destinos da grande e extremecida Patria Brasileira.



Florianópolis

DADOS CHRONOLOGICOS

REIS DE PORTUGAL

Casa de Aviz . . .		D. Manuel (1495-1521)	}	Espanha
		D. João III (1521-1557)		
		D. Sebastião (1557-1578)		
		D. Henrique (1578-1580)		
		Junta governativa (1580)		
» d'Austria . .		Felippe I (1580-1598)	}	Espanha
		Felippe II (1598-1623)		
		Felippe III (1623-1640)		
» de Bragança		D. João IV (1640-1656)	}	
		D. Affonso VI (1656-1683)		
		D. Pedro II (1683-1706)		
		D. João V (1706-1750)		
		D. José I (1750-1777)		
		D. Maria I (1777-1816)		
		D. João VI (1816-1822)		

IMPERADORES DO BRASIL

- D. Pedro I (1822-1831)
- D. Pedro II (1831-1889)

REGENCIAS DO IMPERIO

Regencia trina provisoria (7/IV a 17/VI/1831):

José J. Carneiro de Campos, marquez de Caravellas, senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, e general Francisco de Lima e Silva.

Regencia trina definitiva (17/VI/1831 a 12/X/1835):

General Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho, marquez de Mont'Alegre, e deputado João Bráulio Muniz.

Regência una:

- Padre Diogo Antonio Feijó (1835-37)
 Pedro de Araujo Lima, marquez de Olinda (1837-1810)

Regência (por ausencia do Imperador)

- Princesa D. Isabel, condessa d'Eu (1871-72), (1875-76) e (1887-1888).

PRESIDENTES DA REPUBLICA

1. Marechal Manuel Deodoro da Fonseca (1889-1891)
2. » Floriano Vieira Peixoto, V. P. (1891-1894)
3. Dr. Prudente José de Moraes e Barros (1894-1896)
4. Dr. Manuel Victorino Pereira, V. P. (1896-1897)
5. Dr. Prudente José de Moraes e Barros (1897-1898)
6. Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles (1898-1900)
7. Dr. Francisco de Assis Rosa e Silva, V. P. (1900)
8. Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles (1900-1902)
9. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906)
10. Dr. Affonso Augusto Moreira Penna (1906-1909)
11. Dr. Nilo Procopio Peçanha, V. P. (1909-1910)
12. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca (1910-1914)
13. Dr. Wenceslau Braz P. Gomes (1914-1918)
14. Dr. Delphim Moreira da Costa Ribeiro, V. P. (1918-1919)
15. Dr. Epitacio da Silva Pessoa (1919-1922)
16. Dr. Arthur da Silva Bernardes (1922-1926)
17. Dr. Washington Luis Pereira de Souza (1926-1930)
18. Dr. Getulio Vargas (Governo Provisorio) 1930.

GOVERNADORES GERAES E VICE-REIS

(Carta régia de 7/1/1549)

1. Thomé de Souza (1549-1553)
2. d. Duarte da Costa (1553-1558)
3. Mem de Sá (1558-1572)
4. Antonio Salema (1572-1577) — Governo do Sul.
5. Diogo Lourenço da Veiga (1578-1581)
6. Governo interino (1581-1583)
7. Manuel Telles Barreto (1583-1587)
8. Junta governativa (1587-1591)
9. d. Francisco de Souza (1591-1602)
10. Diogo Botelho (1602-1608)
11. d. Diogo de Menezes (1608-1613)
12. d. Francisco de Souza (1609-1611) Governo do Sul
13. d. Luiz de Souza (1611-1613) » » »
14. Salvador Correia de Sá (o velho) (1613-1617)
15. d. Luiz de Souza (1617-1622)
16. Diogo de Mendonça Furtado (1622-1624)

17. Mathias de Albuquerque (1621-1625)
18. Francisco de Moura Rollim (1625-1627)
19. Diogo Luiz de Oliveira (1627-1635)
20. Pedro da Silva (1635-1639)
21. Conde da Torre (1639)
22. Conde de Obidos (1639-1640)
23. Marquez de Montalvão (1640-1641) — 1.º Vice-rei
24. Junta governativa (1641-1642)
25. Antonio Telles da Silva (1642-1647)
26. Conde da Villa Pouca (1647-1650)
27. Conde de Castello Melhor (1650-1654)
28. Conde de Atouguia (1654-1657)
29. Francisco Barreto de Menezes (1657-1663)
30. 2.º Conde de Obidos (1663-1667) — 2.º Vice-rei
31. Alexandre de Souza Freire (1667-1671)
32. Affonso F. de C. R. de Mendonça, visc. de Barbacena (1671-75)
33. Governo interino (1675-1678)
34. Roque da Costa Barreto (1678-1682)
35. Antonio de Souza Menezes (1682-1684)
36. 2.º Marquez de Minas (1684-1687)
37. Mathias da Cunha (1687-1690)
38. Governo interino (1690)
39. Antonio L. G. da Camara Coutinho (1690-1694)
40. d. João de Lencastre (1694-1702)
41. d. Rodrigo da Costa (1702-1705)
42. Luiz Cesar de Menezes (1705-1710)
43. Lourenço d'Almada (1710-1711)
44. Pedro de Vasconcellos e Souza (1711-1714)
45. Marquez de Angeja (1714-1718) — 3.º Vice-rei
46. 2.º Conde de Vimieiro (1718-1719)
47. Governo interino (1719-1720)
48. Fernando C. de Menezes, Conde de Sabugosa (1720-35) —
4.º Vice-rei
49. Conde das Galvêas (1735-1749) — 5.º Vice-rei
50. Conde de Atouguia (1749-1755) — 6.º Vice-rei
51. Governo interino (1755)
52. 5.º Conde dos Arcos (1755-1760) — 7.º Vice-rei
53. 1.º Marquez do Lavradio (1760-1763) — 8.º Vice-rei
54. Gomes Freire de Andrada (1763) — 9.º Vice-rei
55. Conde da Cunha (1763-1767) — 10.º Vice-rei
56. Conde de Azambuja (1767-1769) — 11.º Vice-rei
57. 2.º Marquez do Lavradio (1769-1779) — 12.º Vice-rei
58. Luiz de Vasconcellos (1779-1790) — 13.º Vice-rei
59. Conde de Rezende (1790-1801) — 14.º Vice-rei
60. Marquez de Aguiar (1801-1806) — 15.º Vice-rei
61. 8.º Conde dos Arcos (1806-1808) — 16.º Vice-rei

DONATARIOS DA CAPITANIA DE SANTO AMARO E TERRAS DE SANT'ANNA

1. Pero Lopes de Souza (1534-39)
2. Isabel de Gambôa (1539)
3. Martim A. de Souza, sobrinho
4. Jeronyma de Albuquerque e Souza
5. Isabel de Souza Miranda (1602)
6. Lopo de Souza, conde de Monsanto (1610) (S. Vicente)
7. Martim de Sá (por ordem regia)
8. d. Marianna, condessa de Vimieiro (1610)
9. d. Sancho de Faro e Souza (1640)
10. d. Affonso de Faro
11. d. Diogo de Faro e Souza (1648)
12. d. Luiz Carneiro, conde da ilha do Principe (1679)
13. Francisco Luiz Carneiro (1681)
14. Antonio Carneiro, 2.º conde da I. do Principe (1691)
15. Luiz de Castro e Souza, marquez de Cascaes
16. Conde de Monsanto (1617) intruso.

CAPITAES-MÓRES E LOCO-TENENTES DE PERO LOPES DE SOUZA

1. Gonçalo Affonso (Ouvidor) 1533)
2. Christovam de Aguiar Altero (1542)
3. Jorge Ferreira
4. Antonio Rodrigues d'Almeida (1557)
5. D. Lourenço da Veiga (1557)
6. Salvador C. de Sá e Benevides (1578)
7. Antonio Pedroso de Barros (1606)
8. João de Moura Fogaça (1621)

GOVERNADORES DA PRAÇA DE SANTOS

1. Domingos de Araujo (1692)
2. Jorge Soares de Macedo (1700)
3. José Monteiro de Mattos (1708)
4. Manuel Gomes Barbosa (1710)
5. Luiz Antonio de Sá Queiroga (1716).
6. João Martins Claro (1718)
7. João da Costa Ferreira de Brito (1720)
8. Manuel Gonçalves de Aguiar (1721)
9. Antonio Gayoso Nogueirol (1723)
10. João dos Santos Ala
11. Alexandre L. de Souza Menezes (1748)

GOVERNADORES DO RIO DE JANEIRO

1. Estacio de Sá (1565)
2. Salvador Corrêa de Sá (1568)
3. Christovam de Barros (1571)
1. Antonio Salema (1574) 1.º Gov. geral
5. Salvador Corrêa de Sá (1577)
6. Francisco M. de Vasconcellos (1599)
7. Martin de Sá (1601)
8. Alfonso de Albuquerque (1608)
9. d. Francisco de Souza (1609) 2.º Gov. geral
10. d. Luiz de Souza (1610) 3.º Governador geral
11. Constantino de Menelau (1614)
12. Ruy Vaz Pinto (1617)
13. Francisco Fajardo (1620)
14. Martin de Sá (1623)
15. Rodrigo de M. Henriques (1633)
16. Salvador C. de Sá e Benevides (1637)
17. Duarte Corrêa Vasqueanes (1642)
18. Luiz Barbalho Bezerra (1643)
19. Francisco de Souto Maior (1644)
20. Duarte C. Vasqueanes (1645)
21. Salvador C. de Sá e Benevides (1648)
22. Duarte Corrêa Vasqueanes (1648)
23. Salvador de Brito Pereira (1649) Governador
24. Antonio Galvão (1651)
25. d. Luiz de Almeida, conde de Avintes (1652)
26. Thomé Corrêa de Alvarenga, int. (1657)
27. Salvador C. de Sá e Benevides (1659)
28. Thomé C. de Alvarenga, int. (1660)
29. Agostinho B. Bezerra (1660)
30. O Senado da Camara
31. João Corrêa de Sá
32. Pedro de Mello (1662)
33. d. Pedro de Mascarenhas (1666)
34. João da Silva e Souza (1670)
35. Mathias da Cunha (1675)
36. d. Manuel Lobo (1679)
37. João Tavares Roldon (1679)
38. Pedro Gomes (1681)
39. Duarte Teixeira Chaves (1682)
40. O Senado da Camara (1683)
41. João F. de Mendonça (1686)
42. d. Francisco N. de Lencastre (1689)
43. Luiz Cesar de Menezes (1690)
44. Antonio Paes de Sande (1693)
45. O Senado da Camara

46. André Cusaco (1694)
47. Sebastião de Castro e Caldas (1695)
48. Arthur de Sá e Menezes (1697)
49. Martin Corrêa Vasques (1697)
50. Francisco de Castro e Moraes (1700)
51. d. Myaro de S. Albuquerque (1702)
52. d. Fernando M. de Mascarenhas (1705)
53. d. Francisco de S. Jeronymo, bispo
54. Antonio de Albuquerque C. de Carvalho (1709)

GOVERNADORES DE S. PAULO

1. Antonio A. Coelho de Carvalho (1710)
2. d. Braz Balthazar da Silveira (1713)
3. Conde de Assumar (1717)
4. Rodrigo Cesar de Menezes (1721-27)
5. Governo interino
6. Antonio S. Caldeira Pimentel (1727-32)
7. A. L. do Tavora, conde de Sarzedas (1732-37)
8. Gomes Freire de Andrade, int. (1737-39)
9. d. Luiz Mascarenhas (1739-48)

BISPADO DO PARANA E SANTA CATHARINA

1. d. José de Camargo Barros (1894)
2. d. Duarte Leopoldo e Silva (1904)
3. d. João Francisco Braga (1908)

BISPADO DE SANTA CATHARINA

1. d. João Becker (1908)
2. d. João Borges Quintão (1913) renunciou
3. P. Francisco Topp, Vigario geral
4. d. Joaquim Domingues de Oliveira (1914)

ARCEBISPADO DE SANTA CATHARINA

1. d. Joaquim Domingues de Oliveira

BISPADO DE JOINVILLE

1. d. Pio de Freitas

BISPADO DE LAGES

1. d. Daniel Hostin

GOVERNADORES E PRESIDENTES DE SANTA CATHARINA

(Brasil-colônia)

1. Brigadeiro José da Silva Paes (1739-42)
2. Capitão Patricio M. de Figueiredo, int. (1742-41)
3. Major Pedro de Azambuja Ribeiro, int. (1744)
4. Brigadeiro José da Silva Paes (1744-49)
5. Coronel Manuel E. Ferreira de Souza (1749-53)
6. d. José de Mello Manuel (1753-60)
7. João A. de Souza Falcão (falleceu antes de tomar posse)
8. d. José de Mello Manuel (1760-62)
9. Coronel Francisco A. Cardoso de Menezes e Souza (1762-65)
10. Tenente Francisco de Souza e Menezes (1765-75)
11. Coronel Pedro Antonio da Gama Freitas (1775-77)
Invasão espanhola
12. Tenente-coronel Antonio de Andrade (terra firme) (1777-78)
13. Coronel Francisco A. V. Cabral da Camara (1778-79)
14. Brigadeiro Francisco B. M. A. Teixeira Omem (1779-86)
15. Major José Pereira Pinto (1786-91)
16. Tenente-coronel Manuel Soares Coimbra (1791-93)
17. Tenente-coronel João A. de Miranda Ribeiro (1793-800) int.
Tenente-coronel José da Gama L. C. d'Eça
18. Ouvidor Aleixo Maria Caetano (Triumvirato) (1800)
Vereador José Pereira da Cunha
19. Coronel Joaquim Xavier Curado (1800-05)
20. Tenente d. Luiz Mauricio da Silveira (1805-17)
21. Coronel João V. Tovar e Albuquerque (1817-21)
22. Tenente-coronel Thomaz J. P. Valente (1821-22)

(Brasil-imperio)

- | | |
|-----|--|
| 23. | Capitão-mór Jacintho Jorge dos Anjos |
| | Major José da Silva Mafra |
| | Capitão João de Bittencourt P. M. de Souza (1822-24) |
| 24. | Vigário Joaquim de Sant'Anna Campos |
| | Major Francisco Luiz do Livramento |
| 25. | Dr. João Antonio Rodrigues de Carvalho (1824-25) 1.º Prs |
| 26. | Brigadeiro Francisco de Albuquerque Mello (1825-30) |
| 27. | Chefe-divisão Miguel de S. Mello e Alvim (1830-31) |
| 28. | Major Francisco Luiz do Livramento V. P. (1831) |
| 29. | Feliciano Nunes Pires (1831-35) |
| 30. | José M. de Albuquerque Cavalcanti (1835-36) |
| 31. | Major Francisco Luiz do Livramento V. P. (1836-37) |
| 32. | Brigadeiro José J. Machado de Oliveira (1837) |
| 33. | Brigadeiro João Carlos Parda (1837-39) |
| 34. | Marechal Francisco J. de S. S. de Andréa (1839-40) |
| 35. | Marechal Antéro J. Ferreira de Brito (1840-48) |
| 36. | Dr. Severo Amorim do Valle 3.º V. P. (1848-49) |

36. Dr. Antonio Pereira Pinto (1849)
37. Dr. Severo Amorim do Valle 3.º V. P. (1849-50)
38. Dr. João José Coutinho (1850-59)
39. Dr. Esperidião E. de Barros Pimentel 2.º V. P. (1859)
40. Dr. Francisco C. de Araujo Brusque (1859-61)
41. Dr. João J. de Andrade Pinto 3.º V. P. (1861)
42. Dr. Ignacio da Cunha Galvão (1861)
43. Padre Vicente Pires da Motta (1861-62)
44. Commendador João F. de Souza Coutinho 1.º V. P. (1862)
45. Capitão-tenente Pedro Leitão da Cunha (1862-63)
46. Commendador Francisco José de Oliveira 1.º V. P. (1863-64)
47. Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves (1864-65)
48. Commendador Francisco J. de Oliveira 1.º V. P. (1865)
49. Dr. Adolpho de Barros C. A. Lacerda (1865-67)
50. Commendador Francisco J. de Oliveira 1.º V. P. (1867)
51. Dr. Adolpho de B. Cavalcanti de A. Lacerda (1867)
52. Commendador Francisco J. de Oliveira 1.º V. P. (1868)
53. Commendador João F. de Souza Coutinho V. P. (1868)
54. Commendador Francisco J. de Oliveira 1.º V. P. (1868)
55. Dr. Carlos de Cerqueira Pinto (1868-69)
56. Dr. Carlos Augusto Ferraz de Abreu (1869)
57. Coronel Joaquim Xavier Neves 3.º V. P. (1869)
58. Dr. Manuel do Nascimento F. Galvão 2.º V. P. (1869-70)
59. Dr. André Cordeiro de Araujo Lima (1870)
60. Dr. Manuel do N. Fonseca Galvão 2.º V. P. (1870)
61. Dr. Manuel Vieira Tosta 1.º V. P. (1870)
62. Dr. Francisco Ferreira Correia (1870-71)
63. Dr. Manuel Vieira Tosta 1.º V. P. (1871)
64. Dr. Joaquim Bandeira de Gouveia (1871-72)
65. Dr. Guilherme Cordeiro Coelho Cintra (1872)
66. Dr. Ignacio Accioli de Almeida 3.º V. P. (1872)
67. Dr. Delfino P. de Ulhoa Cintra Junior (1872)
68. Dr. Manuel do Nascimento F. Galvão 2.º V. P. (1872-73)
69. Dr. Ignacio Accioli de Almeida 3.º V. P. (1873)
70. Dr. Pedro Affonso Ferreira (1873)
71. Tenente coronel Luiz F. do Nascimento Mello 4.º V. P. (1873)
72. Dr. João Thomé da Silva (1873-75)
73. Tenente-coronel Luiz F. do N. Mello 4.º V. P. (1875)
74. Dr. João C. Bandeira de Mello Filho (1875-76)
75. Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay (1876-77)
76. Dr. Herminio F. do Espírito Santo 1.º V. P. (1877)
77. Dr. José Bento de Araujo (1877-78)
78. Dr. Joaquim da Silva Ramalho 1.º V. P. (1878)
79. Dr. Lourenço Cavalcanti de Albuquerque (1878)
80. Dr. Joaquim da Silva Ramalho 1.º V. P. (1878-79)
81. Dr. Antonio de Almeida Oliveira (1879-1880)
82. Coronel Manuel Pinto de Lemos 1.º V. P. (1880)

83. Dr. João Rodrigues Chaves (1880-82)
 84. Dr. Joaquim Augusto do Livramento 3.º V. P. (1882)
 85. Dr. Ernesto Francisco de Lima Santos (1882)
 86. Dr. Joaquim Augusto do Livramento 3.º V. P. (1882)
 87. Dr. Antonio Gonçalves Chaves (1882-83)
 88. Coronel Manuel Pinto de Lemos 1.º V. P. (1883)
 89. Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto (1883)
 90. Dr. Francisco Luiz da Gama Rosa (1883-84)
 91. Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá (1884-85)
 92. Coronel Manuel Pinto de Lemos 1.º V. P. (1885)
 93. Dr. Antonio Lara da Fontoura Palmeiro (1885)
 94. Dr. Francisco José da Rocha (1885-88)
 95. Coronel Augusto Fausto de Souza (1888-89)
 96. Dr. José Ferreira de Mello V. P. (1889)
 97. Conego Joaquim Eloy de Medeiros 2.º V. P. (1889)
 98. Dr. Abdon Baptista 1.º V. P. (1889)
 99. Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello (1889)

(Brasil Republica)

100. { Coronel João B. do Rego B. Cavalcanti de Albuquerque
 Dr. Alexandre Marcelino Bayma (1889)
 Pharmaceutico Raulino Julio Adolpho Horn
 101. Tenente Lauro Severiano Müller (1889)
 102. Coronel Raulino J. Adolpho Horn 1.º V. Gr. (1889)
 103. Tenente Lauro S. Müller (1890)
 104. Coronel Raulino J. Adolpho Horn 1.º V. Gr. (1890)
 105. Coronel Gustavo Richard 2.º V. Gr. (1890)
 106. Tenente Lauro S. Müller (1891)
 107. { Coronel Luiz dos Reis Falcão
 1.º Tenente Arthur Deocleciano de Oliveira (1891-92)
 Christovam Nunes Pires
 108. Tenente Manuel Joaquim Machado (1892)
 109. Tenente-coronel Elyseu Guilherme da Silva (1892)
 110. Dr. Hercilio Pedro da Luz (revolucionario) (1893)
 111. Tenente-coronel Elyseu Guilherme da Silva (1893)
 112. Christovam Nunes Pires (1893)
 113. Tenente Manuel Joaquim Machado (1893)
 114. Tenente Francisco de Salles Brasil (1893)
 115. Cel. Francisco de Paula Argollo (S. Bento) (1893)
 116. Christovam Nunes Pires (1893-94)
 117. Tenente Manuel Joaquim Machado (1894)
 118. Tenente Aristides de Villas-Bôas Inter. (1894)
 119. Coronel Antonio Moreira Cesar (Gov. militar) (1894)
 120. Dr. Hercilio Pedro da Luz (1894)
 121. Dr. Polydoro Olavo Santiago V. G. (1894-95)
 122. Dr. Hercilio Pedro da Luz (1895)
 123. Dr. Polydoro Olavo Santiago V. G. (1895)

124. Dr. Hercilio Pedro da Luz (1895-98)
125. Major Felipe Schmidt (1898-1902)
126. Dr. Lauro Severiano Müller (1902)
127. Coronel Antonio P. da Silva Oliveira V. G. (1902)
128. Coronel Vidal J. de Oliveira Ramos V. G. (1902-1905)
129. Coronel Antonio P. da Silva Oliveira V. G. (1905-1906)
130. Dr. Abdon Baptista V. G. (1906)
131. Coronel Gustavo Richard (1906-10)
132. Coronel Vidal J. de Oliveira Ramos (1910-12)
133. Coronel Eugenio Luiz Müller V. G. (1912)
134. Coronel Vidal J. de Oliveira Ramos (1912-14)
135. Major João Guimarães Pinho (Pres. Congr.) (1911)
136. Coronel Felipe Schmidt (1914-15)
137. Dr. Antonio W. Navarro Lins (Pres. Tribunal) (1915)
138. Major João Guimarães Pinho (Pres. Congr.) (1915)
139. Coronel Felipe Schmidt (1915-16)
140. Coronel Antonio P. da Silva Oliveira V. G. (1916)
141. Coronel Felipe Schmidt (1916)
142. Dr. Hercilio Pedro da Luz V. G. (1918-20)
143. Coronel Raulino A. Horn (Pres. Congr.) (1920)
144. Dr. Hercilio P. da Luz V. G. (1920)
145. Coronel Raulino A. Horn (Pres. Congr.) (1920)
146. Dr. Hercilio P. da Luz V. G. (1920-21)
147. Coronel Raulino A. Horn (Pres. Congr.) (1921)
148. Dr. João da Silva Medeiros (Pres. Trib.) (1921)
149. Coronel Raulino A. Horn (1921-22)
150. Dr. Hercilio Pedro da Luz (1922-24)
151. Coronel Antonio P. da Silva Oliveira V. G. (1924-26)
152. Dr. Antonio V. Bulcão Vianna (Pres. Congres.) (1926)
153. Dr. Adolpho Konder (1926-27)
154. Dr. Walmor Ribeiro V. G. (1927-28)
155. Dr. Adolpho Konder (1928)
156. Dr. Walmor Ribeiro V. G. (1928-29)
157. Dr. Adolpho Konder (1929-30)
158. Dr. Antonio V. Bulcão Vianna (1930)
159. Dr. Adolpho Konder (1930)
160. Dr. Antonio V. Bulcão Vianna (1930)
161. General Plolomeu Assis Brasil (intervenor) 1930.

INDICE

Prefacio da primeira edição	3
Duas Palavras	5
Decreto de adopção	7
Parecer do Director da Instrucção	8
Parecer do Inspector geral do Ensino	9
I. — O Descobrimento	11
II. — A Terra catharinense	19
III. — Os Aborigenes	30
IV. — Primeiros reconhecimentos	41
V. — Portuguezes e castelhanos	53
VI. — O Governo geral. A catequese	63
VII. — O littoral. Primeiras penetrações	73
VIII. — Fundação de S. Francisco. O municipalismo	79
IX. — Desterro e Laguna	86
X. — Novos povoadores. A capitania de S. Paulo	95
XI. — A vida catharinense	101
XII. — Os surtos para o sertão. Guarnição militar	104
XIII. — Capitania subalterna	108
XIV. — Colonização açorita e madeirense	113
XV. — Novas freguezias. Lages	118
XVI. — A invasão espanhola	125
XVII. — Novas administrações	130
XVIII. — Derradeiros governos coloniaes	134
XIX. — Primeiros presidentes	140
XX. — A Assembléa provincial. Novas administrações	146
XXI. — A Republica juliana	150
XXII. — Colonização estrangeira	155
XXIII. — A guerra do Paraguay	161
XXIV. — Novas gestões. Campanha abolicionista	166
XXV. — O regimen republicano	173
XXVI. — A revolução federalista	178
XXVII. — Dominio da legalidade	182
XXVIII. — Novas administrações	187
— Dados chronologicos	197

GRAVURAS

Personagens

1.	Christovam Colombo	11
2.	Papa Alexandre VI	12
3.	Vasco da Gama	12
4.	Amerigo Vespucci	13
5.	D. Manuel, o <i>Venturoso</i>	14
6.	Pedro Alvares Cabral	14
7.	Victor Meirelles	17
8.	Dr. Henrique Fontes	20
9.	Barão do Rio Branco	21
10.	João Dias de Solis	46
11.	Sebastião Caboto	50
12.	D. João III	54
13.	Martim Affonso	54
14.	D. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca	60
15.	Ignacio de Loyola	63
16.	Thomé de Souza	63
17.	P. Manoel da Nobrega	64
18.	Carlos V	64
19.	Hans Sladen	66
20.	Herdinando Trejo y Sanabria	67
21.	D. Sebastião	69
22.	Bispo D. Antonio Barreiros	72
23.	D. Henrique	72
24.	Felippe II	72
25.	Salvador Corrêa de Sá e Benevides	83
26.	D. Affonso VI	86
27.	Francisco Dias Velho	87
28.	P. Antonio Vieira	87
29.	D. João V	96
30.	Gomes Freire de Andrade	108
31.	José da Silva Paes	109
32.	Irmão Joaquim	119
33.	Marquez de Pombal	125
34.	Raphael Pinto Bandeira	127
35.	Joaquim Xavier Curado	134
36.	Napoleão Bonaparte	136
37.	D. João VI	136
38.	General Lecór	137

39.	Major J. da Silva Mafra	140
40.	Príncipe D. Pedro	141
41.	Claudio Luiz da Costa	142
42.	J. A. Rodrigues de Carvalho	142
43.	Brig. ^o Albuquerque Mello	143
44.	José Lamego Costa	144
45.	Jesuino Lamego Costa	144
46.	Francisco P. Machado	144
47.	Barão de Antonina	144
48.	Souza Mello e Alvim	145
49.	Francisco L. Livramento	145
50.	Jeronymo Francisco Coelho	146
51.	Feliciano Nunes Pires	147
52.	Marianno de Albuquerque	148
53.	J. J. Machado de Oliveira	149
54.	João Carlos Pardal	149
55.	Bento Gonçalves	150
56.	David Canabarro	151
57.	José Garibaldi	151
58.	P. dos Santos Cordeiro	152
59.	Francisco José de Souza S. de Andréa	152
60.	Frederico Mariath	153
61.	Brigadeiro Gama Lobo	153
62.	Anna de Jesus Ribeiro	154
63.	D. Pedro II aos 14 annos	155
64.	Marechal Ferreira de Brito	156
65.	D. ^a Thereza Christina	157
66.	D. Pedro II	157
67.	João Pinto da Luz	158
68.	Padre Paiva	158
69.	Hermann Blumenau	158
70.	Aguirre	161
71.	Francisco Solano Lopez	162
72.	Fernando Gomes Caldeira de Andrade	163
73.	General Polydoro	165
74.	General Guilherme Xavier	165
75.	Brigadeiro Bittencourt	165
76.	Almirante Torres e Alvim	165
77.	Fernando Machado	165
78.	Alvaro de Carvalho	165
79.	Almirante José Marques Guimarães	166
80.	Almirante João Justino de Proença	166
81.	General Camara	166
82.	General Resim Filho	166
83.	Pedro Soares	166
84.	Coronel Manoel José Machado da Costa	166
85.	Visconde de Taunay	170

86.	Dr. Ramalho	171
87.	Joaquim Augusto do Livramento	172
88.	Francisco Luiz da Gama Rosa	172
89.	Princeza D. ^a Isabel	173
90.	Cel. Germano Wendhausen	174
91.	Cruz e Souza	174
92.	José Veiga	175
93.	A. Justiniano Esteves Junior	175
94.	Raulino Julio Adolpho Horn	177
95.	Lauro Müller	177
96.	Luiz Delfino dos Santos	178
97.	Marcchal Floriano Peixoto	178
98.	Christovam Nunes Pires	179
99.	Manoel Joaquim Machado	180
100.	Elyseu Guilherme da Silva	180
101.	Dr. Hercilio Luz	182
102.	Custodio J. de Mello	182
103.	Tenente Salles Brasil	183
104.	Frederico Guilherme de Lorena	183
105.	Almirante Jeronymo Gonçalves	184
106.	Alexandrino de Alencar	181
107.	Antonio Moreira Cezar	185
108.	Barão de Batovy	185
109.	Caldeira de Andrade	185
110.	Tobias Becker	185
111.	Manuel da Silva Mafra	187
112.	D. José de Camargo Barros	187
113.	Felippe Schmidt	187
114.	Coronel Vidal José de Oliveira Ramos	189
115.	Coronel Antonio Pereira da Silva Oliveira	189
116.	Dr. Abdon Baptista	189
117.	Cel. Gustavo Richard	190
118.	D. Joaquim Domingues de Oliveira	190
119.	Orestes Guimarães	190
120.	Cel. Eugenio Müller	191
121.	O monge João Maria	191
122.	Major João Guimarães Pinho	192
123.	Navarro Pereira Lins	193
124.	Dr. Antonio Vicente Bulcão Vianna	195
125.	Dr. Adolpho Konder	196
126.	Dr. Fulvío Aducci	197
127.	General Ptolomeu Assis Brasil	198

Mappas e plantas

1. Mappa dos limites das terras conquistadas por Portugal e Espanha, conforme o tratado de Tordesillas em 1495 12-13
2. Mappa da Provincia de Santa Cruz 15

3.	A America do Planispherio de Cantino — 1502	18
4.	Mappa do Est. de Santa Catharina (apud Vieira da Rosa)	20-21
5.	Perfil do Estado aos 27º lat. sul (apud C. Marcial — Campanha do Contestado)	23
6.	Os Principaes Morros do Estado de Santa Catharina	25
7.	Ilha de São Francisco (apud Vieira da Rosa)	44
8.	Perfil da America	45
9.	Fragmento do Mappa-Mundi de Sebastião Caboto, 1544, em que pela primeira vez, se lê o nome Santa Catharina	52
10.	Distribuição das Donatarias	57
11.	Mappa do Paragnai, do jesuita P. Pedro Francisco Xavier de Charlevoix — 1756. (Museu Paulista)	58-59
12.	Fragmento do mappa attribuido a Rui Diaz de Gusman	61
13.	Planta da Colonia do Sacramento	91
14.	Ilha de Santa Catharina, 1712 — Frézier	97
15.	Mappa do Districto da Villa de S. Francisco do Sul (1720)	103
16.	Carta topographica da Capitania de S. Paulo e seu sertão. 3.º quartel do seculo XVIII. (Museu Paulista)	104-105
17.	Planta Especial da Ilha de Santa Catharina	115

Quadros, vistas e typos

1.	Porto Seguro	16
2.	Arvore do Pau Brasil	16
3.	A Segunda Missa — quadro de Victor Meirelles	17
4.	Caravella	19
5.	Ponte da E. F. São Paulo Rio Grande em Porto União	21
6.	Marco divisorio Brasil-Argentina em Barracão	22
7.	Salto do Rio do Peixe	24
8.	Ganchos — Vista actual	27
9.	Floresta de Santa Catharina — Viagem de Lesson, 1822	28
10.	Ilha de Santa Catharina, 1837 — F. Denis	29
11.	Dança religiosa dos Tupinambás	32
12.	Signaes de ataque dos Coroados	33
13.	Indio Guarani	33
14.	Ataque a uma taba	34
15.	Chefe de uma tribu	35
16.	Indios caçando	36
17.	Preparação do cauim	37
18.	Urna	38
19.	Instrumentos de pesca; arcos e flexas	38
20.	Dança guerreira dos indios	39
21.	Indio Botocudo	40
22.	Sambaquis	40
23.	Cananéa em 1868	42
24.	Morte de Solis	47
25.	Primeira entrada	49
26.	Baptismo do primeiro carijó	50

27.	Construcção da primeira embarcação em Santa Catharina	51
28.	Fundação da Capitania de S. Vicente — Quadro de B. Calixto	55
29.	Iguape, vista actual	59
30.	A travessia do sertão	62
31.	Ilha de Santa Catharina — 1549	65
32.	Mem de Sá — Parte de um quadro de Parreiras	70
33.	São Salvador — 1625	71
34.	Tubarão	75
35.	Uma Bandeira a caminho do Sertão	76
36.	Um bandeirante	77
37.	Pernoite de uma monção no sertão — Desenho de Hercules Florence	78
38.	S. Francisco do Sul — 1855	81
39.	Pelourinho	82
40.	Engenho de assucar no seculo XVII	85
41.	Cathedral de Desterro, 1866. — Desenho de Tschudi	88
42.	Vista actual da Cathedral	89
43.	Ataque do cap. Thomaz Frins ao povoado de Nossa Senhora do Desterro — 1689	92
44.	Laguna	93
45.	Lavagem de ouro em Villa Rica, hoje cidade de Ouro Preto, Minas	95
46.	Vista de Nossa Senhora do Desterro na Ilha de Santa Catharina. Viagem de Zimmermann, 1808	99
47.	Vista actual de São Francisco	101
48.	Um Barriga-Verde	110
49.	Fortaleza Santa Cruz	111
50.	Vista das costas do N. E. da Ilha de Santa Catharina	112
51.	Vista da ent. septentrional do porto de Santa Catharina	112
52.	Typos de açorianos	114
53.	São José	116
54.	Capella fundada em 1762 e Primeiro Hospital fundado em 1788	121
55.	Porto União — Rio Iguassú	124
56.	O desembarque dos castelhanos em Canasvieira	128
57.	Vista da Ilha de Santa Catharina — Viagem de La Perouse, 1785	131
58.	Capitania dos Portos	133
59.	Vista da cidade de Nossa Senhora do Desterro na Ilha de Santa Catharina. Viagem de Krusenstern — 1803	135
60.	Vista de Nossa Senhora do Desterro, na Ilha de Santa Catharina, 1789 — de Fischer	139
61.	O grito do Ypiranga — Quadro de Pedro Americo	141
62.	Villa de Itajahy, 1866 — Desenho de Tschudi	147
63.	Armas do novo Estado Republicano	152
64.	Combate naval da Laguna	154

65.	Porto de Blumenau, 1866 — Desenho de Tschudi	159
66.	Joinville, 1866. Desenho de Tschudi	159
67.	Tomada de Paysandú	162
68.	A Bandeira do 25.º batalhão de Voluntarios	163
69.	Vista do Desterro na Ilha de Santa Catharina, 1866 — Desenho de Tschudi	169
70.	Monumento aos heróes catharinenses da Guerra do Pa- raguay	170
71.	Blumenau, 1866. Desenho de Tschudi	171
72.	Vista actual de São Francisco	175
73.	A Proclamação da Republica (Quadro de Henrique Ber- cardelli)	176
74.	Vista actual de Blumenau	181
75.	Palacio do Governo — Florianopolis	186
76.	Armas do Estado	188
77.	Vista de Florianopolis	192
78.	Ponte Hercilio Luz	191
79.	Collegio Coração de Jesus — Florianopolis	195
80.	Instituto Polytechnico, Florianopolis	196
81.	Florianopolis	198

Autographos

1.	De Henrique Montes	48
2.	» Francisco Garcia	54
3.	» Manoel Manso de Avellar	98
4.	Do Numero Programma do « Catharinense »	146-147

C.^{IA} MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO

(WEISZFLOG IRMÃOS INCORPORADA)

Matriz: SÃO PAULO
Rua Libero Badaró, 30-30 D
Caixa Postal, 2941



Filial: RIO DE JANEIRO
Rua Buenos Aires, 40-42
Caixa Postal, 1617

EDIÇÕES DA CASA:

PEDRO CALMON MONIZ BITTENCOURT

Historia da Bahia	5\$000
Anchieta (O Santo do Brasil)	6\$000

MAX FLEIUSS

Historia da Cidade do Rio de Janeiro	6\$000
Historia Administrativa do Brasil.	20\$000

CLODOMIRO R. DE VASCONCELLOS

Historia do Estado do Rio de Janeiro	6\$000
--	--------

LUCIO JOSE' DOS SANTOS

Historia de Minas Geraes	5\$000
------------------------------------	--------

ROCHIA POMBO

Historia de São Paulo	4\$500
Historia do Paraná	5\$000
Nossa Patria	3\$500
Historia do Brasil (curso secundario)	5\$000
» » » (curso superior)	12\$000
Historia Universal	12\$000
Historia da America — cart. 12\$000 — enc. em percaline	15\$000

CRAVEIRO COSTA

Historia das Alagoas	6\$000
--------------------------------	--------

CRUZ FILHO

Historia do Ceará	a sahir
-----------------------------	---------



C.ª MELHORAMENTOS DE S. PAULO

(WEISZFLOG IRMÃOS INCORPORADA)

SÃO PAULO

Rua Libero Badaró Ns. 30-30 D

Caixa 2941



RIO DE JANEIRO

Rua Buenos Aires Ns. 40-42

Caixa 1617

EDIÇÕES DA CASA

LUCAS A. BOITEUX

Historia de Santa Catharina 6\$000

FIDELINO DE FIGUEIREDO

Estudos de Historia Americana 8\$000

M. DE OLIVEIRA LIMA

Historia da Civilização 15\$000

D. Pedro e D. Miguel 15\$000

O Movimento da Independencia 10\$000

O Imperio Brasileiro 15\$000

LOURENÇO FILHO

Joazeiro do Padre Cicero (scenas e quadros do fanatismo no Nqrdeste) 8\$000

GUSTAVO BARROSO

Almas de Lama e de Aço 6\$000

ASSIS CINTRA

Alma Brasileira 3\$500

D. Pedro I e o Grito da Independencia. 6\$000

O Homem da Independencia 7\$000

VISCONDE DE TAUNAY

A Guerra do Pacifico 5\$000

Cartas da Campanha 5\$000

Diario do Exercito 7\$000

Homens e Cousas do Imperio. 5\$000

Dois Artistas Maximos (José Mauricio e Carlos Gomes) 6\$000

José Mauricio Nunes Garcia 6\$000

A Marchá das Forças 7\$000

Em Matto Grosso Invadido 6\$000

Reminiscencias 5\$000

A Retirada da Laguna 8\$000

A Retirada da Laguna (Edição sem os documentos officiaes) 6\$000

Amelia Smith 6\$000

O Visconde do Rio Branco 6\$000

MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT

A Segunda Imperatriz do Brasil (Amelia de Leuchtenberg) 7\$000